

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

BRINCANDO COM SONS E PALAVRAS

**Rimas e Cantigas Tradicionais Infantis
em contexto de Jardim de Infância**

Vânia da Conceição Mendes

Relatório final realizado no âmbito da área científica de prática de ensino supervisionada.

Lisboa, 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

BRINCANDO COM SONS E PALAVRAS

Rimas e Cantigas Tradicionais Infantis
em contexto de Jardim de Infância

Vânia da Conceição Mendes

Relatório final realizado no âmbito da área científica de prática de ensino supervisionada.

Trabalho orientado por: Dora Batalim

Lisboa, 2015

Epígrafe

Descobrir a grandeza e beleza das tradições mais profundas - dos cantares, das danças, dos jogos, dos contos, das festas - é encontrar uma beleza nova e uma sabedoria ainda útil.

Paulo Pires do Vale

Dedicatória

Às minhas avós que sempre me cantaram.

Aos meus filhos que me deram coragem e força para este percurso.

Agradecimentos

A todos os professores da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, que comigo se cruzaram e, muito fizeram da pessoa que sou hoje e da Educadora que serei amanhã.

À Professora Joaquina Duarte que apesar de, no início deste estudo, eu parecer sem forças e desmotivada, acreditou em mim e na minha capacidade para elaborar o presente estudo.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e foram o meu suporte.

Ao meu marido, que deixou de dormir para me apoiar e ajudar nos momentos mais difíceis que atravessei ao longo deste percurso académico.

Aos meus filhos, que me deram o carinho e alento que eu precisei e souberam esperar (im)pacientes que a mãe terminasse esta jornada.

Em especial à professora Dora Batalim, que foi incansável comigo, na reformulação e correção deste trabalho quando a professora Joaquina Duarte me abandonou neste processo.

Resumo

O presente estudo tem como base a pouca utilização de rimas infantis em contexto de Jardim de Infância por parte dos educadores, segundo o que observei ao longo dos estágios realizados, na minha Licenciatura e Mestrado. Este estudo decorre da minha questão de investigação: “*Como são usufruídas as rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?*” e tem como principal objetivo promover o uso das rimas e cantigas infantis neste contexto, através do elenco das suas vantagens para o desenvolvimento da criança. Os objetivos específicos decorrem do enunciado: perceber o que é feito em contexto de Jardim de Infância a nível de rimas e cantigas tradicionais infantis; identificar, compreender e refletir sobre a importância pedagógica das rimas infantis; elencar razões possíveis para as práticas existentes (ou não) do uso de materiais da lírica tradicional infantil; encontrar propostas para promover o uso das rimas e cantigas infantis de origem tradicional. Nesta sequência, é ainda pertinente refletir sobre como poderá o educador criar ambientes promotores destes materiais tradicionais em contexto de Jardim de Infância, onde é determinante a qualidade dos mesmos; para além de diversão garantida, estas rimas e cantigas infantis passam à criança desde fundações emocionais até elementos de organização fonológica, assim como novo vocabulário. Podem ainda ajudar as crianças a conhecer o mundo que as rodeia, como nos será decifrado por Costa (1992, 2012), Pocinho (2007), Parafita (1999) entre outros. Sim-Sim (1998) e Cordeiro (2009) apresentaram teorias acerca do desenvolvimento da linguagem.

Do ponto de vista metodológico a nossa investigação utilizou a *observação participante*, pois é aquela que melhor se enquadra numa base conceptual que suporta a operacionalização e análise dos dados que surgem no quotidiano educativo. Também foi feita *pesquisa arquivística* e a realização de *questionários* a educadores de infância e a auxiliares de ação educativa no ativo. Foi feita ainda uma recolha de rimas e cantigas infantis presentes em alguns Cancioneiros, assim como uma recolha de bibliografia passível de ser consultada em estudos posteriores sobre o mesmo assunto.

Palavras chave: Rimas infantis, criança.

Abstract

The present study is based on the lack of use of nursery rhymes in context of kindergarten, by kindergarten teachers, which I watched over the internships performed, in my Bachelor's and Master's degrees. Considering my research question: *"How are nursery rhymes and children's songs used in Kindergarten context?"* Had as its main objective to promote the use of nursery rhymes and children's songs through the cast of its advantages for the development of the child in context of kindergarten. Being the specific objectives, to understand what is done in kindergarten context regarding nursery rhymes and children's traditional songs; identify, understand and reflect on the pedagogical importance of nursery rhymes; to list possible reasons for existing practice (or not) of the use of materials of children's traditional lyric; to find proposals to promote the use of nursery rhymes and children's songs of traditional origin. In this sequence, it is worth reflecting on how kindergarten teachers can create environments that promote the use of nursery rhymes and children's songs in context of kindergarten. It's determinant the quality of these nursery rhymes, because in addition to being guaranteed fun for the children, these nursery rhymes and children's songs contributes to the child phonological organization as well as, new vocabulary, and can help children learn about the world around them, as it will be deciphered by Costa (1992, 2012), Pocinho (2007), Parafita (1999) among others. Will be further specified by Sim-Sim (1998) and Cordeiro (2009) how the language development occurs. Taking into account this type of study, it has been considered as methodological support the Participant Observation, because it is the one that best fits in a conceptual basis that supports the operationalization and analysis of the data that appear in the daily educational. Research Archives was also made and the elaboration of Questionnaires to active kindergarten teachers and the auxiliary personnel. As such, it was made a collection of nursery rhymes and children's songs present in some Cancioneiros (Song Books), as well as a collection of literature to be consulted in future studies.

Keywords: Nursery rhymes, child.

Índice

Introdução

a) Percurso Performativo.....	1
b) Motivação para o estudo	2
c) Problemática.....	3
d) Questão de investigação	3
e) Objetivo do estudo	4
i. Objetivo geral	4
ii. Objetivos específicos	4
f) Organização do trabalho	4
g) Contextualização do campo de estágio	6

I - Enquadramento teórico

1.1 Literatura infanto-juvenil	7
1.2 Rimas tradicionais infantis	8
1.2.1 Canções de berço	11
1.2.2 Lengalengas	13
1.2.3 Romances	15
1.2.4 Adivinhas	16
1.2.5 Trava-línguas	17
1.2.6 Cantigas infantis	18
1.3 Contextualização das rimas infantis	19
1.4 Música	20
1.4.1 Música tradicional	21
1.4.2 Usos e funções da música	22
1.4.3 Importância da música na vida da criança	22
1.5 Jogo	23
1.5.1 Jogo tradicional infantil	24
1.5.2 A importância do jogo	25
1.6 Tradição infantil	25
1.7 A Linguagem.....	25
1.7.1 Do fonema à palavra	26

1.7.2 À chegada da frase.....	27
1.8 <i>Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar – Área de conteúdo</i> Linguagem Oral e Abordagem à escrita.....	27
1.9 As rimas e cantigas infantis como recurso pedagógico.....	28
1.9.1 O desenvolvimento da linguagem	29
1.9.2 A compreensão do mundo	31

II - Metodologia

2. Descrição do estudo	34
2.1 Tipo de estudo	34
2.2 Técnicas de recolha de dados	35
2.2.1 Observação Participante	35
2.2.2 Pesquisa Arquivística	35
2.2.3 Questionário	36
2.3 Procedimento.....	36
2.4 Cronograma.....	37

III – Análise interpretativa

3.1 Rim as e cantigas infantis no Jardim de Infância.....	38
3.1.1 “As melhores rim as para o desenvolvimento infantil”	39
a) Aspetos linguísticos.....	39
i. Educadores de infância	41
ii. Auxiliares de ação educativa	42
b) Aspetos cognitivos	43
3.1.2 As práticas existentes em Jardim de Infância	45
a) O uso das rim as e cantigas infantis.....	45
i. Educadores de infância	46
ii. Auxiliares de ação educativa	47
b) A possibilidade de uso de rim as e cantigas infantis	51
i. Educadores de infância	54
ii. Auxiliares de ação educativa	54

c) O porquê das práticas apresentadas - Repertório.....	55
d) Possíveis soluções - Sugestões para melhorar o repertório	57
e) Sugestões para o incentivo ao uso de rimas e cantigas infantis	58
a. Dos educadores de infância questionados	58
b. Dos auxiliares de ação educativa questionados	58
c. Do autor desta investigação	59
Síntese.....	62

IV – Considerações finais

4.1 Conclusão do estudo	63
Quais são as práticas existentes em Jardim de Infância relativas ao uso das rimas e cantigas tradicionais infantis?	65
Como promover a utilização das rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?	66
Resposta final: “ <i>Como são usufruídas as rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?</i> ”	67
4.2 Constrangimentos encontrados.....	68

Referências Bibliográficas	70
---	----

Anexos

Anexo I - Notas de Campo - <i>Headnotes</i>	II
Anexo II - Modelo de questionário	XXIV
Anexo III - Respostas dos profissionais	XXVIII
Recolha de rimas infantis	XLI
Canções de berço	XLII
Lengalengas	LIV
Romance	LVII
Adivinhas.....	LXI
Trava-línguas	LXIII
Cantigas infantis	LXV
Bibliografia recomendada com textos da tradição oral para uso em Jardim de Infância	LXVII

Introdução

Falar sobre clássicos e tradições, nos vários sentidos que as diferentes formas de conhecimento nos oferecem, é nos colocarmos, imediatamente, numa frente de batalha entre um passado que se mostra pela fresta de uma porta semicerrada, de dimensões cartapácias, e a contemporaneidade que recolhe, pelas frestas da mesma porta que nos liga ao que já findou, peças antigas para compor o seu próprio quebra-cabeças.

Rafiza Varão (2009)

a) Percurso Performativo

O presente relatório visa salientar a importância das rimas e cantigas tradicionais infantis como recurso pedagógico de qualidade em contexto de Jardim de Infância (3, 4 e 5 anos).

Desde menina quis ser educadora de infância... Porém, aos dezoito anos interrompi os meus estudos no 10º ano de escolaridade onde frequentava o quarto agrupamento – Humanidades, para entrar no mundo profissional. Depois de experimentar trabalhos vários, soube por anúncio na televisão, do acesso ao ensino superior através do Programa Maiores de 23. Mãe de um menino de ano e meio, decidi que seria a minha oportunidade para fazer o que sempre quis na minha vida profissional, ser educadora, possibilitando ao meu filho uma melhor vida e ao mesmo tempo dar-lhe a conhecer os ritmos infantis que a minha educadora e avós me ensinaram quando eu era criança, e que eu com o tempo esqueci.

Em criança as rimas eram muito presentes na minha vida, as minhas avós cantavam-me cantigas tradicionais das suas terras, da lavoura, canções de embalar, entre outras. O repertório das minhas avós era vasto, o da educadora que tinha em sala também era alargado. Por isso sinto falta de um maior repertório na minha ação educativa e nos contextos em que tenho trabalhado.

Assim, achei importante fazer pesquisas de rimas e cantigas infantis tanto pertencentes ao folclore, como as do Cancioneiro infantil. E se olhar para trás, vejo que cresci num país cheio de cultura e tradição, que hoje não é vista, não é passada aos mais novos, perdendo assim o país a sua tradição, que é o mesmo que dizer a sua identidade.

A tradição é a transmissão da experiência humana no tempo. É o testamento vital daqueles que nos antecederam. É nessa tradição viva que nos reconhecemos como num espelho: nenhum de nós é quem é sozinho. Somos fruto de uma tradição, de uma cultura, de uma língua,

de uma maneira de pensar, de um modo de estar, de trabalhar, de festejar, de brincar - mesmo que o desconheçamos (Vale, 2010).

Vejo serem trabalhadas tradições internacionais, tais como o “dia das bruxas” que ocorre na noite de 31 de outubro – vigília dos mortos, mas não é trabalhado o “Pão por Deus”, tradição portuguesa do dia 1 de novembro que nasceu em Lisboa em 1756, por ajuda aos que tinham perdido tudo no terramoto de 1755, e depois se foi espalhando pelo país. Não digo que não seja importante agarrar os usos de outros países que nos chegam e as crianças gostam, mas acho muito importante não deixar cair as nossas tradições no esquecimento.

Interessa preservar a tradição sem, no entanto, esquecer a futura tradição que está a construir-se no presente e conferi-lhe um grau de seriedade e funcionalidade semelhante àquela que lhe atribuem os seus utilizadores preferenciais, as crianças (Sarmento, 2000).

Cresci num país com identidade cultural, e é um país com identidade que quero mostrar aos meus filhos e às crianças que vou ajudar a educar na minha vida profissional. Será nesse sentido que este relatório vai ser feito. Como refere Costa (1992) “As rimas infantis, simultaneamente universais e regionais, permitem ainda reforçar o sentimento de identidade nacional através de uma porta aberta ao diálogo com outras regiões” (p. 12).

b) Motivação para o estudo

A escolha deste tema para estudo prende-se em primeiro lugar com o facto de ter observado em estágios anteriores em Jardim de Infância que as crianças não entoavam tanto como em creche onde ainda ouvimos algumas cantigas e rimas tradicionais infantis. Em segundo lugar questiono-me: será que o problema está na falta de reportório dos educadores e auxiliares de ação educativa? Por ser mais prático, os adultos da sala recorrem a músicas indiferenciadas – rádio, e músicas infantis mais em voga? Em terceiro lugar, porque me parece importante proporcionar atividades lúdicas, relacionadas sobretudo com o uso de cantigas e rimas antigas, cheias de sabedoria tradicional e potencialidades educativas.

Estas rimas desempenham um papel importante na aquisição da linguagem, pois são de construção simples, bem próxima das idades a que são destinadas (primeira e segunda infância - dos 0 aos 6 anos). Brincam com os sons das palavras, oferecendo uma organização fonológica às crianças e introduzem novo vocabulário. Na terceira infância e início da adolescência (dos 7 aos 15 anos), as crianças ainda podem brincar com jogos e rimas tradicionais, um dos mais utilizados é o jogo de palmas, que são rítmicos e envolvem movimentos corporais. Ainda assim continuam a desenvolver a linguagem, desta feita em termos mais gerais como sintaxe e semântica. Sim-Sim (1998) diz-nos que:

É a língua materna, na sua vertente oral, que é adquirida durante a infância. A aquisição implica a apreensão das regras específicas do sistema, no que respeita à forma, ao conteúdo e ao uso da língua. No que concerne à forma, as regras adquiridas dizem respeito aos sons e respectivas combinações (fonologia), à formação e estrutura interna das palavras (morfologia) e à organização das palavras em frases (sintaxe). As regras referentes ao conteúdo (semântica) servem o significado das palavras e a interpretação das combinações de palavras. Finalmente, as regras de uso (pragmática) visam a adequação ao contexto de comunicação (p. 25).

c) Problemática

No presente estudo, o problema a estudar está diretamente ligado à importância do recurso pedagógico a rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância, tendo como questão de investigação a seguinte: *“Como são usufruídas as rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?”*

A falta que sentimos haver no uso de lírica infantil em Jardim de Infância, permitiu-nos pensar na importância da sua promoção junto das crianças em idade de Jardim de Infância. Nesta sequência, é pertinente refletir sobre como poderá o educador criar ambientes promotores de rimas e cantigas infantis em contexto de Jardim de Infância, pois para além da diversão garantida, estas passam à criança organização fonológica e novo vocabulário (Costa, 1992).

d) Questões de investigação

Tendo em conta a falta de uso da lírica infantil que sentimos existir em Jardim de Infância, tentar-se-á ao longo deste trabalho responder às seguintes questões:

1. Quais são as práticas existentes em Jardim de Infância relativas ao uso das rimas e cantigas tradicionais infantis?
2. Como promover a utilização das rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?

e) Objetivo do estudo

Na sequência da pergunta investigativa, os objetivos deste trabalho são:

i. Objetivo geral

- Promover o uso das rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância.

ii. Objetivos específicos

- Compreender o que é feito em contexto de Jardim de Infância a nível de rimas e cantigas tradicionais infantis.
- Identificar, compreender e refletir sobre a importância pedagógica das rimas infantis, e seu uso como recurso pedagógico de qualidade.
- Elencar razões possíveis para as práticas existentes (ou não) de uso de materiais da lírica tradicional infantil.
- Encontrar propostas para promover o uso das rimas e cantigas infantis de origem tradicional.

Espero com este trabalho conseguir chamar a atenção dos futuros educadores de infância e auxiliares de ação educativa, assim como a dos que já estão no ativo, para que possam utilizar as rimas e cantigas infantis tradicionais na sua ação educativa.

f) Organização do trabalho

Este trabalho divide-se em três partes:

Numa primeira parte será realizada o enquadramento teórico onde se fará uma brevíssima referência à noção de literatura, uma vez que é aqui que se enquadra o nosso tema. Seguidamente serão abordadas as rimas e cantigas infantis, tal como são definidas, explicadas e interpretadas por alguns autores.

No âmbito deste estudo serão explicitadas as várias categorias e subcategorias tipológicas em que se podem agrupar as rimas infantis existentes, de acordo com estudiosos. Será ainda feita a contextualização das rimas infantis, onde ficará explícito como surgiam tradicionalmente e as circunstâncias em que eram ditas - quem diz estas rimas, para quem as diz, onde e quando as diz. Pela pertinência que têm para o nosso estudo, apenas algumas categorias das rimas infantis serão abordadas de forma particular

e com alguns exemplos. Será ainda feita uma pequena abordagem à música e jogos tradicionais infantis.

Em seguida, será a vez de estudar a linguagem e o seu desenvolvimento, porque a lírica tradicional contribui para ela. Abordaremos o desenvolvimento da linguagem na criança, partindo dos sons - fonemas - depois da evolução da palavra até à construção frásica.

Para completar este primeiro capítulo, será feita uma passagem pelas *Orientações Curriculares Educação Pré-Escolar* e pelas *Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar*. Fazer realçar o que é pedido pelo Ministério da Educação em relação à área de conteúdo *Linguagem Oral e Abordagem à escrita* é essencial para dar aos futuros profissionais de educação e aos profissionais no ativo motivos para trabalhar as rimas infantis em contexto de Jardim de Infância, como recurso pedagógico de qualidade.

Numa segunda parte, será explicada a metodologia utilizada nesta investigação, a qual foi desenvolvida seguindo uma abordagem qualitativa/interpretativa, em que o investigador é parte integrante da ação.

Descrevemos ainda a estratégia de investigação utilizada, referindo as técnicas de recolha de dados que usamos: *observação participante*, *notas de campo*, *pesquisa arquivística* e *questionários*, explicando em que cada uma consiste. Serão ainda especificados os procedimentos utilizados neste estudo.

Numa terceira fase será feita uma análise interpretativa baseada no que se observou em estágios anteriores, nos documentos lidos e nos questionários realizados. Assim sendo, teremos uma parte onde se referenciarão as observações feitas, assim como atividades realizadas com as crianças em contexto de Jardim de Infância durante a Prática de Ensino Supervisionada.

Este trabalho é terminado com as considerações finais, onde responderemos ao problema, assim como às questões que dele advêm. Serão apresentadas sugestões pedagógicas para o recurso às rimas infantis, de nossa autoria e da autoria dos profissionais questionados. Referiremos também os constrangimentos encontrados na realização deste estudo.

Serão ainda anexados os textos das rimas infantis estudadas (pertencendo aos tipos, Canção de berço, lengalenga, romance, adivinha, trava-língua e cantigas infantis). Anexaremos como complemento uma bibliografia recomendada com textos da tradição oral para uso em Jardim de Infância para todos os profissionais de Ensino Pré-escolar. O modelo de questionário efetuado junto de educadores e auxiliares no ativo, assim como, suas respostas serão também incluídos no fim deste estudo.

g) Contextualização do campo de estágio

Efetuei a minha Prática de Ensino Supervisionada na instituição Centro de Acolhimento Infantil - Vale Fundão 2, que se situa em Marvila (vale fundão/chelas), uma zona rodoviária, perto de um bairro social, sendo que se situa entre vivendas e terrenos. Esta foi inaugurada no ano de 1974, pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa com o intuito de servir a população. A instituição acima mencionada tem o horário de funcionamento de segunda a sexta das 7h30m às 19h, sendo o horário letivo das 9h às 15h30m.

O contexto socioeconómico das crianças que frequentam esta instituição é maioritariamente precário, sendo que muitas famílias são problemáticas. Com carências monetárias e afetivas. A sala onde efetuei a minha Prática de Ensino Supervisionada foi a sala 2 de Jardim de Infância onde permaneci durante um período de cinco meses, de 3 de janeiro de 2013 a 29 de maio de 2013. Nesta sala existiam dois adultos, uma educadora de infância e uma auxiliar de ação educativa, e por vezes uma “bata verde” que funcionava como auxiliar da auxiliar de ação educativa, ou seja, eram técnicas de ação educativa/acompanhantes de crianças.

A sala era composta por um grupo heterogéneo de 24 crianças: oito crianças de 3 anos, cinco meninos e três meninas e dezasseis crianças de 4 anos, constituído por quatro meninos e doze meninas.

Algumas destas crianças tinham dificuldades de relacionamento e maioritariamente no cumprimento de regras, não gostando de ser chamados à atenção. Alguns ainda muito dependentes do adulto para gestão de conflitos. Em geral são muito agitados e pouco obedientes, testando o adulto ao máximo. Por outro lado são crianças bastante carinhosas e com necessidade de afetos.

A nível cognitivo estas crianças necessitavam de incentivos, em todas as áreas, sendo que no domínio da matemática não conheciam a ordinalidade, muitos embora contassem até 15 ou mais, não tinham o sentido do número feito. O grupo não tinha conhecimento dos dias da semana, e segundo a educadora não percebiam a evolução dos animais. Fui reparando que a maioria das crianças também não tinha conhecimento da proveniência dos alimentos; assim como o seu nível de vocabulário era baixo.

Depois de almoço as crianças de 3 anos efetuavam o repouso, mas as crianças de 4 anos não o faziam, sendo que as crianças das duas salas de Jardim de Infância desta instituição eram agrupados por idades neste momento de rotina.

O grupo de crianças de 4 anos da sala 1 de Jardim de Infância que se juntava ao grupo de 4 anos da Sala 2 eram composto por cinco meninas e três meninos, perfazendo um total de oito crianças. Assim, o grupo da tarde era constituído por 24 crianças, maioritariamente feminino com dezassete meninas e sete meninos.

I – Enquadramento teórico

*A vida social seria impossível, se os homens não comunicassem entre si as suas ideias.
Como actos interno, estas só podem ser percebidas, quando manifestadas
externamente.*

António José Barreiros

1.1 Literatura infanto-juvenil

Para iniciar este estudo há que, primeiramente definir literatura, para posteriormente se poder fazer uma abordagem às rimas infantis, pois estas, sendo de tradição oral, fazem parte do que é chamado de literatura tradicional. “A literatura oral ou literatura escrita forma as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados” (Coelho, 1984, p. 4).

A palavra “Literatura” vem do latim “litteris” que significa “Letras”, significando uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, e que se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética. Por extensão, se refere especificamente à arte ou ofício de escrever de forma artística. “Compreendida assim a Literatura é uma síntese completa, o quadro do estado moral de uma nacionalidade representando os aspectos da sua evolução secular e histórica” (Braga, 1984, p. 63).

As rimas infantis fazem parte do que Parafita (1999) chamou de “literatura popular de tradição oral” (p. 41), habitualmente referida como literatura tradicional, literatura oral ou literatura popular, definida por Pereira (1992) como “literatura popular tradicional de expressão e transmissão oral” (como citado em Parafita, 1999, p. 43).

A literatura infantil, tal como a podemos entender, tem início no séc. XVIII, época em que se emancipou o conceito de criança. Até aí, ela participava da vida social adulta, inclusive usufruindo da sua literatura. Coelho (1984) diz-nos que a literatura infantil é “antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenómeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a vida, através da palavra” (p. 10).

As crianças da nobreza e burguesia liam os grandes clássicos, nos mosteiros (onde tiveram lugar as escolas) e as mais pobres ouviam lendas e contos folclóricos (literatura de cordel), muito populares na época. Com o passar do tempo, esse tipo de literatura quis adaptar-se cada vez mais o público infantil: os clássicos sofreram adaptações e os contos folclóricos serviram de inspiração para os contos autorais.

Em Portugal um dos primeiros coletores a fazer recolha destes contos foi Gonçalo Fernandes Trancoso (1575) com *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, seguiram-se Almeida Garrett (1843) com *Romanceiro Popular Português*, Alexandre Herculano (1851), Adolfo Coelho (1879), Leite Vasconcelos (1958). Na última década do séc. XIX, Ana de Castro Osório (1897) deu o primeiro passo no sentido do nascimento da Literatura Infantil. Esta coletora tornou-se autora, rescrevendo os contos tradicionais e inventando outros.

No mundo apareceram coletores como Charles Perrault (1697) com *Contos da minha mãe Gansa*; seguem-se os Irmãos Grimm (1819). Outros autores escreveram fábulas, histórias e contos maravilhosos para estas idades, sendo exemplos La Fontaine (1668) e Hans Christian Andersen (1835).

1.2 Rimas tradicionais infantis

A palavra “Rima” vem do Latim – ritmus, do grego rhytmos onde significa tempo, proporção, tempo medido. Hoje é definida como uma “Consonância de palavras ou sílabas no final de dois ou mais versos” (Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, 1997).

Podemos afirmar que a rima é a “arte popular” como lhe chama Parafita (1999), declarando que o povo é “criador e depositário de saberes e de valores que se esforça por transmitir às novas gerações”, e que “estas formas de arte são a expressão de uma comunidade, não só porque são acessíveis à sua compreensão, mas sobretudo porque o povo revê nelas a sua natureza profunda” (pp. 28-29). Mouralis (1985) acrescenta que são “o quadro da sua condição, as suas preocupações, as aspirações” (como citado em Parafita, 1999, p. 28). A reforçar esta ideia Sand diz-nos que:

Mesmo o camponês mais ingénuo é sempre artista, e eu afirmo que a sua arte é superior à nossa. Trata-se de uma outra forma, mas fala-me mais à alma do que todas as da nossa civilização. As canções, as narrativas, os contos rústicos, pintam em poucas palavras o que a nossa literatura mais não sabe do que amplificar e disfarçar (como citado em Parafita, 1999, p. 28).

Esta “arte popular” conserva a identidade básica do povo, “conservando o seu vocabulário e sintaxe”. Apela à memória coletiva que “a cultura de uma comunidade vai perpetuando” (pp. 29 - 30). Parafita ainda afirma que:

A coerência dos elementos sonoros com um plano semântico conveniente, pragmático, aviva a lembrança e facilita a memorização. Daí que os provérbios, romances, contos populares, lendas, orações,

lengalengas, etc., tenham perdurado, exclusivamente na memória oral, durante muitos séculos (p. 30).

Embora Sarmiento (2000, p. 71) nos diga que rimas infantis deviam ser apenas as respostas prontas, pois são as que as crianças usam sem a influência do adulto, chamamos rimas infantis aos provérbios, romanceiros, contos populares, lendas, orações, lengalengas, entre outros, que chamamos de rimas infantis. Barreto (2002) menciona que:

É conhecido o fascínio que as rimas infantis exercem sobre a criança, tanto na apreensão oral de textos que lhe são narrados como no seu processo de aproximação à literatura. A obra que mais profundamente estuda o universo e conceitos das rimas infantis no nosso país é o resultado de uma tese de Mestrado de Maria José Costa intitulada «Um Continente Poético Esquecido: As Rimas Infantis» (p. 453).

Por este motivo é em Costa que baseio o meu estudo. As rimas infantis são explicadas por Costa (1992) como reforçando o sentimento de identidade nacional, constituindo uma realidade complexa e multifacetada. Barreto (2002) ainda nos diz que existiram “duas grandes fases de recolha de rimas infantis”, sendo elas: “Fim do século XIX, incidindo nos anos 80: com Teófilo Braga, Adolfo Coelho e Leite de Vasconcelos; e Meados do século XX: com Augusto César Pires de Lima e Machado Drummond” (p. 454).

Dentro das rimas infantis existem rimas escritas e editadas por autores e as rimas tradicionais/populares. Sendo as populares, como o próprio nome indica de cariz tradicional, pertencente ao povo, vivendo na oralidade, do povo para o povo.

Estas rimas não só têm a sua qualidade de linguagem, como também são prazerosas para as crianças sendo que podem ser acompanhadas por gestos, por jogos, ou simplesmente aparecerem em histórias. Estes factos dão à criança um prazer cada vez maior de estar em contacto com as rimas infantis, querendo aprendê-las e vivê-las.

Muitos foram os coletores que percorreram o país recolhendo rimas tradicionais. Este estudo irá debruçar-se sobre o trabalho de Costa (1992), que embora não tenha feito recolha direta dá-nos a conhecer na sua obra *Um continente poético esquecido: As Rimas Infantis* um conjunto interessante de produções compiladas a partir de Cancioneiros. Para além disso, ainda nos fornece um esquema de classificação das mesmas, ponto fundamental deste trabalho, pois é bastante completo e funcional para a matéria de estudo que nos ocupa. Por isso, é a partir dele que nos norteamos como referência tipológica.

As rimas infantis também conhecidas por *Nursery rhymes*, termo usado em Inglaterra ou por *Mother Goose Rhymes* na América, ou pela designação mais usada atualmente que é o termo francês *comptines*, são definidas (Costa, 1992, p. 24) como textos rimados do folclore infantil português de expressão oral que acompanham o desenvolvimento da criança desde o nascimento até aos 14-15 anos, e que constituem uma realidade complexa

e multifacetada. Mais acrescenta que “não é possível delimitar o conceito de «rima infantil» sem o fazer englobar todo o folclore rimado infantil, o que inclui textos muito variados” (2012, p. 284).

Vários foram os estudiosos que dividiram as rimas infantis por subcategorias, Costa (1992, p. 69) baseada nas divisões existentes criou um esquema onde inseriu mais subcategorias. Será pelo esquema de Costa que nos iremos guiar neste estudo. São assim as rimas infantis divididas em:

“ A- Para as quais é indicado o contexto:

A1. Canções de berço;

- a) propriamente ditas;
- b) textos usados como tal;

A2. Rima em contos infantis;

- a) rimas inserida em contos;
- b) fórmulas finais;

A3. Rimas em jogos;

- a) fórmulas de seleção;
- b) rimas de jogos:
 - para a primeira infância;
 - para a idade escolar;

A4. Horário e calendário;

A5. Código social infantil;

A6. Superstição infantil

- a) ensalmos:
 - a animais;
 - ao tempo;
 - ao corpo;
 - em jogos;
- b) práticas divinatórias;

A7. Rimas de interpretação de sons;

A8. Rimas de zombaria;

- a) de pessoas;
- b) da escola;
- c) da religião;

A9. Respostas prontas;

B- Aparentemente sem ligação ao contexto:

B1. Orações;

B2. Adivinhas;

B3. Trava-línguas;

B4. Histórias rimadas infantis:

- a) lengalengas;
- b) romances;
- c) contos tradicionais rimados;

B5. Canções e rimas sem contexto conhecido. ”

Embora todas estas rimas possam se usufruídas em Jardim de Infância, escolhi para trabalhar nesta investigação as seguintes categorias: *canções de berço*, *lengalengas*, *adivinhas*, *trava-línguas* e *cantigas infantis*. As cantigas infantis (de berço, de roda e outras) transmitem afeto e o sentimento de pertença e por isso as crianças da valência de Jardim de Infância ainda sentem a sua necessidade; as lengalengas, adivinhas e trava-línguas são por excelência motivadoras de desafios, desafios esses que as crianças destas idades também necessitam e gostam, motivando e ajudando o desenvolvimento cognitivo e da linguagem.

1.2.1 Canções de berço

As *canções de berço* são definidas por Canez (2008) como “das mais antigas manifestações de expressão e cultura dos povos, um costume sem idade e sem tempo, cuja existência é a mesma da primeira mulher que deu à luz o primeiro filho” (p. 31). Costa (1992) define-as como “textos que têm por função acalmar as crianças, e fazer com que adormeçam sossegadas” (p. 70).

Embora para muitos estas canções sejam infantis, pois são canções para as crianças, há autores que defendem que não podem ser consideradas infantis mas sim de “mulher”, por serem cantadas, maioritariamente pela figura materna.

c'est abusivement que les collections de 'chanson enfantines' font à la berceuse: par le mode de sa performance est une chanson de femme. Sa forme néanmoins, déterminée par l'image que l'ont se fait de l'auditeur, partage un certain nombre de traits formels (linguistiques et musicaux) avec les chansons d'enfant proprement dites (Zumthor, 1983, como citado em Costa, 1992, p. 71).

Segundo Costa (1992), Leite Vasconcelos dividiu as canções de berço em subcategorias, sendo elas *Cantigas de acalantar* que são cantadas com a criança nos braços, no colo ou regaço; *Cantigas de embalar* que são cantadas com a criança no berço; *Cantigas de regaço e do berço* estas servem para acalmar a criança e para a embalar. Esta subcategoria é ainda subdividida em três grupos: o primeiro grupo são as cantadas à criança quando esta começa a adormecer; o segundo são as que se usam quando a criança já está a dormir; e um terceiro grupo refere-se às *Canções de choro e de doença*. Acontece que estes grupos são escutados seguidos, o que levaria as crianças a ouvirem todos eles ainda bem despertas. No fundo algumas quadras não expressam mais do que o desejo da mãe de ver o seu filho a dormir.

Dorme, dorme, meu menino,
Porque eu tenho que fazer;
Quero ir ganhar pão
Que precisamos comer.

Existem rimas que são ditas quase aos gritos, pela mãe em momentos de aflição, pela demora do sono dos seus filhos:

Acorda, acorda, menino
Que esse dormir não é teu:
É como o sono da morte,
Um sono que entoleceu. (I. 113)

Leite de Vasconcellos reconhecia que as mães sempre souberam embalar os seus filhos no seu regaço, apesar de nada saberem sobre a fisiologia nervosa, ele assim diz:

As mães souberam desde sempre, em toda a parte, e em todos os graus de civilização – com a admirável ternura, que é segredo delas e lhes está no íntimo do ser – aproveitar-se daquela circunstância da nossa fisiologia nervosa, para, quando embalam os filhos no berço ou os aninham no regaço, ao mesmo tempo que os cobrem de beijos, os

acalmarem com a toada dulcíssima de canções que os impedem de chorar, os adormeçam, e depois os não deixam acordar sem que o sono reparador lhes fortaleça o delicado organismo (Vasconcellos, como citado em Canez, 2008, p. 62).

1.2.2 Lengalengas

Há quem defina *lengalengas* como “narração enfadonha, discurso prolongado e monótono” (Moraes, como citado em Costa, 1992, p. 125). Mas como têm ritmo e muita repetição oferecem-se à memorização, o que agrada às crianças. Este termo, *lengalenga*, foi muitas vezes usado como sinónimo de rimas infantis. Por exemplo Parafita utiliza *lengalenga* como termo geral equivalente ao que Maria José Costa (1992) designa por *rimas infantis*: “são rimas e ritmos intensos, usados pelas crianças, ou pelos adultos na relação com elas” (Parafita, 1999, p. 86). Azevedo (1880) afirma que as *lengalengas* foram “... trazidas pelos mouros, cativados na fronteira costa marroquina; vem de ‘lingui-lingui’, uma cantilena dos árabes ao som da qual dançam” (como citado em Costa, 1992, p. 126).

Costa (1992) refere que as *lengalengas* podem ser agrupadas por: *lengalengas* - encadeadas, de pergunta-resposta, com numeração regressiva, cumulativas e anfiguris. Não incluiu nestes grupos as *lengalengas* inseridas em contos, pois estas merecem uma designação diferente (*rimas inseridas em contos*). Na nossa opinião manteríamos a maioria das rimas inseridas em contos como *lengalengas* autónomas e *per si* pois podem funcionar autonomamente (tal como na *lengalenga* encadeada que exemplificamos a seguir).

As *lengalengas encadeadas* aquelas em que o fim de um verso é aproveitado para iniciar o verso seguinte, como é o caso da *lengalenga* que aparece no fim do conto “*O macaco de rabo cortado*”:

- Olha o macaco mariola
Que do rabo fez navalha
Da navalha fez sardinha
Da sardinha fez farinha
Da farinha fez menina
Da menina fez camisa
Da camisa fez viola
E agora deu à sola
E agora deu à sola.

(Torrado, 2010, p. 14)

As *lengalengas de pergunta-resposta*, são como o próprio nome indica as que são compostas por perguntas e respostas, sendo exemplo:

- Qui-que-ri-qui!
Casou Maria.
- Qui-que-ri-qui,
Com quem seria?
- Qui-que-ri-qui,
C'um sapateiro.
- Qui-que-ri-qui,
Que lhe daria?

- Qui-que-ri-qui,
Umas chinelas.
- Qui-que-ri-qui,
De quem seriam?
- Qui-que-ri-qui,
De cordovão.
- Qui-que-ri-qui,
Casou o João.

(Lima, 1914, p. 373, como citado em Costa, 2012, p. 238)

Por *lengalengas regressivas*, ou de numeração regressiva, entende-se as que contam uma história decrescente, sendo exemplo o conhecido “tangro-mangro”:

Nasceram dez meninas
Metidas dentro de um fole;
Deu o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão nove.

Essas nove que ficaram
Foram ver passear lo broito,
Deu-lhe o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão oito.

(...)

(Braga, 1911, como citado em Costa, 2012, p. 260)

Lengalengas cumulativas são as que contam uma história onde se vão acumulando os acontecimentos, tendo exemplo o final da história da “carouchinha” na versão do Porto e dos açores:

Pergunta a tripeça
Do pé ao lar:
«Que tens carouchinha,
Que estás a chorar?
- Morreu João Ratão,
E estou a bradar.
«E eu que sou a tripeça
Ponho-me a dançar.
Diz ele a porta:

- Que tens, tripeça
Que estás a dançar?
«Morreu João Ratão,
Carôchinhas a bradar;
E eu que sou tripeça
Ponho-me a dançar.
-E eu que sou porta,
Ponho-me a abrir e a fechar.

(...)

(Braga, 1911, como citado em Costa, 2012 p. 253)

As lengalengas conhecidas por *anfiguris* são aquelas que a sua composição é sem sentido lógico, sendo muito conhecida a “era não era”:

Era não era,	Sua mãe por nascer.
Andava na serra.	Ora pobre homem,
Era seu pai nado,	O que lhe havia de acontecer!
	(...)

(Costa, 1992, p. 129)

1.2.3 Romances

O termo *romance* pode referir-se a dois géneros literários, um deles é de composição poética popular, o outro é uma composição em prosa. Ora o género que iremos aqui falar é de composição poética popular. Este nasce no povo e é transmitido oralmente, sendo também conhecido como “rimance” para que não houvesse confusão entre os dois géneros.

A palavra ‘rimance’, tem de resto, imensa razão de ser, atendendo à sua etimologia: deriva da palavra ‘rima’, sendo certo que a característica fundamental desde género narrativo é o verso rimado. A rima e o verso, porque favorecem a memorização, são, indiscutivelmente, o seu grande trunfo na perenidade dos enunciados, tal como acontece nas cantigas populares (Parafita, 1999, p. 103).

Costa (1992) dá-nos a definição de romance outrora dita por Pinto-Correia (1978) como “composição de manifestação linguístico-discursiva, de natureza poética (algumas vezes acompanhada de música), com uma organização semântica narrativo-dramática...” (como citado em Costa, 1992, p. 131).

Quem quer ver a barca bela
Que se vai deitar ao mare?
Nossa senhora vai nela
E os anjinhos a guiar.
S. Vicente é o piloto,
Jesus Cristo o General;
Que linda bandeira leva,
Bandeira de Portugal.
(...)

(Costa, 1992, p. 277)

1.2.4 Adivinhas

As *adivinhas* são jogos ou enigmas, orais ou escritos, com origem popular. Estas encantam crianças e adultos, Moutinho (1986) refere no livro “o adivinhão”, “adivinhar não é, afinal, uma coisa à toa, mas um exercício de inteligência” (como citado em Barreto, 2002, p. 17); são “ desafios lançados por uma pessoa a outra, para que identifique algo que é descrito enigmaticamente”. Acrescenta que nem sempre foram consideradas parte integrante das rimas infantis, pois foi referido por Fontes (1971) que “constituem uma das distrações de grande e pequenos à roda da lareira” (como citado em Barreto, 2002, p. 121). Define as adivinhas como “um texto de curta extensão, geralmente rimado e com um sistema métrico bem organizado, o que o torna fácil de fixar e de transmitir” sendo ainda:

Consideradas importantes desafios à perspicácia de cada um, as adivinhas constituíam, noutros tempos, salutareos passatempos, que permitiam aos mais velhos, ou ao redor da lareira, ou nas desfolhadas e em trabalhos monótonos, fazer jus à sua superioridade intelectual junto dos mais novos, impondo-lhes verdadeiras ginásticas mentais (Barreto, 2002, p. 86).

As adivinhas de autor são longas, pouco claras, faltando-lhes o sentido lúdico e enigmático que caracterizam as adivinhas populares, filhas da oralidade e menos sujeitas a ademais literários.

Uma senhora, muito assenhorada nunca sai à rua, anda sempre molhada.
«Língua

Menina bonita,
Saia amarela,
Casa caiada,
Ninguém entra nela?
«Ovo

Vinte mil meninas
Numa varanda,
Todas a chorar
Para uma banda?
«Telhas

(Costa, 2012, pp. 226 - 227)

1.2.5 Trava-línguas

Os *trava-línguas* são textos complicados de dizer, pois têm de ser ditos depressa. Isto torna-os quase impossíveis de articular até para muitos adultos.

Atribuímos a designação de trava línguas a todos os jogos de palavras, de proveniência popular, que têm por fim, contraditoriamente, destravar a língua, exercitar a dicção. Uns mais imbricados do que outros, caracterizam-se sempre pela condensada brevidade da frase e pelo sobressalto das sonoridades, que a rapidez da elocução torna mais embaraçantes (Torrado, 1982/1983, como citado em Barreto, 2002, p. 512).

Tal como as adivinhas, também os trava-línguas são um desafio para a criança. Na adivinha o desafio está em adivinhar, acertar a resposta. Nos trava-línguas o desafio está em conseguir pronunciar o que se acabou de ouvir, porém esta tarefa que até parece simples, torna-se complicada à medida que se vai dizendo.

A origem do trava-línguas é incerta, como refere Costa (1992) após a sua investigação. “Um trava-línguas surge no ‘Passatempo honesto e familiar...’ como um jogo de prendas para entretenimento de crianças e adultos, mas é, neste momento, impossível determinar se essa é a origem dos trava-línguas, se uma utilização que lhes foi dada” (p. 124).

Alguns exemplares de trava-línguas:

Debaixo daquela pipa
Está uma pita
Pinga a pipa,
Chia a pita,
Chia a pita,
Pinga a pipa.

Copo, copo, jericopo,
Jericopo, copo, cá;
Quem não disser três vezes (sem se enganar)
Copo, copo, jericopo,
Jericopo, copo, cá,
Deste copo não beberá.

(Costa, 2012, p. 230)

1.2.6 Cantigas infantis

Costa (1992, p. 144) diz-nos que “as componentes rítmicas e por vezes melódicas das rimas infantis foram indicadas como uma iniciação à música”. Pocinho (2007) assegura que as cantigas infantis permitem à criança “uma integração suave dos ritmos e melodias da sua língua”; acrescenta que tanto estas como as suas respetivas danças “facilitam a harmonização dos movimentos corporais e das funções motrizes. Facilitam, ainda, a tomada de consciência do seu esquema corporal” (p. 109).

Barreto (2002) enuncia que as cantigas infantis são “de carácter popular, muitas vezes a par com jogos tradicionais apropriados para os mais pequenos” (p. 104). Sarmento (2000) afirma que “as cantigas mais antigas e que surgem em grande número de antologias estão a cair progressivamente em desuso” (p. 27). Importa ainda referir que as cantigas de roda são consideradas na categoria *jogo* por Sarmento, pois em muitas destas cantigas existe a vontade de encontrar um par, sendo sempre a figura feminina que se evidencia nesta procura.

As cantigas infantis são de carácter lúdico, algumas acompanham jogos, outras são acompanhadas por gestos e algumas são somente cantadas pelo simples fator da relação humana - o estar e cantar com o outro.

Alguns exemplos de cantigas são em si mesmas puros jogos (“Falua” por exemplo) outras são jogos de palmas ou ainda cantigas de roda. Muitas são acompanhadas por gestos e fazem referência a profissões ou partes do corpo. Outras são apenas uma melodia cantada, como é o caso do “Atirei o pau ao gato”, “A quinta do tio Manel”.

Costa (1992) afirma que dado o “desejo, demonstrado pelos educadores de infância de aprenderem novas canções, importa não desaproveitar as canções infantis tradicionais, que são particularmente adequadas” (p. 144). Neste sentido podemos aprender e cantar com as crianças tudo o que da contemporaneidade com qualidade pedagógica surge, mas não nos devemos descuidar do que é de tradição popular.

1.3 Contextualização das rimas infantis

As rimas infantis tradicionalmente surgiam em contexto familiar. As circunstâncias em que eram ditas - por quem, para quem, onde e quando – são cruciais para as compreender.

- Por quem são ditas:

As rimas surgem interpretadas por adultos, inicialmente nas *canções de berço*, sendo a criança um recetor do que ouve. Com o tempo, e o hábito da audição das rimas infantis, a criança apropria-se do que escuta, passando assim a ser também um emissor. Atentemos nas palavras de Costa (1992)

A pouco e pouco, a criança vai-se apropriando dos sons, da voz, da fala e dominando, dentro desta, a fonologia e depois a morfologia, a sintaxe e a semântica. Paralelamente vai construindo a noção do outro, do eu, do espaço, do símbolo e do tempo. Essas profundas modificações parecem traduzir-se em rimas diferentes, para níveis etários diferentes (p. 26).

- A quem são ditas:

As rimas infantis são ditas a crianças, de adultos para crianças ou entre pares - de criança para criança; por vezes a criança acaba mesmo por dizê-las sozinha. “O ouvinte faz parte da *performance*: o gesto e a voz de quem fala estimulam em quem ouve uma resposta de voz e gesto” (Costa, 1992, p. 27).

- Onde são ditas:

O local onde são ditas varia consoante o nível etário das crianças, assim como de com quem esta faz a interação. As *canções de berço*, indicadas para a primeira infância, são cantadas para a criança quando esta está no berço ou ao colo. No Jardim de Infância, as rimas infantis podem ser ditas num momento de reunião de grupo, no recreio, na rua ou em qualquer local que a criança brinque, assim como em casa para e com os pais.

- Quando são ditas:

Costa (1992) refere que “A rima infantil é dita pela criança quando ouvida” (p. 28). Existem rimas que acompanham jogos, como é o caso da “Cabra Cega” e do “Bom Barqueiro”, estas são ditas quando a criança joga estes jogos. As *rimas de calendário* são ditas nas épocas festivas correspondentes.

Algumas circunstâncias suscitam rimas, como os *ensalmos*, *rimas de código social infantil*, *rimas de interpretação de sons e respostas prontas*.

1.4 Música

A palavra música deriva do grego μουσική τέχνη - musiké téchne “a arte das musas”, significando inspiração, poesia, harmonia e encanto. É definida como uma sucessão de sons e silêncios organizados com equilíbrio e proporção ao longo do tempo, ou seja, composta por melodia ¹, harmonia ² e ritmo ³.

A música é uma criação humana, uma prática cultural presente em todo e qualquer grupo humano. É uma linguagem que pode ser definida e interpretada de várias maneiras, em sintonia com o modo de pensar e com os valores de cada época ou cultura em que foi produzida.

Leme (2011), nos livros escolares de música que se encontram disponíveis para consulta no *Portal de educação musical do colégio Pedro II* diz-nos ainda que a música desenvolveu-se ao longo da história humana assumindo diversas funções, para além de ser considerada arte, a música tem função educacional, terapêutica (musicoterapia), sociocultural ou pode funcionar como simples entretenimento. Sobre a história da música afirma que:

Há evidências de que a música é conhecida e praticada desde a pré-história. Provavelmente a observação dos sons da natureza despertou no homem, através do sentido auditivo, a necessidade ou vontade de uma atividade que se baseasse na organização de sons. Embora nenhum critério científico permita estabelecer seu desenvolvimento de forma precisa, a história da música confunde-se, com a própria história do desenvolvimento da inteligência e da cultura humanas (Leme, 2011, apostila de educação musical 1ª série, p. 4).

(1) Do grego – Meloidia – canção, canto, coral. Sucessão coerente de sons e silêncios.

(2) Beleza, proporção e ordem.

(3) Do grego – Rhythmos - o que flui, o que se move, movimento regulado.

1.4.1 Música tradicional

Parafita (1999) declara que “sobre estes textos sabe-se pouco mais do que o elementar: que são poesias cantadas pelo povo, geralmente construídas em redondilhas, sendo a quadra a organização estrófica mais usada e que melhor tem resistido ao longo dos séculos” (p. 101).

José Bettencourt da Câmara (2001), afirma que na cultura popular portuguesa, “a música não foi dos que conheceu desenvolvimento mais precoce” (p. 3). Esta começou a ser estudada e recolhida através dos romancieiros. Rodney Gallop diz-nos “que tesouros possuiríamos hoje em Portugal, se Garret e Braga tivessem anotado as melodias dos romances cuja letra curiosamente registaram” (como citado em Câmara, 2001, p. 4). Câmara assegura que tal falta de anotação se deve ao facto do “atraso do desenvolvimento dos estudos musicológicos em Portugal” (p. 4).

Em 1872, é publicado um dos primeiros livros de música tradicional portuguesa de Neves e Melo, tendo por título *Músicas e Cantigas Populares Coligidas da Tradição*. Em 1893 é publicado em cerca de seis centenas de fascículos o *Cancioneiro de Músicas Populares*, recolha do músico César das Neves.

Parafita (1999) comenta que:

O nosso povo tem “uma tendência nata para a frase versificada ou rimada, através de mil bocas e anos, com a qual vai limando a expressão do seu viverem redondilhas maiores ou menores, desconcertantes de verdade e sabedoria funda e cristalina” (Moutinho, 1981, como citado em Parafita, 1999, p. 100).

O mesmo autor afirma ainda que não é ao acaso que se diz que “grande poeta é o povo”. E que esta riqueza que os nossos ancestrais nos deixaram, “foi-se construindo, ao longo dos tempos, nos serões, fiandeiros, ruadas, romarias, feiras, desfolhadas, espadeladas e outros trabalhos rurais” (Parafita, 1999, p. 100).

Fernando Lopes Graça enuncia que:

Quer criando propriamente, quer modificando ou adaptando consoante a teoria sobre a génese da canção popular que se perfilhar, só as gentes da Beira ou do Alentejo, só o sisudo transmontano ou o vivaz ribatejano revelam, através dos seus cantares, o nosso género musical espontâneo. Não é na cidade que o iremos encontrar, não. A canção urbana é pobre e incharacterística, banal e incolor, sem força sugestiva nem originalidade de contornos (como citado em Câmara, 2001, p. 26).

1.4.2 Usos e funções da música

Pinho (2011, pp. 102-110) diz-nos que existem vários usos e funções para a música. Os usos que enumera são: associação com atividade económica – trabalhos agrícolas coletivos (com tendência a desaparecer); associação com as instituições sociais – eventos sociais marcados pela presença da música, onde a tradicional é substituída pela urbana; associação com o sistema de crenças e com o controlo do poder – repertório religioso; associação com as outras expressões estéticas – ranchos folclóricos; associação com a linguagem – transmissão, improviso, “o canto continua a ser veículo privilegiado para a transmissão da poesia popular” (Pinho, 2011, p. 103).

As funções da música: expressão emocional – associado à exteriorização de alegria, sendo que, pode haver todo o tipo de emoções e sentimentos (alegria, tristeza, amor, ciúme, ...); satisfação estética – uma das principais funções no ocidente, tendo o objetivo de emocionar, comover (músicas concebidas para concertos e/ou recitais); entretenimento – ligada à anterior, satisfação do público (em sociedades letradas); comunicação – necessidade de comunicar, ação expressiva; representação simbólica – parte simbólica da vida, tendo quatro modos de manifestação de relação homem-música (o significado é o ouvinte que o põe; reflete emoções; comportamentos, organização e valores culturais; aspetos mais profundos e fundamentais do comportamento humano); resposta física – particular importância nas coreografias, na música tradicional (infantil e de embalar) a música era desencadeada conforme a resposta física; garantia da conformidade com as normas sociais – distinção do certo e do errado; validação das instituições sociais e rituais religiosos; contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura; contribuição para a integração da sociedade.

Este autor afirma que “o processo de transmissão é, em qualquer música, o resultado do jogo dialético da comunidade com o uso activo” (Pinho, 2011, p. 99). Citando Merriam (1955), enuncia que “a música realiza em todas as culturas um certo número de funções principais, que podem ser vistas como verdadeiros universais culturais” (2011, p. 104). Estes usos e funções da música são apontados por Pinho em relação à localidade de Penha Garcia, mas os mesmos podem ser extrapolados à música em geral.

1.4.3 A importância da música na vida da criança

O povo diz que “quem canta seus males espanta”. Parafita (1999) afirma que esta expressão popular: “traduz bem a ideia de que as cantigas contêm muito do que essencial possui a alma do povo. Na expressão do seu canto, entrelaçam-se valores que lhe moldam a personalidade. De entre eles, os mais influentes são a natureza, o amor e a saudade” (p. 100).

Pocinho (2007) enuncia que a música “vai ajudar a criança a uma tomada de consciência do seu Eu. (...) O canto é uma expressão musical mais espontânea do que o uso dos instrumentos, anterior à linguagem e mais libertadora por não precisar de um

intermédio musical” (p. 22). Pois, desde bem cedo “as crianças imitam quase involuntariamente todos os sons” (Bustarret, 1988, p. 52, como citado em Pocinho, 2007, p. 106).

Podemos afirmar que “as canções infantis ilustram o modo como a criança se aproxima da linguagem” (Madaule, 1983, p. 87, como citado em Pocinho, 2007, p. 107). Estas, permitem que a criança “aprenda os mecanismos e os sons da linguagem materna, o que lhe proporcionará uma maior facilidade de adquirir a linguagem” (Madaule, 1983, p. 90, como citado em Pocinho, 2007, p. 107).

1.5 Jogo

Piaget (como citado em Cabral, 1998, p. 11) diz-nos que “o jogo consiste em transformar um meio num fim em si mesmo.” Seguindo esta ideia de Piaget, Cabral (1998) explica-nos como surgem os jogos tradicionais:

O homem que lança fora do campo, onde trabalha, a pedra que o estorva pode converter o lançamento num fim em si mesmo e assim nasce o *jogo do malhão*. Isso quer, pois, dizer que os jogos populares se ligam ao trabalho, à experiência rural: são vivência e prazer. Claro que derivam, ulteriormente, para a exibição e a competição mas sem corte do cordão umbilical que continua a ligá-los à vida no campo, o que já não acontece com os jogos mais refinados, de alta competição, onde aquela ligação se perdeu (Cabral, 1998, p. 11).

Cabral (1998) acrescenta que “o sociólogo Roger Caillois classifica os jogos em dois grupos irreduzíveis: o agonístico (de *agon* – competição regulamentada) e o ilínxico (de *illinx* – turbilhão, vertigem)” (pp. 11-12). Os jogos tradicionais pertencem ao segundo grupo, o ilínxico, existindo dois grupos intermédios “os jogos de azar (*alea*) e o de simulacro ou mímica (*mimicry*), estão também relacionados com os jogos populares” (p. 12).

Jogar é fugir às malhas e convenções que a sociedade tece; as fronteiras das regras esbatem-se, sendo estas frequentemente adaptadas aos gostos e caprichos dos participantes; o carácter de simulacro ou imitação de uma ação prática, do trabalho por exemplo, é mais ou menos visível, mas é também visível a imaginação turbilhonante, a vertigem do momento isolado; dura quase o tempo do prazer que proporciona, interrompendo-se por cansaço, conflitos surgidos, decisões unilaterais ou afazeres que em dado momento são recordados (Cabral, 1998, p. 12).

Três atitudes fundamentais parecem estar na origem dos jogos populares: a transferência – transformar uma atividade séria em atividade lúdica; a imitação – jogo

simbólico; e a substituição – sintonia e latência. Estas, resultam de um impulso lúdico combinam-se com a competição para dar origem ao jogo (Cabral, 1998, p. 13).

1.5.1 Jogo tradicional infantil

Cabral (1998) baseia-se em alguns investigadores para falar na origem dos jogos tradicionais infantis. Sendo um deles Rodney Gallop (1937) que nos diz que:

O povo não cria: apenas reproduz. Plagia, assimila, adapta e muitas vezes deforma motivos e temas quase invariavelmente originários de esferas sociais mais elevadas. As danças, os jogos e outras diversões do povo são... relíquias de antigas cerimónias de propósito absolutamente sério (como citado em Cabral, 1998, p. 24).

Em relação a esta reprodução, Cabral (1998) diz-nos que se procurarmos vamos sempre encontrar paralelismos, um dos exemplos que nos expõe é o do jogo das caricas - na idade média não existiam a caricas, o mesmo era feito com pedras. Cabral (1998) fala-nos ainda da tese de Philippe Ariès onde no diz que:

Os jogos constituíam um dos meios mais importantes para estreitar os laços entre os elementos da coletividade. Os jogos não eram pertença de nenhuma classe social, praticando-os toda a gente. Só que, nota Philippe Ariès, a nobreza e a burguesia foram-nos abandonando gradualmente, pelo que ficaram entregues às crianças e aos camponeses. No século XIX ter-se-á consumado a separação: as classes privilegiadas criaram novos jogos, o desporto propriamente dito, e as crianças e o povo mantiveram-se presos à tradição (Cabral, 1998, p. 25).

Este autor comenta que os jogos infantis passam pelo jogo simbólico e imitação, dizendo-nos que “a criança refugia-se no mundo onde é todo-poderosa” (Chateau, 1950, como citado em Cabral, 1998, p. 27).

Como foi referimos a cerca das cantigas infantis, muitos jogos são acompanhados por cantigas, como é o caso do “Bom Barqueiro” e por jogos de palmas. Alguns são acompanhados por rimas infantis sem melodia, outros, antes de serem iniciados, têm uma rima de seleção para escolher quem fica a contar ou a apanhar.

1.5.2 A importância do jogo

O jogo “é um dos meios mais importantes de aquisição das diferentes situações vitais, de aprendizagem de tipos de comportamento” (Lotman, 1978, como citado em Cabral, 1998, p. 37). O que nos leva à necessidade de criar situações de jogo, para uma mais fácil aprendizagem, pois “todo o comportamento é motivado” (Young, 1936, como citado em Cabral, 1998, p. 38).

Cabral afirma que “os jogos populares, em si próprios, têm elevada função pedagógica.” Instroem para atividades para as quais estão “filogeneticamente vocacionados”; estimulam a vivência grupal e a consciência da ligação ao meio comum. Diz-nos ainda que estes jogos devem ser mantidos para a criança como “uma forma de passatempo, de descanso, de recreio e de divertimento” (1998, pp. 39 - 40).

1.6 Tradição infantil

A palavra tradição tem origem no latim, *traditione*, que significa “transmissão oral dos factos, lendas, dogmas, etc. de uma sociedade, de geração em geração” (Dicionário da Língua Portuguesa 2009, 2008, p. 1566).

A palavra infantil encontra origem no latim, *infantis*, significando “de criança; próprio de criança. Inocente, pueril, ingénuo” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013) <http://www.priberam.pt/DLPO/infantil> [consultado em 23-03-2015].

Como foi dito anteriormente, os jogos e as cantigas que vivem na oralidade, nasceram nos serões e na lavoura. Estes textos passaram do adulto para a criança, e com a criança têm atravessado gerações. Tornando-se assim, textos de tradição infantil.

1.7 A Linguagem

A linguagem é definida por Pocinho (2007) como “uma actividade social e por isso existe quando há mais do que uma pessoa para a empregar; é igualmente uma das formas de nos adaptarmos ao meio social no qual estamos inseridos” (pp. 87-88). Esta é composta por sons, que são combinados para formar unidades de sentido – palavras. Que por sua vez, são combinadas de forma a formarem frases com significado. A linguagem é uma das formas de comunicação que o ser humano tem, “a comunicação verbal é, sem dúvida, a mais elaborada e o sistema linguístico que a serve, o mais complexo código” (Sim-Sim, 1998, p. 22).

Esta é composta por um conjunto de códigos. Diz Sim-Sim (1998) “Por código entende-se qualquer sistema de sinais usado para transmitir uma mensagem”. Sendo assim a comunicação definida como um “processo activo de troca de informação que envolve a codificação (ou formulação), a transmissão e a decodificação (ou

compreensão) de uma mensagem entre dois, ou mais, intervenientes” (pp. 21-22). Barreiros (1989) acrescenta que “para que a mensagem passe do *emissor* para o *receptor* é necessário que ambos tenham um *código em comum*” (p. 12), ou seja que se fale na mesma língua.

1.7.1 Do fonema à palavra

A criança quando nasce apenas chora, alguns meses depois entra na fase do palreio, onde produz sons. Posteriormente começa a repetir sílabas e mais tarde a formar palavras, “a criança pequena acumula conhecimentos consideráveis sobre a língua materna muito antes de pronunciar as primeiras palavras” (Blaye & Lemaire, 2011, p. 36). Na origem de tudo está o sistema auditivo, a criança ouve a fala do adulto e tenta comunicar com ele. Nesta tentativa de comunicação a criança vai emitindo sons. Com o tempo vai restringindo-os passando a utilizar apenas os sons da sua língua materna.

Na origem dos sons estão as vibrações que se propagam por meio de ondas através do ar, as quais pressionam a membrana do tímpano que, por sua vez, origina actividade nervosa que resulta. (...) Através deste processo, as vibrações sonoras são traduzidas em sequências de sons, que surgem ao ouvinte como unidades com significado (Sim-Sim, 1998, p. 79).

O processo de desenvolvimento do som (fonema) à palavra ocorre ao nível cerebral onde o cérebro separa as sílabas, e das sílabas separa os sons para que a criança comece pelo mais básico.

O ouvinte começa por receber os sons da fala produzidos por outrém; retém a representação sonora, por segundos, na maioria de curto prazo; procura e localiza o significado da sequência de sons (palavras) na memória de longo prazo, organiza a representação sonora em frases ou constituintes de frases; combina as frases e obtém o significado do enunciado produzido; e esquece as cadeias de sons, as palavras e as frases, guardando somente o essencial da mensagem (Matlin, 1983, como citado em Sim-Sim, 1998, p. 80).

O desenvolvimento fonológico termina quando a criança consegue articular corretamente todos os sons e palavras da sua língua materna. Segundo Sim-Sim (1998), ao entrar para o Ensino Básico a maioria das crianças conseguem articular corretamente todos os sons e todas as suas combinações – *Palavras*. “Os fonemas devem ser combinados para formar palavras” (Spinelli & Ferrand, 2009, p. 14).

1.7.2 À chegada da frase

A criança, à medida que vai crescendo linguisticamente, apercebe-se das regras que permitem combinar palavras para formar frases. Sim-Sim (1998) diz-nos que “a estrutura frásica envolve relações de dependência entre as palavras”; diz-nos também que “tal como outros aspectos da linguagem, o conhecimento sintático é apreendido via exposição e reflete a grande capacidade da mente humana para descobrir regularizações e generalizar” (pp. 145-146). Assim, a criança precisa do outro (humano) num sistema de comunicação para apreender a linguagem, desde o simples fonema ou som, até à mais complexa frase.

1.8 Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar - Área de conteúdo Linguagem oral e Abordagem à escrita

Nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, lemos a importância que as rimas infantis têm no desenvolvimento linguístico das crianças: “é no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais correctas e complexas”. Acrescenta-se que “esta aprendizagem baseia-se na exploração do carácter lúdico da linguagem, prazer em lidar com palavras, inventar sons, e descobrir as relações” (Silva, 1997, p. 67). Uma criança que tenha contacto com rimas infantis, mais tarde explora os sons e fonemas livremente, pois brinca com eles. É um processo natural, muito diferente de quando não tiveram contacto com a linguagem na sua forma lúdica.

Existe um documento criado pelo Ministério da Educação que traduz as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* em metas simples, funcionando como um resumo do documento inicial. Esse documento tem por nome *Metas de Aprendizagem em Pré-Escolar* e apresenta sete metas de aprendizagem no domínio de *consciência fonológica*. Se analisarmos estas metas, conseguimos perceber que em cada uma delas é pedido que a criança brinque com as palavras, as sílabas, os fonemas.

Se não vejamos a meta nº 4 que diz:

“No final da educação pré-escolar, a criança reconstrói sílabas por agregação de sons da fala (fonemas).”

Assim como a meta nº 6:

“No final da educação pré-escolar, a criança suprime ou acrescenta sílabas a palavras.”

Ora o que as metas da aprendizagem para o pré-escolar neste domínio pedem, não é mais do que o que acontece através do uso nas rimas tradicionais infantis.

Também no domínio *compreensão de discursos orais e interação verbal* existem metas a salientar que apontam para o nosso tema específico, sendo elas as metas nº 34, 35 e 36 que nos dizem respetivamente:

“No final da educação pré-escolar, a criança alarga o capital lexical, explorando o som e o significado de novas palavras.”

“No final da educação pré-escolar, a criança usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente.”

“No final da educação pré-escolar, a criança recita poemas, rimas e canções.”

Pois, isto ocorre mais facilmente se a criança estiver habituada a ouvir e usar rimas tradicionais infantis. Atente-se ao que se diz nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*:

As rimas, as lengalengas, as travalínguas e as adivinhas são aspectos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação pré-escolar. Também a poesia como forma literária constitui um meio de descoberta da língua e de sensibilização estética. Todas estas formas de expressão permitem trabalhar ritmos, pelo que se ligam à expressão musical, facilitam a clareza da articulação e podem ainda ser meios de competência metalinguística, ou seja, de compreensão do funcionamento da língua (Silva, 1997, p. 67).

1.9 As rimas e as cantigas infantis como recurso pedagógico

As rimas e as cantigas infantis devem ser oferecidas às crianças e usadas para diversos fins. Dentro do contexto de Jardim de Infância podem ser utilizadas em inúmeros contextos: na aquisição do esquema corporal, autonomia, socialização, interiorização de regras, iniciação à matemática, observação da natureza, expressão musical e plástica, assim como a expressão dramática e dança, ou tão simplesmente para acalmar as crianças no momento do repouso.

é para ela importante e útil saber como se pede pausa durante os jogos, o que se responde a determinadas troças, ou como as evitar. Neste sentido, as rimas são sinais de pertença a um determinado grupo, “um factor essencial de coesão do grupo”, meio de comunicação entre os seus membros (Costa, 1992, p. 47).

Em seguida apontaremos como as rimas e cantigas infantis são recurso pedagógicos fundamentais para a criança no seu desenvolvimento a nível linguístico e a nível do conhecimento do mundo.

1.9.1 O desenvolvimento da linguagem

Como já foi referido anteriormente a linguagem não é uma aquisição solitária. Precisamos do outro para nos apropriarmos dela. A criança ouve o que o adulto diz, essas palavras têm uma decomposição no seu cérebro para que se aproprie de cada som, e o saiba entoar para mais tarde construir a palavra através desses fonemas que já é capaz de dizer. Posteriormente, e sem nunca ouvir falar de semântica, a criança apercebe-se das regras que a linguagem implica e usa-as, formando as suas frases.

Cordeiro (2009) lembra-nos de como é importante ir descrevendo à criança o que estamos a fazer, é preciso que “ligue os acontecimentos à sua descrição verbal” (p. 315). Pocinho (2007) acrescenta que “é importante para o bebé que ela [mãe] lhe fale. Pronunciando sons, palavras, frases, as quais temos a sensação de que o bebé nada entende, ajudamo-lo no desenvolvimento da fala” (p. 91). A relação que vai criando com o adulto nestes momentos de comunicação “permite à criança sentir-se em segurança” (p. 88), e ainda lhe dá o sentimento de pertença. “A criança aprende a falar em função do seu desenvolvimento intelectual e afetivo” (Rigolet, 2006, p. 142).

Pocinho (2007), no seu livro *A música na relação Mãe-Bebé*, baseada em Bower (1983), Gemelli (1996), David (1970) e Piaget (1977), dividiu o desenvolvimento da linguagem em quatro fases, salientando que as idades que apresenta são apenas de referência, pois cada criança tem o seu próprio ritmo.

A primeira fase, por si referida, é compreendida entre os 0 e os 9 meses. Aqui, a forma que a criança tem de se exprimir é “através de gemidos e gritos”. Ela apercebe-se que através do choro, a mãe vem e as suas necessidades básicas são satisfeitas. A criança reage a estímulos, e apenas por volta dos 3 meses tem reações positivas ou negativas. Cerca dos 6 meses aparecem os primeiros fonemas, “«ma», «pa», «ta»” seguido posteriormente da junção de duas sílabas.

É nesta etapa que o bebé começa a balbuciar sem ser propositadamente. Segundo a posição que os seus lábios ou a língua tomam, emite um novo som ao respirar. Ele ouve esse som e tenta imitá-lo. A repetição começa a diverti-lo e a incitá-lo à invenção de novos sons. Esta descoberta é denominada de lambdacismo ou lalação (Pocinho, 2007, p. 89).

Dos 9 aos 18 meses Pocinho (2007), refere que a criança começa a articular palavras, e a perceber o seu significado. Nesta fase é importante reforçar os estímulos dados para alargar “o seu mini-dicionário” (p. 90).

A terceira fase situa-se entre os 18 e os 36 meses (3 anos). Aos 18 meses cada palavra tem o mesmo valor que uma frase. Aos 21 meses, o bebé, combina palavras em grupos de duas ou três. A maior evolução dá-se durante o período dos 2 aos 3 anos, onde a criança começa a utilizar pronomes pessoais, substantivos e tem uma melhor construção frásica.

Na fase dos 3 aos 6 anos, a criança mostra maior interesse pelo mundo objetivo - cores, formas, tamanhos. Rigolet (2006) separa-nos esta faixa etária (3, 4 e 5 anos) por grupos de idade, dizendo-nos que aos 3 anos, a criança tende a cuidar da linguagem, já constrói frases curtas e simples, relata factos contados – histórias - fazendo uma repetição da audição.

A mesma autora refere-nos que aos 4 anos se começa a usar o “e” em vez da vírgula (,), se começa a conjugar os verbos, formam-se frases maiores e mais complexas começam-se a usar substantivos, pronomes, advérbios, adjetivos, artigos, ou seja, as crianças têm um vocabulário mais alargado. Nesta fase começam a abordar temas que até agora não lhes interessavam; fixam mais rapidamente as letras das músicas, respeitando melhor o ritmo e acentuando-o.

Aos 5 anos, Rigolet (2006) apenas nos refere que as crianças têm um discurso mais elaborado, as frases são mais longas, fazem levantamento de hipóteses, dão importância ao pormenor, começam a rimar, ganham o interesse por anedotas e gostam de representar. Esta idade, aparentemente já não tem muito para desenvolver a nível da linguagem, mas Cordeiro (2009) diz-nos que esta criança está predisposta a aprender nove palavras por dia. Blaye e Lemaire (2011) acrescentam que a criança entre os 30 meses e os 6 anos passa dum léxico de 200 palavras para cerca de 2000 a 2500 palavras.

É esta predisposição que a criança tem para aquisição de novas palavras em idade de Jardim de Infância que tem de ser aproveitada pelos adultos em sala, dando às crianças o que elas ambicionam - palavras novas. Este novo vocabulário pode ser transmitido através de estímulos. Uma boa ferramenta são as rimas e as cantigas infantis, “a música é essencialmente ritmada e mimada. Torna-se importante à medida que vão crescendo” (Pocinho, 2007, p. 96). Madaule (1983) reforça que estes materiais fazem com que a criança “aprenda os mecanismos e os sons da linguagem materna, o que lhe proporcionará uma maior facilidade de adquirir linguagem” (como citado em Pocinho, 2007, p. 107).

O recurso a estas rimas simples e que desafiam a criança, levam-na a inventar outras rimas - adivinhas novas, rimas novas para jogos, assim como jogos novos. Levando-a ainda a procurar trava-línguas mais complicados do que aqueles que, agora, já consegue dizer. Ora aqui, mais que a linguagem está a criatividade, o cognitivo no seu geral a pedir novos desafios.

Estas servem, também, para testar as capacidades de cada um dos elementos do grupo. É usual as crianças rirem-se das que ainda não conseguem dizer, executar ou sincronizar movimentos característicos das rimas. Um caso extremo, em que este aspeto está inscrito nos próprios textos, é o dos trava-línguas (Costa, 1992, p. 47).

Como sabemos e já foi referido, a linguagem é uma aprendizagem ativa; ora as rimas e as cantigas infantis são uma forma lúdica de introduzir novo vocabulário às crianças, exatamente de forma ativa. Rigolet (2006) refere que “a linguagem deve sempre que possível, estar ligada à experiência directa. O adulto deve introduzir vocabulário, conceitos e formas linguísticas novos em ligação com a actividade concreta desenvolvida pela criança”. Refere ainda que “é importante que as crianças brinquem com a linguagem” (pp. 161-163).

Tudo isto acontece com o acréscimo do valor emocional que possui ainda a lírica tradicional infantil: o seu repertório acalma as crianças e fá-las sentir-se amadas, porque estamos com elas a entoar-lhes, quando são pequenas, e/ou em comunicação directa, tal como acontece com os seus pares, como já foi referido anteriormente.

1.9.2 A compreensão do mundo

Vieira (2009), no seu livro *A Arte, Mestra da Vida: Reflexões sobre a escola e o gosto pela leitura*, diz-nos que “em nome da mudança, a Escola está, irreflectidamente, a esquecer a sua função de preparar para a vida” (p. 33) e, citando Yehudi Menuhin, violinista e maestro, acrescenta que:

Só o exercício das artes, dos nossos sentidos (como o do ouvido) e da diversidade de culturas da Europa é capaz de dar origem ao verdadeiro respeito pelo próximo e ao desejo de paz que permita levar a cabo as nossas próprias realizações colectivas, bem como as realizações colectivas de todos aqueles que partilham a nossa responsabilidade para com esta Terra que sofre. Só com uma formação criadora que não suprime nenhum dom da criança, mas, pelo contrário, a civiliza, poderemos em conjunto construir uma sociedade que domine e absorva a violência (Menuhin, como citado em Vieira, 2009, p. 50).

A criança faz a apreensão do seu meio envolvente através das suas vivências. As rimas infantis transmissores de cultura de forma experiencial, são elementos importantes para a criança, por isso devem ser parte integrante das suas vidas; transmitem valores, regras da sociedade, ajudam na sociabilidade, na compreensão das emoções, sentimento de pertença. Desenvolvem também a memória, ajudam no conhecimento de si mesmo e dos

outros, e no reconhecimento das formas e do espaço, entre outras coisas. Ou seja, preparam-nas para a vida.

These rhymes are more than playthings to children. They seem to be one their means of communication with each other. Language is still new to them, and they find difficulty in expressing themselves. When on their own they burst into rhyme, of no recognizable relevancy, as a cover in unexpected situations, to pass off an awkward meeting, to fill a silence, to hide a deeply felt emotion, or in a gasp of excitement. And through these quaint ready-made formulas the ridicolourness of life is underlined, the absurdity of the adult world and their teachers proclaimed, danger and death mocked, and the curiosity of language itself is savoured (Opie & Opie, 1988, como citado em Costa, 1992, p. 46).

No seu livro *Um continente poético esquecido: As Rimas Infantis*, Costa (1992) faz referência às várias funções das rimas. Em relação à sociabilidade diz que “são sinais de pertença a um determinado grupo ‘um factor essencial de coesão do grupo’, e meio de comunicação entre os seus membros” (1992, p. 47). Na componente psicológica diz-nos que através destas podemos falar das emoções fazendo se necessário sobressair o medo (a autora ressalta o papel da ameaça, da chantagem assim como das fórmulas de exorcismo, utilizadas pelas crianças). Pocinho (2007) diz-nos que “as representações que as crianças constroem através das suas experiências emocionais são futuros ingredientes para a maneira como eles eventualmente se poderão definir” (p. 82). Há rimas infantis que se dirigem à explicação das emoções.

As lengalengas cumulativas têm vindo a ser apontadas como ótimas ferramentas para o desenvolvimento da memória, como diz Costa (1992, p. 48). Existem rimas e cantigas infantis que dão à criança um conhecimento mais amplo do que a rodeia. Oferecem-lhe o conhecimento do seu corpo acompanhadas de gestos, como é o caso da seguinte cantiga:

Cabeça, ombros
Joelhos e pés
Joelhos e pés

E olhos e ouvidos
E boca e nariz

Cabeça ombros
Joelhos e pés.

Existem outras ainda as que nos dão o conhecimento dos animais e seus gostos ou hábitos, como é o caso de “caracol”, “bicho de contas”, “peixinho”. Há também as que nos falam das profissões sendo exemplo a “Senhora Dona Anica”.

Senhora Dona Anica
Venha abaixo ao seu jardim
Venha ver ... (as costureiras)
A fazer assim, assim. (gestos da profissão)

Senhora Dona Anica
Venha abaixo ao seu jardim
Venha ver ... (os pescadores)
A fazer assim, assim. (gestos da profissão)

Em Suma:

As rimas e cantigas infantis preparam as crianças para a vida em todos os níveis, pois estas transmitem valores, regras da sociedade; ajudam na sociabilidade, no reconhecimento de formas e de espaço, no entendimento do meio envolvente, no conhecimento de si mesmo e dos outros – do corpo e das emoções; concedem o sentimento de pertença, desenvolvem a memória e comunicação. As crianças fazem a apreensão do mundo através de vivências, e aprendem a falar em função do desenvolvimento intelectual e afetivo; a rima infantil ajuda-as a entender as emoções e a sentirem-se pertencentes a um grupo, a sentirem-se amadas.

As rimas e cantigas são importantes ao longo do crescimento da criança, pois transmitem o mecanismo e os sons da língua materna. As crianças aos 5 anos começam a rimar e a gostar cada vez mais de anedotas e de representar, procuram novos desafios cognitivos sendo normalmente criativos, ou seja, acabam por inventa-los a partir de estímulos, testando assim as suas capacidades.

Cabe ao adulto não deixar esta curiosidade acabar, dando-lhes o que elas tanto anseiam – novos desafios. Sempre através do lúdico que existe dentro da maioria das rimas infantis.

II – Metodologia

Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.

Paulo Freire (2007)

2. Descrição do estudo

Neste capítulo pretende-se descrever a metodologia utilizada nesta investigação, a qual foi desenvolvida seguindo uma abordagem qualitativa/interpretativa, em que o investigador é parte integrante.

Este estudo foi parte constituinte de uma reflexão pessoal, sustentada num processo de transformação e de construção de novos conhecimentos. Toda a ação foi previamente preparada, determinando o método de investigação a seguir.

Será realizada, a descrição da estratégia de investigação utilizada, onde se irá referir as técnicas de recolha e os procedimentos utilizados neste estudo.

2.1 Tipo de estudo

No presente estudo, foi considerado como suporte metodológico uma abordagem qualitativa/interpretativa,

no âmbito dos estudos naturalistas, dá-se especial ênfase aos estudos descritivos (de teor qualitativo ou quantitativo), considerando mais congruentes com a agenda contemporânea da investigação académica em educação, centrada nas abordagens interpretativas (Afonso, 2005, p. 10).

Ainda, “a investigação qualitativa preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspectos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade” (2005, p. 14). Um dos métodos de investigação utilizados será a *observação participante*, pois é aquela que melhor se enquadra numa base conceptual que suporta a operacionalização e análise dos dados que surgem no quotidiano educativo.

2.2 Técnicas de recolha de dados

O presente estudo será seguido por uma *pesquisa arquivística*, *questionários* a educadores de infância e auxiliares de ação educativa no ativo, com o intuito de saber o que realmente é feito ao nível de rimas infantis em Jardim de Infância e *observação participante*.

2.2.1 Observação Participante

Esta é uma técnica de recolha útil e credível, pois é o que se observa e não o que se pensa que está em causa; “é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos” (Afonso, 2005, p. 91).

Este tipo de observação consiste em registos de diversas observações. Neste estudo os registos usados serão as *notas de campo*. Embora tenha sido logo no momento tirado um pequeno apontamento, há a notar que as notas de campo aqui utilizadas foram estruturadas e escritas muito tempo após das ações que descrevem. Estas notas de campo são chamadas de *headnotes* - notas de cabeça. *Headnotes* são as notas de campo que são guardadas apenas na cabeça, como não passaram logo para o papel continuam a ser modificadas enquanto durar o trabalho de campo. Como refere Ottemberg (1991) “fieldnotes stay the same, written down on paper, but the headnotes continue to involve and change as they did during the time in the field” (como citado em Meyer, 2008, p. 52). A escolha de *headnotes* - notas de cabeça prende-se com as circunstâncias vividas na altura da realização do estágio.

2.2.2 Pesquisa Arquivística

A *pesquisa arquivística* é o tipo de pesquisa que se baseia na utilização de documentação já existente. Esta é uma pesquisa que não acrescenta nada de novo, apenas utiliza informação já existente para provar algo. “A pesquisa arquivística consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder à questão de investigação” (Afonso, 2005, p. 88). Ainda nos diz que é uma das mais fidedignas pois, “(...) os dados são obtidos por processos que não envolvem recolha directa de informação a partir dos sujeitos investigados [evitando] problemas causados pela presença do investigador” (Lee, 2003, p. 15, como citado em Afonso, 2005, p. 88).

2.2.3 Questionários

Os Questionários consistem em questões escritas com respostas escritas, isto é, não existe interação verbal entre os intervenientes. São maioritariamente utilizados em estudos extensivos ou estudos de caso. É esperado que os questionados “Ao responderem, digam o que efetivamente sabem, querem e pensam” (Afonso, 2005, p. 103).

2.3 Procedimento

Para a investigação, de modo a responder à pergunta de partida “*Como são usufruídas as rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?*” decidi, após observação no meu contexto de estágio que só a observação seria pouco para fundamentar os meus pensamentos neste campo investigatório.

A primeira vez que os adultos cantaram com as crianças foi após eu ter perguntado se “não cantavam com as crianças?”, dado que já tinha quase um mês na instituição e nunca havia assistido a nenhum desses momentos. Ainda assim, durante o resto da minha prática vi cantarem muito pouco com as crianças. A técnica utilizada para as acalmar era colocar vídeos de desenhos animados do Youtube ou CD’s de histórias.

Tentei por vezes cantar com as crianças cantigas tradicionais infantis, assim como entoar lengalengas, mas estas não as conheciam. Na sala coloquei várias vezes o CD *Sementes de música*¹ para que lhes fosse educando o ouvido, mas as crianças não lhe davam grande importância, pois não estavam familiarizadas com as toadas populares que integram esta compilação, e que exigem alguma predisposição para serem integradas. Já quando eram colocadas músicas infantis em voga através sobretudo dos meios de comunicação, cantavam e dançavam. O mesmo acontecia com as músicas indiferenciadas (e para destinatários adultos) passadas na rádio, das quais de muitas até sabiam as coreografias.

Assim sendo optei por efetuar questionários junto de educadores de infância e auxiliares de ação educativa, no intuito de saber o que estava a ser feito em Jardim de Infância. Optei pela *pesquisa arquivística* para falar da importância destas rimas.

(1) Compilação de Ana Maria Ferrão e Paulo Ferreira Rodrigues de reconhecida qualidade, proveniente da tradição oral. “Queremos proporcionar o contacto com rimas infantis que integram diferentes elementos musicais, com canções que embalam ou que contam uma história, com jogos de ritmo e de interação, com música gravada para escutar, dançar ou imaginar, com sons de instrumentos, com ambientes de ontem, de hoje e de sempre” (contracapa).

2.4 Cronograma

		Aulas	Estágio	Orientações Tutoriais	Notas de Campo - <i>Headnotes</i>	Questionários
2013	Janeiro	X	X		2 (em 3 dias)	
	Fevereiro	X	X		1	
	Março	X	X	2	3	
	Abril	X	X	1	6 (em 7 dias)	
	Maio	X	X	3	3	
	Junho			3		X
	Julho			3		X
2014	Maio			1		
	Junho			2		
	Julho			1		
	Setembro – dezembro			5 (e-mails)		
2015	Janeiro – maio			6 (e-mails)		
	Setembro - novembro			2 (presencial)		

III - Análise interpretativa

A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula.

Iana Muniz, (2012)

3.1 Rimas e cantigas infantis no Jardim de Infância

Conforme referi anteriormente, no local onde frequentei a minha Prática de Ensino Supervisionada, praticamente não existia o recurso pedagógico a cantigas de tradição infantil, nem a rimas infantis - lengalengas, trava-línguas e adivinhas; nem rimas de jogos. No decorrer da minha Prática de Ensino Supervisionada fui inserindo as cantigas e rimas tradicionais infantis, assim como jogos tradicionais infantis, os quais estão registados em notas de campo (*headnotes*).

Para completar este estudo, senti necessidade de redigir um questionário (anexo II), ao qual responderam trinta (30) profissionais de educação, sendo quinze (15) educadores de infância e quinze (15) auxiliares de ação educativa. Todos os questionários foram considerados válidos¹. As respostas completas ao questionário encontram-se no Anexo III.

Para a análise conclusiva do meu estudo decidi criar duas grandes categorias, onde responderei às questões colocadas para elaboração deste estudo.

(1) Na Leitura dos gráficos, apesar de repetitivas, achamos importante usar as respostas dados pelos questionados.

3.1.1 “As melhores rimas para o desenvolvimento infantil”

a) Aspetos linguísticos

As notas de campo nº 8 e 9 descrevem momentos de aprendizagem através das canções de berço:

Ao cantar a Canção de berço “Papão”, uma criança perguntou-me:

“- O que é baga?”

Ao que eu expliquei que a baga era um pequeno fruto sem caroço que nascia em algumas árvores.

Nota de campo nº 8 – 10 de abril de 2013

A Mariana ia-se embora e nós, adultos na sala, dissemos “Então até amanhã”.

E a Carolina pergunta:

- Porque é que dizes até amanhã?

A Mariana responde:

- Agora vamos para casa, e vem a lua e depois o sol, e depois amanhã que é outro dia voltamos para a escola.

Eu achei interessante o que a Mariana disse e perguntei-lhe:

-Muito bem. Como sabes isso?

Ela responde:

-Está naquela música que tu cantas. Tu dizes “ nasce o sol, põe-se a lua”.

Nota de campo nº 9 – 15 de abril de 2013

Quando lhes é cantada uma canção, as crianças prestam atenção à letra, perguntam o significado das palavras que não conhecem, e até fazem a apreensão do ciclo do sol e da lua - dia e noite. Como nos diz Brazelton (2010) “A excitação de aprender sobre este mundo é evidente nas perguntas sobre tudo e mais alguma coisa das crianças de 3 anos. A sua curiosidade nunca parece satisfeita” (p. 38) e, acrescentamos nós a partir do que conhecemos empiricamente, que esta curiosidade é tão igualmente evidente aos 4 e 5 anos, e se perlonga até à 3ª infância.

A nota de campo nº 13 transcreve o momento em que uma criança me pediu água e eu usei um trava-línguas:

O Daniel veio ter comigo e pediu-me água. Eu na brincadeira disse-lhe muito devagar:

“ Copo, copo, Jericopo

Jericopo, copo cá

Quem não disser três vezes

Copo, copo, Jericopo,

Jericopo, copo cá

Desta água não beberá.”

A criança riu-se e com a minha ajuda disse:

“Copo, copo, Jericopo,

Jericopo, copo cá.”

Nota de campo nº 13 – 7 de maio de 2013

Barreto (2002), baseando-se na revista *Colóquio-Letras* nº 66 (março de 1982) e nº 72 (março de 1983), edições dedicadas à literatura infanto-juvenil, cita António Torrado dizendo-nos que o propósito deste tipo de rimas infantis é destravar a língua. Assim sendo, leva-nos a crer que o exercício destas rimas ajuda as crianças na articulação das palavras, até mesmo das não existentes (no sentido em que se articulam fonemas), ou apenas sons pertencentes a outras palavras. Podemos dizer que se a criança estivesse habituada a estes estímulos linguísticos lhe seria mais fácil aprender a falar e escrever.

Como referimos, o que observamos no contexto de Jardim de Infância não compreende a utilização deste tipo de materiais orais. No entanto, a resposta dos profissionais de educação que estão no ativo, quando questionados sobre quais as melhores rimas/cantigas para o desenvolvimento da linguagem, é curiosa, pois sobressaem as de tradição infantil. Vejamos o gráfico:

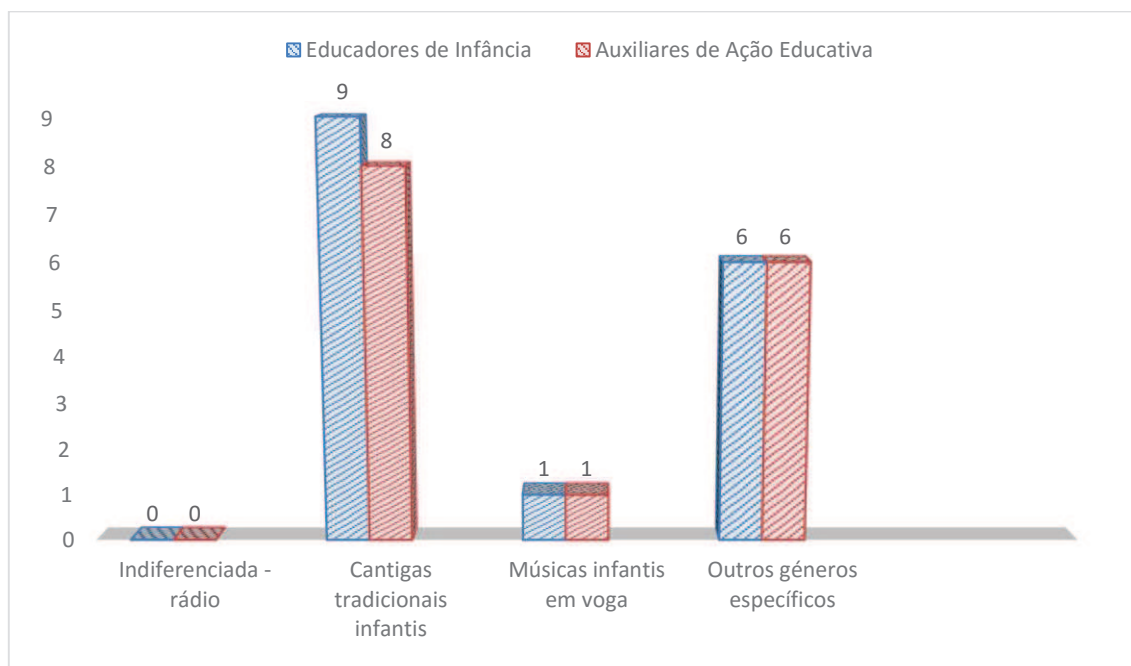


Gráfico nº 1: Melhor tipologia para o desenvolvimento da linguagem

Observando o gráfico nº 1 verificamos que nove (9) educadores de infância e oito (8) auxiliares de ação educativa disseram que as *cantigas tradicionais infantis* eram as melhores, um (1) educador de infância e um (1) auxiliar de ação educativa responderam as *músicas infantis em voga*, seis (6) foram os de educadores de infância, e seis (6) os auxiliares de ação educativa a escolher *outros géneros específicos* como melhor género musical para o desenvolvimento da linguagem.

Pela análise do gráfico nº 1 podemos concluir que a maioria dos profissionais de educação que responderam ao questionário pensam que as cantigas tradicionais infantis são as melhores para o desenvolvimento da linguagem, seguidas de outros géneros específicos (cinco (5) especificaram: música clássica).

O resultado surpreende-nos no sentido em que o que se diz e o que se pratica não condiz. Mesmo neste último caso quando pedimos a justificação de como é que, por exemplo a música clássica fomenta o desenvolvimento da linguagem, os próprios não o conseguiram fazer cabalmente. Apenas houve referências a que eram um género musical que acalmava e fazia adormecer as crianças.

i. Educadores de infância

As justificações ostentadas pelos educadores de infância para as escolhas feitas na categoria anterior são apresentadas em seguida, divididas pelas tipologias escolhidas.

Cantigas tradicionais infantis

Para a utilização destas as justificações expostas pelos educadores de infância são várias: o facto de ajudarem as crianças a verbalizar ao mesmo tempo que fazem os gestos das cantigas, começando mais cedo a oralizar as ações do dia-a-dia através da repetição; também acrescentaram o facto de serem importantes para o seu crescimento, para que se sintam crianças mais autónomas e desinibidas para poderem alcançar pequenas metas a seguir. Também referem que aumentam o vocabulário da criança, pois brincam com os sons e aprendem, a transmissão de conhecimento, e o desenvolvimento da imaginação.

Outras das justificações apresentadas são o facto de as letras das cantigas serem em português, e estarem de acordo com a “mentalidade” das crianças. Dizem que as crianças se apercebem e se apropriam rapidamente das suas letras, cantando-as, ou seja, expressando-se oralmente; por terem uma linguagem mais acessível e familiar para as crianças ajudam na consciência fonológica; indicam também que são momentos descontraídos com componente pedagógica por brincarem com as terminações das palavras, incentivando e motivando o grupo a desenvolver a sua linguagem e a encontrar palavras com a mesma terminação. Não conseguimos interpretar na totalidade estas afirmações mas presumimos que se estejam a referir à questão da rima.

Músicas infantis em voga

É dada como justificação que são músicas com “conteúdos e com rimas” (cremos que tem a ver com a sonoridade das palavras e não do tipo de material que se está a empregar). Diz-se também que “aumentam o vocabulário da criança” e ainda “brinca-se com os sons

e aprende-se (transmissão de conhecimento, desenvolvimento da imaginação) ”, segundo foi respondido.

Outros géneros específicos

As justificações ostentadas para o uso de outros géneros específicos são afirmações que indicam que: todas tipologias terem capacidade para desenvolver a linguagem da criança, desde que faladas na língua portuguesa; os nossos inqueridos sublinham que a letra deve ser perceptível, porque estando a cantar estamos também a desenvolver a linguagem; e, como atualmente vivemos numa sociedade multicultural, todos os estilos musicais servem para o desenvolvimento da linguagem da criança. Há ainda quem afirme que não há nenhuma tipologia específica que seja mais importante que as outras.

ii. Auxiliares de ação educativa

As justificações expostas pelos auxiliares de ação educativa para as escolhas feitas na categoria anterior são apresentadas em seguida, divididas pelas tipologias escolhidas.

Cantigas tradicionais infantis

Para a audição desta tipologia as justificações expostas pelos auxiliares de ação educativa são que estas “dão para trabalhar múltiplos aspetos da linguagem”; dizem que são cantigas que todas as crianças sabem e gostam de cantar e que permitem às crianças entrarem em contacto com a musicalidade das palavras; “alguns temas infantis ajudam a desenvolver, assim como o falar e repetir frases e palavras-chave”. Afirmam que estas cantigas tradicionais são “o que melhor se identifica com as crianças, pois na maioria das vezes estimulam a imaginação”; sugerem também que as levam a repetir e a pensar em frases que rimem. São cantigas que elas vão aprendendo e cantando, enquanto utilizam os ouvidos, mãos, pés, etc.

Percebemos nas auxiliares um encontro um pouco maior com as potencialidades deste material tradicional, sobretudo pela consciência evidenciada da importância da envolvimento do corpo. Isto pode dever-se a que, do pouco uso de canções tradicionais que observei em prática pedagógica, era este grupo profissional quem as cantava às e com as crianças.

Músicas infantis em voga

É dada como justificação o facto de as peças musicais serem dos géneros infantis com mais qualidade em Portugal, pois juntam à música, problemas do nosso planeta como reciclagem, ambiente, água, etc. dizem que nestes casos as crianças ao cantarem estão a captar mensagens importantíssimas.

Outros géneros específicos

Justificam a escolha de outros géneros específicos dizendo que a criança aprende e desenvolve a linguagem ao ouvir os vários géneros mas dentro de cada género deve ouvir as letras mais adequadas possíveis; refere-se que ouvindo a música e as palavras, “eles repetem, imitam, aprendem e logo desenvolvem a linguagem” e que todas as tipologias estimulam a linguagem da criança e há quem refira que o fazem em todas as idades.

Para concluir a análise do gráfico nº 1, podemos referir que maioritariamente as educadoras de infância e auxiliares de ação educativa afirmam que as cantigas tradicionais infantis são as que melhor auxiliam o desenvolvimento da linguagem dando como justificação o facto de serem as que melhor se identificam com a criança, muitas vezes estimulam a imaginação, ajudam a verbalizar ao mesmo tempo que fazem os gestos das canções.

Afirma-se ainda que estas ajudam na consciência fonológica, permitindo às crianças o contacto com a musicalidade das palavras, levando-as a repetir e pensar em frases que rimem, brincando com os sons e terminações das palavras, aumentando o vocabulário. Há quem defenda que todos os géneros musicais são importantes, desde que cantados na língua materna com letra que as crianças entendam, não existindo nenhum género específico para o desenvolvimento da linguagem.

b) Aspetos cognitivos

A nota de campo nº 10 faz referência a uma cantiga, que é cantada às crianças com o auxílio de material lúdico:

Com o auxílio de um livro realizado por mim e por uma colega, num trabalho de 2º ano da Licenciatura, cantei-lhes a “Dança da Velha”, que eles aprenderam de imediato e todos queriam contar o número de objetos que se encontrava em cada porta.

Nota de campo nº 10 – 16 e 17 de abril de 2013

Uma cantiga tradicional infantil, assim como uma lengalenga cumulativa, quando trabalhada de forma criativa e lúdica, pode dar à criança o conhecimento da sequência numérica (cadeia numérica) e a correspondência número/quantidade (cardinalidade). “Motivação é algo que leva os alunos a agirem por vontade própria. (...) motivar é despertar o interesse e o esforço do aluno. É fazer o estudante desejar aprender aquilo que ele precisa aprender.” (Záboli, 1999, p. 46).

A nota de campo nº 11 é referente a uma lengalenga cumulativa que aparece em sequência da história da Carochinha:

Na sequência de “História da Carochinha” recontada por António Torrado, apesar desta versão não repetir a cumulação, eu fi-la com as crianças. As mais velhas, ao fim da terceira vez já a repetiam comigo. As mais novas iam tentando.

Nota de campo nº 11 – 23 de abril de 2013

Campbell e Scott-Kassner (1995) dizem-nos que “a música oferece oportunidades, para a socialização e cooperação através dos jogos cantados e danças. Oferece às crianças um meio de compreender outras culturas através de músicas tradicionais e estimula o pensamento.” (p. 186). Pode-se assim dizer que se a criança estivesse exposta a estes estímulos conseguia acompanhar a cumulação da lengalenga com mais facilidade, ou seja, logo à primeira. Mesmo assim ficamos felizes com o resultado.

A nota de campo nº 12 descreve o momento em que usei uma adivinha para animar uma criança:

A Mariana estava num canto sozinha sem brincar. Chamei-a e perguntei-lhe se queria brincar comigo às adivinhas.

Lancei-lhe a adivinha: “uma senhorinha muito assenhorada nunca sai à rua, anda sempre molhada.”

A menina ficou pensativa, não conseguindo responder. Eu dei-lhe a resposta e expliquei-lhe que a língua dentro de sua casa, a boca, está sempre molhada. A criança achou graça e pediu-me que lhe fizesse “mais perguntas”.

Nota de campo nº 12 – 29 de abril de 2013

Moutinho (1986) no seu livro “O Adivinhão” menciona que a “adivinha não é, afinal uma coisa à toa, mas um exercício de inteligência” (como citado em Barreto, 2002, p. 16). Com esta afirmação podemos concluir que uma criança habituada a estes estímulos tem mais fácil resposta e raciocínio do que uma criança não exposta aos mesmos estímulos.

Em suma:

As rimas infantis podem transmitir conhecimento de sequência numérica e a correspondência número/quantidade. Estimulam o pensamento e desenvolvem a memória.

3.1.2 As práticas existentes em Jardim de Infância

a) O uso das rimas e cantigas infantis

Cada profissional de educação que respondeu ao questionário disse-nos o que as crianças ouviam em sala, sendo que as categorias apresentadas para escolha são *Músicas indiferenciada - rádio*, *Rimas infantis*, *Músicas infantis em voga*, *Cantigas tradicionais infantis*, *outros géneros específicos*.

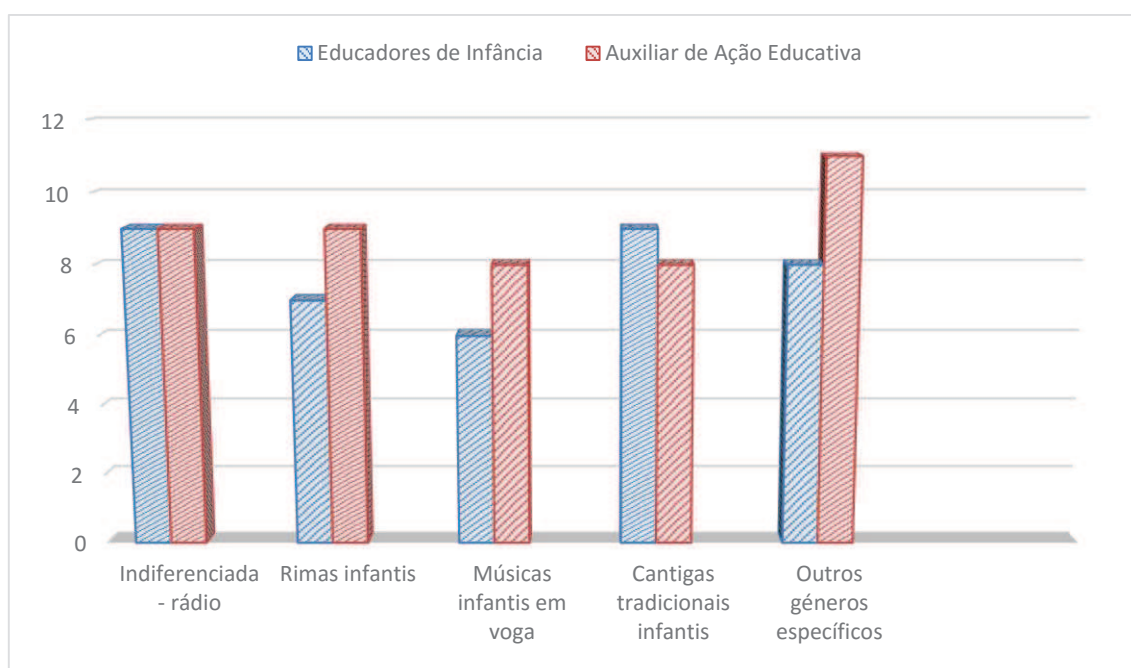


Gráfico nº 2: O que se ouve em sala

Ao observarmos o gráfico nº 2 verificamos que nove (9) educadores de infância e nove (9) auxiliares de ação educativa disseram que davam a ouvir às suas crianças *músicas indiferenciadas – rádio*; os que davam a ouvir, ou entoavam *rimas infantis* foram sete (7) educadores de infância e nove (9) auxiliares de ação educativa; responderam *músicas infantis em voga*, seis (6) educadores de infância e oito (8) auxiliares de ação educativa; nove (9) foram os educadores de infância e oito (8) os auxiliares de ação educativa que responderam que lhes ofereciam *cantigas tradicionais infantis*; oito (8)

educadores de infância e onze (11) auxiliares de ação educativa dizem que as crianças ouvem *outros géneros específicos*; dois (2) educadores de infância e três (3) auxiliares de ação educativa especificaram: música clássica.

Pela análise do gráfico nº 2, *outros géneros específicos* é o que mais se ouve nas salas de Jardim de Infância. Seguem-se a *música indiferenciada - rádio* e as *rimas infantis*. Apesar das afirmações levarem a crer que a *música infantil em voga* é a que menos toca nas salas de Jardim de Infância, parece-nos que o número é ainda demasiado alto (para os menos benefícios que tem em contraste com o uso do material tradicional ou com as mesmas canções entoadas diretamente pelos educadores, passando uma afetividade que um CD tocando sozinho não consegue fazer).

i. Educadores de infância

As justificações ostentadas pelos educadores de infância para as escolhas feitas anteriormente são apresentadas em seguida, divididas por géneros.

Músicas indiferenciadas - rádio

Neste género musical as justificações apresentadas são o facto de se achar importante a existência de outros ritmos musicais na vida da criança, pois não são só as cantigas infantis que lhes são importantes. Também se indica que estarem acostumadas a vários estilos e terem conhecimento da variedade musical que vai existindo ao longo do tempo é importante para a criança, o que a vai ajudar também a nível da linguagem.

Rimas infantis

São justificadas com o facto de as crianças em sala adorarem; e mais uma vez por ser importante que a criança se depare com diferentes modelos musicais, o que a vai ajudar do ponto de vista linguístico.

Músicas infantis em voga

Nesta tipologia, é dada como justificação ser a que as crianças mais gostam; havendo quem justifique que faz uso desta categoria com o objetivo de desenvolver vocabulário, melhorar articulação, estimular a memória e o sentido rítmico.

Cantigas tradicionais infantis

Para este grupo as justificações fundamentam-se na importância de que a criança se depare com diferentes modelos; o facto de geralmente os pais e amigos não costumarem ouvir este tipo de cantigas; por ser mais relevante para as crianças entrarem em contacto com as tradições orais e rimas populares e pelo seu conteúdo ser mais enriquecedor; e, mais uma vez, o seu uso é feito com o objetivo de desenvolver vocabulário, melhorar articulação, estimular a memória e o sentido rítmico, ou seja, porque estas impulsionam o desenvolvimento da linguagem das crianças.

Outros géneros específicos

Os educadores de infância que afirmam usar vários géneros musicais justificam-no dizendo que tentam que as suas crianças oiçam de tudo; que gostam de variar o tipo de materiais que dão a ouvir às crianças, não só músicas que estas conheçam para que também se habituem a outros géneros; dizem ainda que as crianças necessitam de ouvir todos os géneros para aumentar a sua sensibilidade musical, desenvolvimento, conhecimento e diversidade cultural; desta forma as crianças podem escolher aquela que mais se identificam.

A escolha da música clássica é justificada de forma unânime pelos profissionais como forma de relaxamento ao movimento corporal.

ii. Auxiliares de ação educativa

As justificações apresentadas pelos auxiliares de ação educativa para as escolhas feitas anteriormente são apresentadas em seguida, divididas por géneros.

Músicas indiferenciadas - rádio

Neste género musical as justificações apresentadas são o facto de serem variados géneros musicais os que passam na rádio e que isso alegra as crianças, tornando o ambiente mais divertido, pois ficam felizes e contentes; porque as crianças gostam de ouvir música; porque as crianças adoram ouvir músicas e dançar; por gosto pessoal do adulto; para ajudar o desenvolvimento da linguagem das crianças; e por serem de mais fácil acesso.

Rimas infantis

Para o uso destas surge a justificação de serem as de mais fácil acesso e das quais têm conhecimento; e o facto de ser o que se escolhe no sono.

Músicas infantis em voga

Nesta tipologia as justificações referidas são porque estão na moda, e as crianças gostam; porque alegra as crianças, tornando o ambiente mais divertido; o facto passarem na televisão e as crianças adorarem o que lhes é “vendido”; também indicam que ajudam o desenvolvimento da linguagem e também por elas gostarem muito de música; e, mais uma vez, por serem as de mais fácil acesso.

Cantigas tradicionais infantis

As justificações acerca deste género indicam que as crianças gostam de ouvir música e ficam felizes e contentes, e que servem para ajudar o desenvolvimento da linguagem das crianças.

Outros géneros específicos

A justificação para a audição de música clássica é a de que promove o descanso na hora da sesta: é usada como calmante, pois ajuda a relaxar e, ainda, como forma de entretenimento e expressão corporal

Após observarmos o gráfico nº 2 e lermos as justificações dadas pelos profissionais de educação questionados, podemos concluir que maioritariamente os educadores de infância e auxiliares de ação educativa usam em sala *música indiferenciada - rádio* tendo como justificação a existência de outros ritmos musicais na vida da criança, variedade musical e a acessibilidade. Também foi referido o gosto pessoal como motivo para a seleção. Os educadores de infância escolhem depois as *rimas infantis* e *cantigas tradicionais infantis* dizendo que ajudam na linguagem, na memória, na aquisição de sentido rítmico, porque os pais não as utilizam estas em casa e as crianças gostam.

A nota de campo nº 1 faz referência a um momento de ensaio de uma cantiga das Janeiras:

Na hora da manta as crianças ensaiam as “Janeiras” com a ajuda da educadora, (...). Dia 7 pelas 10h desceram até ao átrio de entrada da instituição onde se encontraram com outras duas instituições; ordenadamente cada instituição cantou as “Janeiras”, e houve troca de “oferendas”.

Nota de campo nº 1 – 3 e 7 de janeiro de 2013

Havia crianças que estavam a cantar por cantar, ou seja, sem emoção sem sentimento, pareciam estar ali, a cantar obrigadas. A instituição trabalha as tradições, mas até que ponto as consegue fazer significativas para as crianças? Se as tradições fossem dadas a viver e experimentar de forma adequada, e menos impostas às crianças, estas continuavam a cantar só por cantar, ou faziam-no com mais vontade?

O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (Vygotsky, 1989, p. 33).

Qualquer criança faz qualquer atividade, incluindo cantar “as Janeiras”, desde que a essa atividade seja atribuído um significado próprio.

Na nota de campo nº 3 é descrito o momento em que questionei uma dos auxiliares de ação educativa sobre os momentos de música:

Perguntei à auxiliar de ação educativa se cantavam com as crianças, e esta decidiu cantar com elas para eu ver que cantavam.

As crianças estavam pouco à vontade com a maioria das cantigas, sendo que as que sabiam melhor e que se sentiam mais à vontade eram as das épocas festivas.

Nota de campo nº 3 – 5 de fevereiro de 2013

Cordeiro (2009), Wieder e Greenspan (2010) explicam-nos como a criança age de forma emocional com o mundo envolvente. “Há muitos factores que intervêm no processo de desenvolvimento e, consequentemente, nos desempenhos da criança nos vários níveis” (Cordeiro, 2009, p. 175), Wieder e Greenspan, quase que em diálogo acrescentam que “a criança fica a gostar das atividades em que está envolvida” (p. 167). Ora estas ideias levam-nos a pensar que estas crianças não têm por hábito a atividade de cantar.

A nota de campo nº 6 descreve o momento em que decidi ter uma conversa com as crianças, onde lhes disse que eu não sabia muitas cantigas, e perguntei-lhes se me podiam ensinar as que conheciam. Então, ordenadamente pedi que me cantassem:

A Dália cantou duas músicas de rádio (“ai se eu te pego”, “ganganstyle”), quando lhes disse que não queria que me dissessem músicas de rádio, começaram a inventar canções com situações reais do seu dia-a-dia. Muitas crianças diziam apenas que não conheciam outras cantigas.

Neste momento vi-me obrigada a cantar uma ou duas cantigas para ver se as conheciam. As crianças não conheciam as cantigas que cantei, por isso cantei uma das que eu sabia que conheciam (coelhinho da páscoa). Neste momento

começaram a surgir algumas cantigas, sendo estas de épocas festivas, tais como: “Pinheirinho”; “É o dia do pai”; entre outras.

Nota de campo nº 6 – 28 de março de 2013

Nesta atividade consegui perceber que o repertório das crianças não era tão vasto como o de outras crianças na mesma idade. As músicas que mais conheciam eram músicas indiferenciada - radio, os “hits” da moda, como se diz na gíria juvenil.

As crianças sabem que se dança música, isto é, que a dança está associada à música, e geralmente sentem grande prazer em dançar. Se os professores levarem isso em conta e considerarem como ponto de partida o repertório atual de sua classe (os das crianças e o próprio) e puderem expandir este repertório comum com o repertório do seu grupo cultural e de outros grupos, criando situações em que as crianças possam dançar, certamente estarão contribuindo significativamente para a formação das crianças (Estevão, 2002, p. 33, como citado em Ongaro, Silva, & Ricci, 2006, p. 3).

Os adultos em sala devem ter uma maior insistência nas rimas e cantigas de tradição infantil, sendo que estas são mais acessíveis em termos de linguagem para as crianças, e lhes transmitem emoções e valores inerentes ao ser humano.

Em suma:

Maioritariamente o que é dado às crianças para ouvir é a música indiferenciada - rádio, sendo a justificação dar outros ritmos à criança, variedade musical. Seguem-se as rimas e as cantigas infantis por ajudarem no desenvolvimento da linguagem e da memória.

Com as notas de campo conseguimos apurar que as crianças que fizeram parte da observação não têm por hábito cantar, não lhes é passado o gênero tradicional e sim as músicas indiferenciadas - rádio, assim como as músicas em voga. Sendo que as cantigas tradicionais infantis que as crianças mais se familiarizam são as de épocas festivas. A transmissão das rimas e cantigas infantis está a perder-se.

b) A possibilidade do uso das rimas e canções infantis

Na nota de campo nº 2 é referido o momento em que era preciso acalmar as crianças para as levar para a uma atividade, história em flanelógrafo, que se iria realizar na sala do lado:

Optei por cantar para os acalmar e levá-los para a sala ao lado (...) A cantiga tinha gestos, as crianças primeiro apropriaram-se dos gestos, e aos poucos algumas crianças começaram a cantar.

Nota de campo nº 2 – 16 de janeiro de 2013

As crianças mostraram-se surpresas com esta forma de iniciar uma história. A música é uma chamada à atenção das crianças preparando-as para o que vem a seguir, neste caso, para a audição de uma história. “A música passa uma mensagem (...) toma conta das pessoas, envolvendo-as trazendo lucidez à consciência” (Faria, 2001, p. 4, como citado em Ongaro, Silva, & Ricci, 2006, p. 3).

A nota de campo nº 4 descreve o momento em que “contei” o *Romance da Bela Infanta*:

Com as crianças sentadas na manta abri o livro e contei o *Romance da Bela Infanta* (...). Depois coloquei o CD e deixei-os ouvir esta história agora cantada, (...). Quando esta acabou, perguntaram se podiam ouvir o CD completo, ao que respondi de imediato que sim.

Nota de campo nº 4 – 26 de março de 2013

Ao utilizar o CD não estou a ir contra o que disse anteriormente sobre a afetividade, o CD foi usado como complemento à atividade, e a minha voz acompanhou o CD que tocava.

As crianças prestaram bastante atenção à letra deste romance e das cantigas que foram ouvindo, tirando delas algum significado, construindo até, uma narrativa à volta dos recursos pedagógicos supra citados. Sim-Sim (1998) diz-nos que “meios mais estimulantes proporcionam experiências de interação mais ricas” (p. 19). Refere-se ao desenvolvimento da linguagem mas, o que diz pode ser utilizado para falar do meio que envolve a criança, demonstrando que num meio onde a criança tem uma interação mais proveitosa com o meio que a envolve, esta tem experiências mais ricas.

A nota de campo nº 5 ocorre quando decidi colocar o CD “Sementes de música”² a tocar em substituição ao CD dos “Caricas”³:

Quando era posto o CD dos “Caricas” muitas crianças paravam as suas brincadeiras para ir dançar as coreografias das músicas, junto à aparelhagem. Quando coloquei o CD “Sementes de música”, as crianças praticamente nem ligaram ao que tocava, apenas algumas meninas davam por ele a tocar, e ainda assim só se aperceberam quando tocava o *Romance da Bela Infanta*. Só a Mariana me veio perguntar, assim que tocaram as primeiras músicas, se aquele era o CD da *Bela Infanta*.

Nota de campo nº 5 – 27 de março de 2013

Quando era posto o CD dos “Caricas” as crianças, como já o conheciam da televisão e por este ter ritmos acelerados e básicos, chama a atenção das crianças. Já o CD “Sementes de música”, sem conhecimento prévio e mediação, são pouco apelativos para as crianças pois têm ritmos mais calmos e alguns até difíceis.

“A criança precisa ser sensibilizada para o mundo dos sons, pois, é pelo órgão da audição que ela possui o contato com os fenômenos sonoros e com o som.” (Ongaro, Silva, & Ricci, 2006, p. 2). Esta afirmação fala da música em traços gerais, penso que posso afirmar que as crianças reagem de forma diferente ao que conhecem e ao que não conhecem. Que simplesmente o que eu colocava não era notado em CD, mas quando cantado por um adulto em sala era notada, a criança sentia-se envolvida. Penso que seja por esta falta de transmissão que as crianças não deram tanta importância às cantigas que não conheciam ou que não faziam parte do género de música que era ouvida em sala.

A nota de campo nº 7 é passada num momento da rotina – repouso:

Aproveitei um momento em que fiquei sozinha no repouso e cantei “canções de embalar” para as crianças.

Algumas crianças praticamente se sentaram na cama, mas todas levantaram a cabeça a olhar para mim.

Nota de campo nº 7 – 8 de abril de 2013

As crianças gostam que lhes cantem, Wieder e Greenspan (2010) dizem-nos que a criança gosta das atividades em que está envolvida, o que pode justificar a reação das crianças.

(2) Compilação de Ana Maria Ferrão e Paulo Ferreira Rodrigues de reconhecida qualidade, proveniente da tradição oral.

(3) Músicas infantis em voga Pop, veiculadas pelo canal Panda.

(...) o gosto pela música é natural nas crianças. Elas gostam de cantar e de ouvir música, como gostam de ouvir o ruído da água que corre da nascente ou o canto de uma ave. A música é uma linguagem universal, completa porque é puramente intuitiva, e talvez o modo de expressão, por excelência da espontaneidade (Gloton, 1978, p. 177).

Como foi referido anteriormente nas notas de campo nº 8, 9 e 10, as crianças retiram das cantigas o que é novo para elas, efetuando assim momentos de aprendizagem. Nestes casos específicos palavras novas, ciclos e sequências numéricas.

As notas de campo nº 14 e 15 retratam dois momentos em que ensinei jogos tradicionais com cantiga às crianças:

Numa brincadeira de recreio ensinei às crianças o jogo da Cabra-cega, com a rima do mesmo. As crianças aprenderam a rima á medida que iam jogando, e juntavam-se mais crianças a querer jogar.

Nota de campo nº 14 – 22 de maio de 2013

Numa brincadeira de recreio ensinei às crianças o jogo da Falua com a respetiva cantiga. As crianças adoraram, aprenderam a cantiga na perfeição e divertiram-se imenso.

Nota de campo nº 15 – 27 de maio de 2013

“O jogo é um momento privilegiado de concretização do cancionário infantil, (...) Decisiva para a realização do jogo, a voz poético-musical dimana de um corpo cujos movimentos a continuam, prolongam e reforçam” (Nogueira, 2007, p. 6).

Após ler esta afirmação de Nogueira e de observar como as crianças reagem aos jogos tradicionais, lamento que a transmissão dos mesmos esteja a ficar perdida porque os educadores deixaram de os transmitir, ou de lhes dar a importância devida, tal como observei neste pequeno estudo.

No entanto, os discursos são divergentes: os profissionais de educação, quando questionados sobre a possibilidade de trabalhar rimas infantis e cantigas tradicionais infantis em Jardim de Infância (tanto os educadores de infância como auxiliares de ação educativa) dizem ser possível, sendo algumas das justificações apresentadas as seguintes:

i. Educadores de infância

Os educadores de infância dizem que as crianças têm uma capacidade de aprendizagem fascinante, portanto tudo pode ser treinado e aprendido; a valência de Jardim de Infância é muito rica em versatilidade, podendo ser trabalhado tudo o que seja música; tratando este tema de maneira lúdica pensam ser possível apresentá-lo às crianças; pois é apelativo para as crianças.

Afirmam ainda que através de rimas e cantigas tradicionais se pode desenvolver com as crianças muito da prática pedagógica, juntando também assim a parte lúdica; que além de muitas delas terem uma linguagem bastante acessível para as crianças, têm ritmos diferentes que despertam o seu interesse; pois é algo que faz parte da cultura portuguesa e faz com que a criança se sinta mais conhecedora da mesma, desenvolvendo a linguagem e a relação.

Referem também que na valência de Jardim de Infância as crianças são muito interessadas, já conseguem cumprir regras e ouvir com atenção o que se pretende e gostam muito que sejam valorizadas, tentando fazer o melhor que conseguirem; há educadores de infância que dizem ser importante e interessante trabalhar-se as rimas e cantigas tradicionais pois hoje em dia, há poucos educadores que o fazem e isso faz com que a criança não se interesse por outras tipologias. As rimas e cantigas não são só divertidas como transmitem ideias importantes para a sociedade.

ii. Auxiliares de ação educativa

Os auxiliares de ação educativa dizem achar possível trabalhar tudo e mais alguma coisa em Jardim de Infância, basta saber como fazê-lo de modo a proporcionar bons momentos de aprendizagem; se as rimas forem simples conseguem-se trabalhar com alguma criatividade; facilitam o contacto das crianças com a língua materna (ou não materna) e a sua apreensão. Dizem ainda que já vão trabalhando muito a motricidade e esperteza de cada criança no seu desenvolvimento e que por muito que se enganem não há problema, vai-se fazendo até se conseguir; que é importante para a motricidade global; e porque fazem parte da tradição do país e é importante que as crianças as conheçam, para esta não se perder de geração para geração.

Os profissionais de educação dizem ser possível trabalhar rimas e cantigas infantis e tradicionais se se tratar este tema de forma lúdica, com rimas simples e com criatividade; outros afirmam que a valência de Jardim de Infância é “rica em versatilidade” onde se pode trabalhar tudo, pois as crianças desta valência já cumprem regras e gostam de ser valorizadas. Com as rimas e cantigas infantis pode-se trabalhar a motricidade, sendo estas muito importantes porque fazem parte da cultura e transmitem ideias da sociedade.

Em suma:

De acordo com os profissionais de educação que responderam ao questionário, é possível trabalhar rimas e cantigas infantis em Jardim de Infância. Estas são importantes pois fazem parte da cultura, transmitem ideias da sociedade, com elas podem trabalhar a motricidade.

As crianças precisam de se sentir envolvidas, as rimas e cantigas tradicionais infantis podem ser muito bem aproveitadas pelas crianças, se lhes for atribuído um significado próprio. As crianças constroem narrativas à volta das rimas e das cantigas infantis que lhes são apresentadas, e efetuam momentos de aprendizagem.

c) O porquê das práticas apresentadas – repertório

Na minha investigação julguei ser importante saber o que pensam os educadores de infância e auxiliares de ação educativa acerca do repertório de rimas e cantigas tradicionais infantis que os profissionais de educação possuem em termos de quantidade. Coloquei a questão e obtive os seguintes resultados:

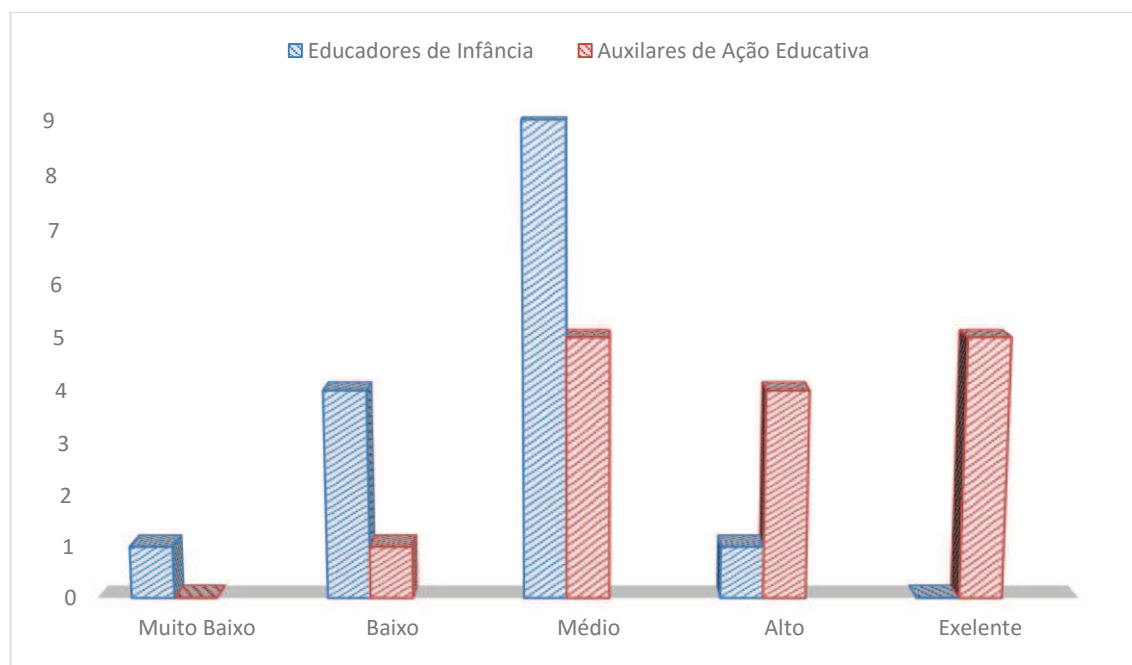


Gráfico nº 3: o repertório usado na ação educativa, vista pelos profissionais

Ao observarmos o gráfico nº 3 podemos verificar que maioritariamente os educadores de infância acham que possuem um repertório *médio* sendo que os auxiliares de ação educativa dividem-se entre o *médio* e o *excelente*, cinco (5) em cada categoria. Existindo apenas um (1) auxiliar de ação educativa que acha o repertório *baixo* e um (1) educador de infância que acha o mesmo *alto*. Quatro (4) auxiliares de ação educativa acham o repertório *alto*, quatro (4) educadores de infância acham o repertório dos profissionais de educação *baixo* e um (1) acha-o *muito baixo*.

Após a observação do gráfico nº 3 podemos verificar como os auxiliares de ação educativa acham que o repertório dos profissionais de educação é adequado, e os educadores de infância acham que o mesmo poderia ser melhor. Isto leva-me a questionar se os auxiliares de ação educativa têm na sua formação pessoal mais repertório a nível de rimas e cantigas de tradição infantil que os educadores de infância, ou que o valorizam mais.

Em suma:

Consegui com o questionário perceber que os profissionais de educação em geral vêm o seu repertório como adequado, sendo que a maioria dos educadores pensam que o repertório dos profissionais podia ser melhor.

Quero salientar neste ponto que ter grande repertório não significa necessariamente usá-lo. É preciso investir nas duas vias: aquisição e uso.

d) Possíveis soluções - Sugestões para melhorar o repertório

Depois de saber o que os profissionais de educação no ativo acham sobre o repertório na sua ação educativa é, a meu ver, importante verificar que sugestões apresentam para que se melhore o repertório a nível de rimas e cantigas tradicionais infantis dos futuros profissionais de educação e profissionais de educação no ativo.

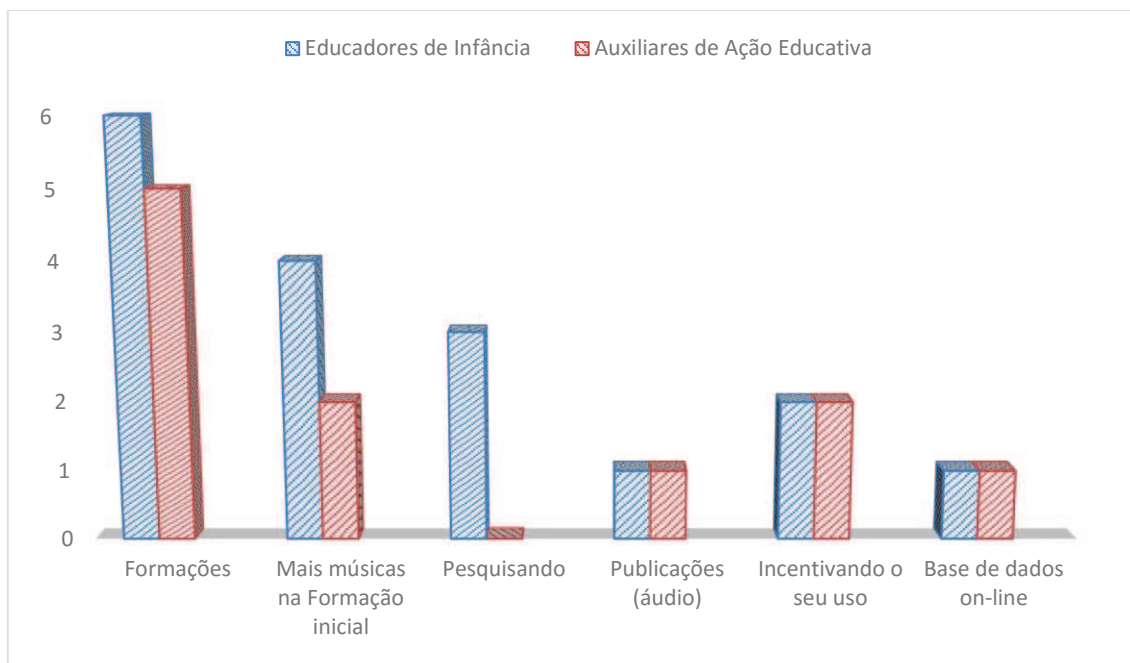


Gráfico nº 4: Sugestões dos profissionais para melhorar o repertório

Fazendo a observação do gráfico nº 4 podemos verificar que onze (11) profissionais sugerem *formações na área da música*, seis (6) educadores de infância e cinco (5) auxiliares de ação educativa. Seis (6) profissionais, sugerem que haja *mais aposta em músicas na formação inicial*. Três (3) educadores de infância sugerem que se façam *pesquisas*, um (1) educador de infância e um (1) auxiliar de ação educativa sugerem que haja publicações (áudio), dois (2) profissionais de educação sugerem que haja uma base de dados on-line; quatro (4) profissionais, dois (2) educadores de infância e dois (2) auxiliares de ação educativa, falam no incentivo ao uso das rimas infantis. Restando a resposta de cinco (5) auxiliares de ação educativa que dizem não ter sugestões a fazer.

Destaco a resposta de três (3) educadores de infância que dão outras sugestões, são elas que haja “maior interesse por parte da instituição”, que “Uma educadora, no rol de profissionais de uma instituição poderia estar responsável por estar atenta a novidades musicais, e frequentemente dialogar a todas as colegas”, sendo por mim colocada no gráfico no item “pesquisa”. O terceiro educador diz-nos que “A principal atitude é o aprender com os outros e com eles próprios e não pensarem que a aprendizagem terminou”, colocada por mim no item “formação contínua”.

Em suma:

As formações na área da música são as mais sugeridas pelos profissionais de educação, seguindo-se a sugestão de mais músicas na formação inicial e pesquisas na área, assim como o incentivo ao uso das rimas infantis.

e) Sugestões para o incentivo ao uso de rimas e cantigas infantis

Após ler os questionários e respetivas respostas, pensei que devia dar uma ênfase maior às sugestões pedagógicas feitas pelos profissionais de educação no ativo. Assim sendo, aqui estão, as sugestões pedagógicas para a aquisição destes materiais por parte destes profissionais, juntamente com aquelas sobre as quais me debrucei e refleti.

a. Dos educadores de infância questionados

No rol de educadores questionados um referiu que utiliza rimas e cantigas infantis na sua sala de Jardim de Infância, respondendo que em determinados momentos ao longo do dia (acolhimento, alimentação, etc.) diz, em conjunto com as crianças, algumas lengalengas e ou rimas, fazendo estas parte das suas rotinas. Paralelamente a isto, existe um projeto na escola, onde se está a desenvolver uma pesquisa com a ajuda das famílias e comunidade escolar, sobre estes textos, com o objetivo último de fazer uma seleção daquelas de que mais gostam, para posteriormente fazerem uma apresentação.

Os restantes educadores questionados sugerem que sejam feitos projetos a desenvolver ao longo do ano letivo com jogos tradicionais;

Aparece ainda a sugestão da criação de semanas temáticas, para que vários géneros musicais fossem apresentados e as crianças assim os passassem a conhecer.

Parece-nos que estes profissionais têm uma conceção “escolar” sobre as rimas infantis que na nossa opinião, mais do que projetos pontuais e específicos precisam de ser transversais e diários às práticas quotidianas em Jardim de Infância.

b. Dos auxiliares de ação educativa questionados

Os auxiliares de ação educativa dizem-nos que “tal como se conta uma história de um livro, também é possível partilhar uma rima/lengalenga/poesia. Por isso, numa primeira fase é necessário estabelecer um contacto entre este género e as crianças, e posteriormente trabalhá-lo a vários níveis, caso seja possível/necessário”: através de jogos de palavras, batimentos de palmas, imitação de sons, danças, linguagem gestual e outros jogos.

Referindo-se também às marchas, escrevem que podemos fazer o seu uso alterando as letras e adequá-las às crianças, com coreografias animadas.

c. Do autor desta investigação

Pensei em fazer as minhas sugestões, considerando os momentos de rotina e os vários momentos festivos que podem ocorrer ao longo do ano letivo e não letivo.

O começo do ano letivo é sem dúvida o momento em que mais precisamos de cantar, usufruindo mais propriamente de rimas e cantigas infantis. Lembramo-nos sempre das adaptações que acontecem nesta época, seja de crianças que vêm de creche ou que entram pela primeira vez para uma instituição, pois as crianças gostam de música e precisam de se sentirem acolhidas e não há nada melhor que alguém que lhes cante.

Ao longo do calendário letivo existem inúmeras datas festivas a comemorar, podemos facilmente pesquisar e saber os dias festivos a nível mundial. Seria interessante aproveitar alguns desses dias neste sentido, usando rimas e cantigas de tradição infantil.

No dia *1 de outubro* é comemorado o *Dia Internacional da Música*, este dia é uma ótima oportunidade para organizar um “festival da canção”, onde podem participar crianças e adultos desde a creche até à valência mais elevada que a instituição tenha, individualmente ou em grupo. Com o intuito de desinibir as crianças, e levá-las a aprenderem umas com as outras novas cantigas e rimas infantis.

No dia *1 de novembro* é comemorado em Portugal o *Dia de Todos os Santos e Mártires*, dia este a que estão associadas muitas quadras tradicionais, para o pedido de “esmola” ou “Pão por Deus” – sendo que o nome muda consoante a região do país.

Em dezembro temos o *Natal*, época que já é trabalhada em Jardim de Infância através de cantigas e rimas infantis.

Dia *6 de janeiro* é *Dia de Reis*, dia de cantar as janeiras. Pode ser organizado um local de convívio onde toda a instituição se encontre e as crianças de Jardim de Infância cantem cada uma a sua rima, alusiva a esta época, seguindo-se um lanche.

No dia *13 fevereiro* é comemorado o *Dia Mundial da Rádio*. Pode ser feita em sala uma “mini-estação” de rádio. Os materiais necessários serão apenas dois microfones e uma aparelhagem com ligação para os mesmos. Nesta “mini-estação” da sala seriam feitas entrevistas a pais e avós disponíveis para participar, contando histórias do antigamente, assim como cantando e entoando a tradição infantil (cantigas e rimas tradicionais infantis). Caso não haja na instituição o equipamento necessário, este podia ser construído pelas crianças com materiais reciclados, ficando posteriormente disponível nas salas de Jardim de Infância para as crianças usarem nos seus jogos.

No dia *21 de março* comemora-se o *Dia Mundial da Poesia*. As rimas infantis são muito poéticas, são a poesia do povo. Este dia pode ser comemorado pelas crianças com

diversas rimas infantis, ou cantigas, onde cada sala de Jardim de Infância vai às restantes salas da instituição dizer a sua rima, deixando-a em papel às outras crianças da sala, alargando assim o seu repertório e dos pais, pois pode ser feito um dossier ou pequeno livrinho com as rimas e cantigas para levar para casa.

Dia 27 de março é comemorado o *Dia Mundial do Teatro*. Pode-se neste dia fazer teatros cantados, onde são representados romances, lengalengas, e ainda interpretação de outras rimas infantis. Também interpretações em mímica de algumas rimas que as crianças conheçam para adivinhar de qual se trata.

No dia 29 de abril comemora-se o *Dia Mundial da Dança*. Podem ser organizados com as crianças momentos de danças etnográficas, tais como marchas, ranchos, para serem apresentados a toda a instituição.

Entre fevereiro e maio são também comemorados o *Carnaval*, a *Páscoa*, *Dia do Pai* e *Dia da Mãe*. Estas épocas, tal como a época natalícia, já são trabalhadas em Jardim de Infância através de cantigas e rimas infantis.

Dia 1 de junho é o *Dia Mundial da Criança*, que por norma é um dia de festa para a criança, onde esta pode fazer o que geralmente não faz na escola. Mas neste dia podem ser organizados os jogos que estas tenham gostado de praticar ao longo do ano, tais como: concursos de rimas e cantares; de lengalengas; trava-línguas; adivinhas. E até existir um momento de teatro de rimas infantis, escolhendo as rimas ou cantigas que as crianças mais gostaram de ver ou fazer. Este dia pode ser associada à “miniexibição” de rádio.

Nos dias, 13, 24 e 29 de junho decorrem as comemorações dos *Santos Populares*, sendo que cada região do país celebra apenas o seu Santo Padroeiro. Como já nos encontramos no fim do ano letivo, podemos organizar as marchas na instituição como um concurso entre as várias salas de Jardim de Infância. Pode-se nesta altura trabalhar com as crianças, as letras e as rimas ditas por eles em conjunto com o adulto, escritas e colocadas à porta da sala.

As marchas populares são uma tradição de Lisboa que pode ser trabalhada a nível nacional. Cada região pode aproveitar as tradições locais e trabalhá-las com as crianças.

Qualquer destes recursos pedagógicos utilizados nas épocas festivas pode ser utilizado na festa de final de ano, para uma maior interação instituição-família, e pais-filhos.

Ao longo do ano letivo, fora as épocas festivas, podem-se entoar rimas de calendário com as crianças, ao marcar os dias da semana. e nos momentos de conversa na manta ensinar uma rima ou cantiga infantil por dia e recordar rimas e cantigas já conhecidas. Também se pode sempre ter uma cantiga ou rima diferente pronta, antes e depois das histórias, para os deixar curiosos desde o primeiro momento até ao final.

No recreio, incentivar jogos com rimas ou cantigas tradicionais, e ensinar os que ainda não as saibam. Os jogos e concursos sugeridos anteriormente em épocas festivas também

podem ser feitos, em sala, durante as épocas não festivas, para que as crianças também se apropriem das letras das rimas e cantigas.

Assim como foi referido no dia da Rádio (13 de fevereiro), pode-se fazer uma recolha da lírica tradicional infantil junto das famílias, e dos seus seios familiares, nas terras de onde são originadas.

Para finalizar, a minha última proposta é na hora do repouso, cantar canções de berço às crianças de Jardim de Infância, pois continuam a acalmá-las e fazê-las sentirem-se seguras.

Síntese:

As rimas infantis são possíveis de trabalhar em Jardim de Infância desde que de forma lúdica, estas são importantes pois fazem parte da cultura, transmitem ideias da sociedade. As crianças precisam de se sentir envolvidas, as rimas e cantigas infantis podem ser muito bem aproveitadas pelas crianças, se lhes for atribuído um significado próprio.

As rimas e cantigas de tradição infantil são as que mais se identificam com a criança, estas estimulam a imaginação, ajudam a verbalizar, ajudam na consciência fonológica, aumentam o vocabulário, transmitem conhecimento de sequência numérica e a correspondência número/quantidade, estimulam o pensamento e desenvolvem a memória. Um maior exercício de trava-línguas ajuda a articulação das palavras. Com estas rimas e cantigas podemos ainda trabalhar a motricidade, e ver como as crianças criam narrativas à volta das rimas e cantigas infantis que lhes são entoadas.

As crianças têm vontade de aprender, assim como uma curiosidade imensa. Quando lhes cantamos, elas prestam atenção à letra das músicas chegando a fazer apreensão de conhecimento básicos fundamentais; o exemplo que observei foi os ciclos naturais (ex. dia - noite).

Maioritariamente dá-se a ouvir às crianças música indiferenciada - rádio, sendo isto justificado pelos profissionais de educação questionados por oferecer outros ritmos à criança, variedade musical. Seguem-se as rimas e cantigas infantis por ajudarem no desenvolvimento da linguagem e da memória.

Com as Notas de Campo conseguimos apurar alguma contradição nestas afirmações em relação ao que é praticado: as crianças que fizeram parte da observação não têm por hábito cantar, não lhes é passado o género tradicional e sim as músicas indiferenciadas - rádio, assim como as músicas infantis em voga. A transmissão das rimas infantis, assim como das cantigas está a perder-se.

Conseguí com o questionário perceber que os profissionais de educação (educadores de infância e auxiliares de ação educativa) veem o seu repertório como adequado, embora a maioria dos educadores questionados pensam que o repertório dos profissionais de educação podia ser melhor.

As formações na área da música são as mais sugeridas pelos profissionais de educação, seguindo-se o pedido de mais músicas e rimas infantis na formação inicial e pesquisas na área, assim como o incentivo ao uso da rima infantil, provavelmente pela própria direção dos estabelecimentos de ensino.

Nas sugestões apresentadas pelos profissionais questionados aparecem os momentos de rotina como meio introdutório das rimas e cantigas tradicionais infantis. Assim como, festas tradicionais, e dias festivos e outros eventos específicos.

IV - Considerações finais

Cante. Cante para o seu filho. As crianças adoram música – é essa a sua verdadeira linguagem – e gostam de ouvir o canto das mães e dos pais. A musicalidade das palavras torna-as doces e os bebés entendem. E assim, dia após dia, vai interiorizando as palavras como tradução dos objetos e das situações. Invente lengalengas, canções, adapte músicas já conhecidas às personagens da vossa casa.

Mário Cordeiro (2009)

Este estudo procurou acentuar a importância de se oferecerem rimas e cantigas infantis em Jardim de Infância, tal como foram sendo referidas e apresentadas ao longo do mesmo: as canções de berço, lengalengas, romances, adivinhas, trava-línguas, cantigas e jogos.

4.1 Conclusões do estudo

Este estudo foi conduzido pela seguinte questão de investigação: “*Como são usufruídas as rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?*”

Ao longo deste estudo podemos perceber que as rimas infantis tradicionalmente surgem em contexto familiar interpretadas por adultos, sendo a criança um recetor. Com o tempo, e o hábito da escuta, a criança apropria-se destes materiais, passando assim a ser um emissor, pois o gesto e a voz de quem fala estimulam em quem ouve uma resposta de voz e gesto.

Estes textos da lírica infantil preparam as crianças para a vida a todos os níveis, pois transmitem valores, regras da sociedade; ajudam na sociabilidade, no reconhecimento de formas e de espaço, no entendimento do meio envolvente, no conhecimento de si mesmo e dos outros – do corpo e das emoções; concedem o sentimento de pertença. Podem ser utilizados, na aquisição do esquema corporal, autonomia, iniciação à matemática, articulação de palavras, observação da natureza, memória e raciocínio, expressão musical e plástica, assim como a expressão dramática e dança, ou tão simplesmente para acalmar as crianças no momento do repouso.

A linguagem é uma aprendizagem ativa e as rimas infantis são uma forma lúdica de introduzir novo vocabulário às crianças desta forma. São materiais que fornecem às crianças o que ela necessita nesta etapa do seu desenvolvimento, em termos cognitivos, emocionais e transmitem-lhes valores culturais e sociais inerentes ao ser humano.

O lúdico desperta a curiosidade, dá à criança a motivação e o interesse pela aprendizagem, estimula o pensamento.

Na sequência da pergunta investigativa, os objetivos deste trabalho foram:

A- Objetivo geral

- Promover o uso das rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância.

B- Objetivos específicos

Assim, os nossos objetivos específicos são:

- Identificar, compreender e refletir sobre a importância pedagógica das rimas infantis, e seu uso como recurso pedagógico de qualidade.
- Compreender o que é feito em contexto de Jardim de Infância a nível de rimas e cantigas tradicionais infantis.
- Elencar razões possíveis para as práticas existentes (ou não) de uso de materiais da lírica tradicional infantil.
- Encontrar propostas para promover o uso das rimas e cantigas infantis de origem tradicional.
- Encontrar propostas para promover o uso das rimas e cantigas infantis de origem tradicional.

As questões a que se tentou responder ao longo deste trabalho vão ao encontro destes objetivos. São elas as seguintes:

1. Quais são as práticas existentes em Jardim de Infância relativas ao uso das rimas e cantigas tradicionais infantis?

Segundo o que foi apurado nos questionários efetuados na elaboração desta investigação, o que mais se ouve nas salas de Jardim de Infância, de acordo com as tipologias elencadas, é “*vários géneros musicais (outros géneros específicos)*”. Segue-se a “*música indiferenciada – rádio*” e as “*rimas infantis*”. Apesar dos profissionais questionados afirmarem que a “*música infantil em voga*” é a que menos toca nas salas de Jardim de Infância, a minha observação contraria-o pois esta é usada em sala por muitos deles.

Ao lermos as justificações dadas pelos profissionais de educação questionados, ficamos a saber que vários géneros musicais (outros géneros específicos) e a música indiferenciada – rádio são colocados porque é importante a existência de outros ritmos musicais na vida da criança, variedade musical, e o facto de serem de mais fácil acesso, também sendo referido o gosto pessoal. A seguir, os educadores de infância afirmam usar rimas infantis e cantigas tradicionais infantis pelo facto de ajudarem na linguagem, na memória, sentido rítmico e as crianças gostarem; e porque os pais não as utilizam em casa.

Com as notas de campo conseguimos apurar que as crianças que fizeram parte da observação não têm por hábito cantar, não lhes é passado o género tradicional e sim as músicas indiferenciadas - rádio, assim como as músicas em voga. Sendo que as cantigas tradicionais infantis que as crianças mais conhecem são as de épocas festivas.

A transmissão das rimas e cantigas infantis está a perder-se.

2. Como promover a utilização das rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?

É necessário que os educadores de infância se reconheçam como sujeitos mediadores de cultura dentro do processo educativo e que tenham em conta a importância da aprendizagem das rimas e cantigas tradicionais infantis no desenvolvimento e formação das crianças como indivíduos produtores e reprodutores de cultura.

Nas sugestões apresentadas pelos profissionais questionados sentimos que estes “escolarizam” as rimas infantis, traduzindo-as em projetos escolares de carácter pontual. O uso destes materiais tradicionais tem de ser transversal e diário nas práticas quotidianas de Jardim de Infância, passando assim naturalmente a constituir os momentos de rotina, festas tradicionais, dias festivos e outros eventos específicos, onde a presença das rimas e cantigas tradicionais infantis é uma excelente forma de os viver.

Da minha observação empírica das reações das crianças aos jogos tradicionais, concluo que a transmissão destes materiais está a ficar perdida porque os educadores deixaram de os transmitir, ou de lhes dar a importância devida. O jogo é um momento privilegiado entre corpo e mente, onde os movimentos completam a rima e a cantiga tradicional infantil. Cabe ao adulto não deixar estes estímulos acabarem, dando-lhes o que elas tanto anseiam – novos desafios. Isto sempre através do lúdico que existe atrás de cada rima e cantiga de tradição infantil.

O recurso a estes materiais textuais (e musicais) simples e que desafiam a criança, levam-na a inventar outras rimas - adivinhas novas, rimas novas para jogos, assim como jogos novos; na linguagem, por exemplo, procurará trava-línguas cada vez mais complexos. Ora aqui, mais que a linguagem, está a criatividade, o cognitivo no seu geral a pedir sempre desafios. Os educadores de infância e auxiliares de ação educativa sabem o quão importante são as rimas e as cantigas tradicionais infantis, e admitem não as estarem a utilizar na sua máxima dimensão.

Resposta final: *“Como são usufruídas as rimas e cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?”*

Depois do nosso estudo, se quisermos responder à pergunta de partida da nossa investigação de acordo com o que observamos, o que podemos afirmar é que as rimas e cantigas infantis **não são usufruídas** no seu potencial. Isto quer dizer que embora estes materiais tradicionais continuem a existir, e de alguma forma a circular e as crianças inatamente lhes respondam de forma muito imediata, a maioria dos educadores de infância e auxiliares de ação educativa ou não os conhecem, ou prefere usar outros de acesso e uso mais imediato e/ou automático (indiferenciados, impessoais – rádio, por exemplo).

Não sou contra os materiais que nos chegam das mais diversificadas formas, mas não se pode usar apenas o contemporâneo em detrimento do tradicional. Há que haver uma combinação perfeita entre ambos. Podemos inovar nas nossas salas com as nossas crianças, principalmente renovando a tradição. Porque a tradição somos nós, é a nossa identidade cultural, para além de todas as vantagens elencadas no desenvolvimento infantil.

Gostaria de poder deixar a pergunta que Sarmiento (2000) coloca: “será o fim destas «rodinhas» sinónimo da passagem de um jogo coletivo da comunidade infantil a jogos muito mais individuais, de concorrência, relacionados com uma tendência geral da sociedade?” (p. 30)

A questão é colocada em relação às cantigas de roda, mas podemos alarga-la para todas as cantigas, jogos e rimas infantis. A mesma devia fazer os profissionais em educação repensarem as suas práticas, para que não contribuamos para uma sociedade desunida e sem relação humana.

4.2 Constrangimentos encontrados

O tema apontado para elaboração deste estudo já me acompanha desde a Prática de Ensino Supervisionado do 2º ano de Licenciatura, onde pela primeira vez estive em contexto de Jardim de Infância e observei o que era feito com as crianças desta idade ao nível de rimas e cantigas tradicionais infantis. Praticamente nada. Isto contrastava tanto com a minha infância. Cresci pela mão das minhas avós e educadoras rodeada por melodias e ritmos tradicionais. Para além de ser um ambiente feliz, sinto que foi importante para o meu desenvolvimento pessoal e emocional. Nesse momento pensei como seria importante trabalhar agora estes materiais com as crianças e investigar as razões que os fazem ser tão eficazes e os seus usos (ou não).

Na frequência do Mestrado em Pré-escolar, com a Prática de Ensino Supervisionado de cinco meses, pensei que poderia investigar e trabalhar as rimas e cantigas infantis com as crianças com quem estivesse. Pois tal foi difícil, não me senti bem recebida em sala o que dificultou o meu desempenho. Quando propus fazer atividades com rimas e cantigas infantis pouco consegui fazer, pois foi-me dito que ‘a música era diversão e não trabalho’. Este foi um dos meus constrangimentos na elaboração deste estudo. Baseando-me na observação do que se ia fazendo, e aproveitando os momentos de férias para fazer atividades com as crianças onde pudesse perceber qual o seu repertório - dito por elas –, foi-me dito que era para não fazer nenhuma atividade, pois estávamos em período não letivo.

Em relação à pesquisa, também senti alguma dificuldade. Foi difícil encontrar informação sobre o desenvolvimento da linguagem para crianças em idade de Jardim de Infância, mais propriamente dos 4 aos 5 anos. Como neste nível etário a criança apenas acrescenta vocabulário, torna-se complicado encontrar estudos que nos ajudem a fundamentar pesquisas que incidam sobre esta faixa etária e este tema, como foi a minha tentativa inicial (estudar a influência das rimas infantis no desenvolvimento da linguagem em crianças na última fase do pré-escolar).

Senti também que o tempo era pouco para tudo o que tinha pensado fazer – elaborar uma espécie de Cancioneiro pessoal, orientado para crianças em idade de Jardim de Infância, a partir das recolhas feitas em diversos Cancioneiros Tradicionais, por coletores de rimas e cantigas infantis. Como tal não me foi possível, dos livros que consegui ter em mãos decidi elaborar uma lista a que chamei “Bibliografia recomendada com textos da tradição oral para uso em Jardim de Infância” para consulta e utilização em estudos futuros e na nossa prática pedagógica ou de outros. Essa bibliografia recomendada seguirá em anexo.

Outro ponto que dificultou o término deste trabalho foi o facto de estar grávida quase de fim de tempo e com dois filhos em idades compreendidas na 2ª infância. Achei então que devia suspender o trabalho que tinha em mãos para dedicar os meus últimos dois meses de gravidez totalmente aos meus filhos, preparando-os bem para o nascimento do irmão e dar um completo acompanhamento aos três, até que o mais novo completasse os seis meses.

Depois desta fase, deparei-me com mudanças profundas na ESEI MU que implicaram a saída da escola da minha orientadora inicial. Tive de requerer uma nova orientação para este estudo, à Direção da Escola. A orientadora que me foi atribuída detetou falhas profundas no meu trabalho. Isto, apesar da antiga orientadora me garantir que o trabalho estava bom. Tive então que encetar novas e demoradas pesquisas e reformulações.

A mais profunda alteração foi na pergunta de partida deste trabalho, pois apesar de coeso e bem construída não respondia a 'como as rimas podem ajudar no desenvolvimento da linguagem'; para tal teria de ser feito um estudo de caso. Por isso, e para conseguir utilizar os questionários já aplicados, foram feitas ligeiras mudanças, ao nível da terminologia empregue relativamente às fronteiras disciplinares entre a temática da literatura tradicional e a música.

Para além disso, neste período passei a morar num distrito distante da ESEI MU (Castelo Branco), e a orientadora, por se encontrar em estudos de doutoramento fora de Portugal, comunicávamo-nos apenas por e-mail e com algumas interrupções, o que demorou ainda mais este processo.

Devido a me sentir mais segura com a nova orientadora, decidi que seria o seu nome a ser colocado neste trabalho, como minha única orientadora.

Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Blaye, A., & Lemaire, P. (2011). *Psicologia do desenvolvimento cognitivo da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Braga, T. (1984). *História da Literatura: Idade Média*. (volume I). Açores: Temas Portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Brazelton, T., & Sparrow, J. (2010). *A criança dos 3 aos 6 anos: o desenvolvimento emocional e do comportamento*. (5ª Edição). Lisboa: Editorial Presença.
- Barreiros, A. (1989). *História da Literatura Portuguesa*. (volume I, 13ª edição). Braga: Distribuidora Editora Pax.
- Barreto, A. (2002). *Dicionário de literatura infantil portuguesa*. Porto: Campo das letras.
- Cabral, A. (1998). *Jogos populares infantis*. (2ª Edição). Lisboa: Editorial Notícias.
- Câmara, J. (2001). *O essencial sobre a Música Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Campbell, P.S., & Scott-kassner, C. (1995). *Music in childhood from preschool to the elementary grades*. New York: Schirmer Books.
- Canez, A. (2008). *Canções de embalar cultura e tradição: um estudo sobre (con) textos da maternidade na (e) terna lírica popular*. Lisboa: Edições Colibri.
- Coelho, N. (1984). *A Literatura Infantil: história, teoria e análise*. São Paulo: Edições Quíron.
- Cordeiro, M. (2009). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. (4ª Edição). Lisboa: Esfera dos Livros.
- Costa, M. (1992). *Um continente poético esquecido: As Rimas Infantis*. Porto: Porto editora.
- Costa, M. (2012). *De volta ao continente poético esquecido: As Rimas Infantis*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Costa, J., & Melo, A. (1997). *Dicionários Editora: Dicionário da língua portuguesa*. (7ª Edição). Porto: Porto Editora.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (2008-2013). Recuperado em 23 março, 2015, de <http://www.priberam.pt/DLPO/infantil>.

- Ferrão, A., & Rodrigues, P. (2008). *Sementes de Músicas: musicas para bebés e crianças*. (2ª Edição). Alfragide: Editorial Caminho.
- Gloton, R. & Clero, C. (1978). *A Actividade Criadora na Criança*. Brasil: Editorial Estampa.
- Leitão, J. (2001). *O Falar e o Cantar em Monforte da Beira*. Lisboa: Fomento Gráfico.
- Leme, M. et al (2011). *Apostila de educação musical*. Recuperado em 17 janeiro, 2015, de <http://www.portaledumusicalcp2.mus.br/Apostilas/PDFs/>
- Meyer, M. (2008). *Ser-Tão Natureza: A natureza em Guimarães-Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Ministério da Educação. (1973). *Romanceiro Português*. (2ª Edição). Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. Com a coordenação de M. Isabel Ramos Lopes da Silva.
- Ministério da Educação e Ciência. (2012). *Metas | Metas de Aprendizagem para o ensino pré-escolar*. Recuperado em 3 maio, 2013, de <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/>
- Muniz, I. (2012). *A Neurociência e as emoções do ato de aprender: quem não sabe sorrir, cantar, dançar e brincar não deve ensinar*. Itabuna: Via Litterarum Editora.
- Nogueira, C. (2007). *Aspectos do Cancioneiro Infantil e Juvenil de transmissão Oral*. (1ª Edição). Lisboa: Apenas – Livros.
- Nunes, M. (1978). *O cancioneiro popular em Portugal*. Amadora: Biblioteca Livre. - Instituto da Cultura Portuguesa.
- Ongaro, C., Silva, C., & Ricci, S. (2006). *A Importância da Música na Aprendizagem*. Recuperado em 27 abril, 2013, de <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>
- Paraíta, A. (1999). *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Pinho, F. (2001). *O Cancioneiro Musical de Penha Garcia*. Coimbra: Palimage.
- Pocinho, M. (2007). *A música na relação mãe-bebé*. (2ª Edição). Lisboa: Instituto Piaget.
- Porto Editora (2008). *Dicionário da Língua Portuguesa 2009*. Porto: Porto Editora.
- Rigolet, S. (2006). *Para uma aquisição precoce e optimizada da linguagem: linhas de orientação para crianças até 6 anos*. (2ª Edição). Porto: Porto Editora.
- Sarmiento, C. (2000). *Rima Infantis: Poesia do Recreio*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Spinelli, E., & Ferrand, L. (2009). *Psicologia da linguagem: O escrito e o falado, do sinal à significação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Spodek, B. (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Torrado, A. (2010). *O Macaco de Rabo Cortado e Outras Histórias Tradicionais Portuguesas Contadas de Novo*. (4ª Edição). Porto: Civilização Editores.
- Vale, P. (2010). *A tradição como aventura*. Textos de apoio à leccinação de “História e cultura de Portugal”, 3º ano LEB. ESEI Maria Ulrich.
- Varão, R. (2009). *Sobre clássica, tradições e o campo comunicacional*. Brasília: Universidade Católica de Brasília. Recuperado em 4 de junho, de www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/12-varao-comunicacao.pdf
- Vieira, M. (2009). *A Arte, Mestra da Vida: reflexões sobre a escola e o gosto pela leitura*. Lisboa: Quimera Editores.
- Vygotsky, Lev S. (1989). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Záboli, G. (1999). *Práticas de Ensino e Subsídios para a Prática Docente*. (10ª Edição). São Paulo: Editora Ática.
- Zanella, L. (1999). *Aprendizagem uma Introdução*. In ROSA, J. L. *Psicologia da Educação: o significado do aprender*. (3ª Edição). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Anexos

Notas de campo – *Headnotes*

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Cantar as Janeiras

Data: 3 e 7 de janeiro de 2013

Hora: 9h30m – (10h – 11h)

Local: sala – pela instituição

Intervenientes: Grupo de Jardim de Infância – sala 1 e 2

Sexo: feminino e masculino

Idade: 3, 4 anos

Descrição	Inferência
<p>Na hora da manta as crianças ensaiam as “Janeiras” com a ajuda da Educadora, (tanto no dia 3 como no dia 7). Onde a Educadora inicia dizendo “Vamos cantar a música dos Reis.”</p> <p>Dia 7 pelas 10h desceram até ao átrio de entrada da instituição onde se encontraram com outras duas instituições; ordenadamente cada instituição cantou as “Janeiras”, e houve troca de “oferendas”.</p> <p>De seguida as salas de Jardim de Infância cantaram de sala em sala pela instituição, e em cada sala deixavam uma “oferenda” - (pequeno bolo rei feito pelas crianças).</p>	<p>A instituição trabalha as tradições, mas até que ponto são explicadas às crianças?</p> <p>Se as tradições fossem explicadas, e menos impostas às crianças, estas continuavam a cantar só por cantar, ou faziam-no com mais vontade?</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>No dia 3 de Janeiro assisti a um ensaio das janeiras para apresentação no dia 7 de Janeiro, onde cantaram em convívio com outras crianças de outras instituições vizinhas.</p> <p>As crianças da instituição onde efetuei o meu estágio estavam a cantar por cantar, sem sentimento, pareciam obrigadas a estarem ali.</p>	

“Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são retratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social” (Vygotsky, 1989, p. 33).

Após lermos a citação anterior e refletirmos sobre ela, podemos dizer que qualquer criança, faz qualquer atividade, incluindo cantar “as Janeiras”, desde que a essa atividade seja atribuído um significado próprio.

Referências Bibliográficas: Vygotsky, Lev S. (1989). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

2

Situação: Canções antes das histórias

Data: 16 de janeiro de 2013

Hora: 10h

Local: manta

Intervenientes: Grupo de Jardim de Infância sala 2

Sexo: feminino e masculino

Idade: 3, 4 e 5 anos

Descrição	Inferência
<p>Optei por cantar para os acalmar e levá-los para a sala ao lado (sala 1 de Jardim de Infância) onde iriam ouvir uma história contada por mim e a estagiária da sala do lado. (<i>A que sabe a Lua?</i> - flanelógrafo)</p> <p>A cantiga tinha gestos, as crianças primeiro apropriaram-se dos gestos, e aos poucos algumas crianças começaram a cantar.</p>	<p>Será uma forma de manter as crianças mais disponíveis para ouvir a história?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Procurei a acalmar as crianças e levá-las calmas e preparadas para o que se ia passar na sala ao lado.

As crianças mostraram-se surpresas com esta forma de iniciar uma história.

“A música passa uma mensagem e revela a forma de vida mais nobre, a qual, a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não ocorrendo apenas no inconsciente, mas toma conta das pessoas, envolvendo-as trazendo lucidez à consciência” (Faria, 2001, p. 4, como citado em Ongaro, Silva, & Ricci, 2006, p. 3).

Assim sendo a música é uma apresta para a criança, sendo que a prepara para o que vem a seguir, neste caso prepara-a para a audição de uma história.

Referências Bibliográficas: Ongaro, C., Silva, C., & Ricci, S., (2006). *A Importância da Música na Aprendizagem*. Acedido a 27 de abril de 2013, em <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

3

Situação: Auxiliar de Ação Educativa (sala 1) a cantar para o grupo

Data: 5 de fevereiro de 2013

Hora: 15h

Local: manta

Intervenientes: grupo dos acordados de Jardim de Infância (sala 1 e 2)

Sexo: feminino e masculino

Idade: 4 e 5 anos

Descrição	Inferência
<p>Perguntei à auxiliar de ação educativa se cantavam com as crianças, e esta decidiu cantar com elas para eu ver que cantavam.</p> <p>As crianças estavam pouco à vontade com a maioria das cantigas, sendo que as que sabiam melhor e que se sentiam mais à vontade eram as das épocas festivas.</p>	<p>Será que apenas cantam com as crianças em épocas festivas, daí as crianças se sentirem mais à vontade quando as cantigas referentes a estas épocas eram cantadas?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Na sequência de ter perguntado a uma das auxiliares se cantavam com as crianças, esta decide mostrar-me que cantam com as crianças.

Senti as crianças pouco confortáveis com as cantigas cantadas, estando apenas à vontade com as cantigas de épocas festivas.

Cordeiro (2009), Wieder e Greenspan (2010) explicam-nos como a criança age de forma emocional com o mundo envolvente. Sendo que Mário cordeiro nos diz que “há muitos factores que intervêm no processo de desenvolvimento e, consequentemente, nos desempenhos da criança nos vários níveis” (p. 175), Wieder e Greenspan quase que em diálogo acrescentam que “a criança fica a gostar das atividades em que está envolvida” (p. 167).

Ora estas ideias levam-nos ao pensamento que estas crianças não têm por hábito a atividade de cantar.

Referências Bibliográficas: Cordeiro, M. (2009). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos* (4ª Edição). Lisboa: Esfero dos Livros.

Spodek, B, (2010). *Manual de investigação em Educação de Infância* (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: “Conto” Romance da Bela Infanta

Data: 26 de março de 2013

Hora: 10h

Local: manta

Intervenientes: grupo da sala 2 de Jardim de Infância

Sexo: masculino e feminino

Idade: 3, 4 e 5 anos

Descrição	Inferência
<p>Com as crianças sentadas na manta abri o livro e contei o <i>Romance da Bela Infanta</i>, claro que este Romance tem algumas palavras que as crianças não conhecem. A começar pela palavra “Infanta”, e cuidadosamente esclareci cada dúvida que cada quadra pudesse causar às crianças. As crianças chegaram ao fim da leitura a entender o que se tinha passado naquela história contada de uma forma diferente do que estavam habituados a ouvir.</p> <p>Depois coloquei o CD e deixei-os ouvir esta história agora cantada, enquanto eu cantava acompanhando o CD. Quando esta acabou perguntaram se podiam ouvir o CD completo, ao que respondi de imediato que sim.</p>	<p>As crianças prestaram bastante atenção à letra deste romance e das cantigas que ouviam tirando delas algum significado.</p> <p>Perceberam que existe uma história por detrás de cada cantiga.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Contei o *Romance da bela Infanta* como se fosse uma história, expliquei o significado das palavras que não percebiam, assim como o significado de algumas frases.

As crianças prestaram atenção à letra, perceberam que existe uma história por detrás de cada cantiga.

Sim-Sim (1998) diz-nos que “Meios mais estimulantes proporcionam experiências de interacção mais ricas” (p. 19). Referindo-se ao desenvolvimento da linguagem. Mas, a mesma pode ser utilizada para falar do meio envolvente à criança, demonstrando que num meio onde a criança tenha experiências mais ricas pode estimular uma interacção da criança com o meio envolvente mais proveitosa.

Referências Bibliográficas: Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

5

Situação: CD “Sementes de música” como música de fundo

Data: 27 de março de 2013

Hora: 10h 30m – 11h

Local: sala

Intervenientes: grupo da sala 2 de Jardim de Infância - nomes fictícios

Sexo: masculino e feminino

Idade: 3, 4 e 5 anos

Descrição	Inferência
<p>Após as crianças terem pedido para ouvirem o CD “Sementes de música” completo, pensei em colocar este CD mais vezes em sala a tocar, em substituição dos “Caricas”.</p> <p>Quando era posto o CD dos “Caricas” muitas crianças paravam as suas brincadeiras para ir dançar as coreografias destes junto do rádio onde tocava o CD.</p> <p>Quando coloquei o CD “Sementes de música”, as crianças praticamente nem ligaram ao que tocava, apenas algumas meninas davam por ele a tocar, e ainda assim só se aperceberam quando tocava o <i>Romance da Bela Infanta</i>.</p> <p>Só a Mariana me veio perguntar, assim que tocaram as primeiras cantigas, se aquele era o CD da <i>Bela Infanta</i>.</p>	<p>Será que as crianças não gostaram das outras cantigas, ou apenas não prestaram tanta atenção por não conhecerem?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Quando era posto o CD dos “Caricas” muitas crianças paravam as suas brincadeiras para ir dançar as coreografias destes junto da aparelhagem onde tocava o CD.

Quando coloquei o CD “Sementes de música”, as crianças praticamente nem ligaram ao que tocava, apenas algumas meninas davam por ele a tocar.

“A criança precisa ser sensibilizada para o mundo dos sons, pois, é pelo órgão da audição que ela possui o contato com os fenômenos sonoros e com o som” (Ongaro, Silva, & Ricci, 2006, p. 2). Esta afirmação fala da música em traços gerais, penso que que posso afirmar que as crianças reagem de forma diferente ao que conhecem e ao que não conhecem. Que simplesmente a música que eu colocava não era notada em CD, mas quando cantado por um adulto em sala era notada. Penso que seja por esta falta de transmissão que as crianças não deram tanta importância às músicas que não conheciam ou que não faziam parte do gênero de música que era ouvida em sala.

Referências Bibliográficas: Ongaro, C., Silva, C., & Ricci, S., (2006). *A Importância da Música na Aprendizagem*. Acedido a 27 de abril de 2013, em <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

6

Situação: Conversa com as crianças – canções que conhecem

Data: 28 de março de 2013

Hora: 10h

Local: manta

Intervenientes: Grupo de Jardim de Infância sala 2

Sexo: masculino e feminino

Idade: 3, 4 e 5 anos

Descrição	Inferência
<p>Numa reunião de manta em conversa com as crianças, disse-lhes que eu não sabia muitas cantigas, e perguntei-lhes se me podiam ensinar as que conheciam. Então, ordenadamente pedi que me cantassem.</p> <p>A Dália (nome fictício) cantou duas músicas de rádio (“ai se eu te pego”, “ganganstyle”), quando lhes disse que não queria que me dissessem músicas de rádio, começaram a inventar canções com situações reais do seu dia-a-dia. Muitas crianças diziam apenas que não conheciam outras canções.</p> <p>Neste momento vi-me obrigada a cantar uma ou duas cantigas para ver se as conheciam. As crianças não conheciam as canções que cantei, por isso cantei uma das que eu sabia que conheciam (coelhinho da páscoa). Neste momento começaram a surgir algumas cantigas, sendo estas de épocas festivas, tais como:</p>	<p>Percebi que o reportório das crianças não era tão vasto como o de outras crianças na mesma idade.</p> <p>As músicas que mais conheciam eram músicas de rádio, os “hits” da moda, como se diz na gíria juvenil.</p>

<p>“Pinheirinho”; “É o dia do pai”; entre outras.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Pedi às crianças que me cantassem as cantigas que sabiam, percebi que o repertório estas crianças não passava pelas cantigas infantis. As músicas que mais conheciam eram músicas de rádio.</p> <p>“As crianças sabem que se dança música, isto é, que a dança está associada à música, e geralmente sentem grande prazer em dançar. Se os professores levarem isso em conta e considerarem como ponto de partida o repertório atual de sua classe (os das crianças e o próprio) e puderem expandir este repertório comum com o repertório do seu grupo cultural e de outros grupos, criando situações em que as crianças possam dançar, certamente estarão contribuindo significativamente para a formação das crianças” (Estevão, 2002, p. 33, como citado em Ongaro, Silva, & Ricci, 2006, p. 3).</p> <p>Por este motivo, devia partir pela parte dos adultos em sala uma maior insistência nas rimas e cantigas de tradição infantil, sendo que estas são mais acessíveis em termos de linguagem para as crianças, e lhes transmitem emoções e valores inerentes ao ser humano.</p>	

Referências Bibliográficas: Ongaro, C., Silva, C., & Ricci, S., (2006). *A Importância da Música na Aprendizagem*. Acedido a 27 de abril de 2013, em <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

7

Situação: Canções de berço no repouso

Data: 8 de abril de 2013

Hora: 13 h

Local: sala - repouso

Intervenientes: crianças que dormem das salas 1 e 2 de Jardim de Infância

Sexo: masculino e feminino

Idade: 3 e 4 anos

Descrição	Inferência
<p>Aproveitei um momento em que fiquei sozinha no repouso e cantei “canções de embalar” para as crianças.</p> <p>Algumas crianças praticamente se sentaram na cama, mas todas levantaram a cabeça a olhar para mim.</p>	<p>Será que tiveram esta reação por não estarem habituados que lhes cantem?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Cantei-lhes uma canção de embalar no repouso, as crianças ficaram surpresas.

As crianças gostam que lhes cantem, Wieder e Greenspan (2010) dizem-nos que a criança gosta das atividades em que está envolvida, o que pode justificar a reação das crianças.

“(…) o gosto pela música é natural nas crianças. Elas gostam de cantar e de ouvir música, como gostam de ouvir o ruído da água que corre da nascente ou o canto de uma ave. A música é uma linguagem universal, completa porque é puramente intuitiva, e talvez o modo de expressão, por excelência da espontaneidade” (Gloton, 1978, p. 177).

Referências Bibliográficas: Gloton, R., Clero, C. (1978). *A Actividade Criadora na Criança*. Brasil. Editorial Estampa.

Spodek, B, (2010). *Manual de investigação em Educação de Infância* (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: Canção de berço “Papão”

Data: 10 de abril de 2013

Hora: 13h

Local: sala - repouso

Intervenientes: Daniel (nome fictício)

Sexo: masculino

Idade: 4 anos

Descrição	Inferência
<p>Ao cantar a canção de berço “Papão” (em anexo a esta nota de campo segue o texto da versão que utilizo), uma criança perguntou-me:</p> <p>“- O que é baga?”</p> <p>Ao que eu expliquei que a baga era um pequeno fruto sem caroço que nascia em algumas árvores.</p>	<p>Quando lhes é cantado eles prestam atenção e até perguntam o significado das palavras que não conhecem.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Depois de cantar uma canção de embalar no momento do repouso, surgiu uma dúvida a uma criança, que foi retirada de momento, existindo assim um momento de aprendizagem significativa.</p> <p>“A excitação de aprender sobre este mundo é evidente nas perguntas sobre tudo e mais alguma coisa das crianças de 3 anos. A sua curiosidade nunca parece satisfeita” (Brazelton, 2010, p. 38).</p>	

Referências Bibliográficas: Brazelton, T., & Sparrow, J. (2010). *A criança dos 3 aos 6 anos: o desenvolvimento emocional e do comportamento* (5ª Edição). Lisboa: Editorial Presença.

Papão

Vai-te embora oh papão
De cima desse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado.

Oh meu filho dorme, dorme,
Olha o papão que além está
Vai-te embora oh papão
Que o menino dorme já.

Passarinho vai-te embora,
Deixa a baga do loureiro;
Deixa dormir o menino,
Que está no soninho primeiro.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

9

Situação: Ida para casa (Saída)

Data: 15 de abril de 2013

Hora: 16h 20m

Local: Sala

Intervenientes: Mariana e Carolina (nomes fictícios), Estagiária

Sexo: feminino

Idade: 4 anos

Descrição	Inferência
<p>A Mariana ia-se embora e nós, adultos em sala, dissemos “Então até amanhã.”</p> <p>E a Carolina pergunta:</p> <ul style="list-style-type: none">- Porque é que dizes até amanhã? <p>A Mariana responde:</p> <ul style="list-style-type: none">- Agora vamos para casa, e vem a lua e depois o sol, e depois amanhã que é outro dia voltamos para a escola. <p>Eu achei interessante o que a Mariana disse e perguntei-lhe:</p> <ul style="list-style-type: none">-Muito bem. Como sabes isso? <p>Ela responde:</p> <ul style="list-style-type: none">-Está naquela música que tu cantas. Tu dizes “ nasce o sol, põe-se a lua”.	<p>A criança através da letra de uma cantiga de embalar faz a apreensão do ciclo do sol e da lua (dia e noite).</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

No momento da saída, surge um reparo de uma criança onde esta mostra a apreensão do ciclo dia-noite, e refere que “aprendeu” na música que ouviu no momento do repouso.

Sim-Sim (1998) diz-nos que “Meios mais estimulantes proporcionam experiências de interacção mais ricas” (p. 19). Referindo-se ao desenvolvimento da linguagem. Mas, podemos utilizar tal frase para demonstrar um meio onde a criança tem experiências mais ricas a pode

estimular a que qualquer interação desta com o meio envolvente seja mais rica, falamos também do meio social e cognitivo.

Brazelton (2010) acrescenta ainda que “A excitação de aprender sobre este mundo é evidente nas perguntas sobre tudo e mais alguma coisa das crianças de 3 anos. A sua curiosidade nunca parece satisfeita” (p. 38), e acrescento que esta curiosidade é tão igualmente evidente aos 4 e 5 anos, assim como durante a 3ª Infância.

Referências Bibliográficas: Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Brazelton, T., & Sparrow, J. (2010). *A criança dos 3 aos 6 anos: o desenvolvimento emocional e do comportamento* (5ª Edição). Lisboa: Editorial Presença.

Nana, nana

Nana, nana meu menino.

Nasce o sol, põe-se a lua.

Que destino será o teu

E que sorte será a tua...

(Ferrão e Rodrigues, 2008,p. 11)

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

10

Situação: “Dança da Velha”

Data: 16 e 17 de abril de 2013

Hora: 10h

Local: Sala / Manta

Intervenientes: Grupo Sala 2 de Jardim de Infância

Sexo: masculino e feminino

Idade: 3, 4 e 5 anos

Descrição	Inferência
Com o auxílio de um livro realizado por mim e por uma colega, num trabalho de 2º ano da Licenciatura, cantei-lhes a “Dança da Velha”, que eles aprenderam de imediato e todos queriam contar o número de objetos que se encontrava em cada porta.	Uma cantiga tradicional infantil, quando trabalhada de forma criativa e lúdica, pode dar à criança o conhecimento da sequência numérica (cadeia numérica) e a correspondência número/quantidade (cardinalidade).
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Recurso à cantiga tradicional infantil “Dança da velha”, usada de forma criativa apelando ao lúdico, transmitiu às crianças a correspondência número-quantidade.</p> <p>“Motivação é algo que leva os alunos a agirem por vontade própria. Ela inflama a imaginação, excita e põe em evidência as fontes de energia intelectual, inspira o aluno a ter vontade de agir, de progredir. Em suma, motivar é despertar o interesse e o esforço do aluno. É fazer o estudante desejar aprender aquilo que ele precisa aprender” (Záboli, 1999, p. 46).</p> <p>O autor mostra-nos como é importante que a criança se sinta motivada para fazer as suas próprias aprendizagens. Zanella (1999) acrescenta que “É importante também explicitar a aprendizagem como algo que deve ser significativo na vida do indivíduo, onde se sobressai a qualidade de desenvolvimento pessoal, permanente e que vai ao encontro das necessidades do sujeito. Sabe-se que aquilo que não é tomado como significativo tende a ser abandonado. Assim sendo, e, considerando-se a aprendizagem na situação da sala de aula, onde eventos de aprendizagem devem ser favorecidos, torna-se importante referendar a necessidade de estratégias de ensino que oportunizem ao aprendiz vislumbrar o verdadeiro significado (desenvolvimento, mudança) de tudo que é proposto” (p. 21).</p>	

Referências Bibliográficas: Záboli, G., (1999). *Práticas de Ensino e Subsídios para a Prática Docente* (10ª Edição). São Paulo: Editora Ática.

Zanella, L., (1999). *Aprendizagem uma Introdução*. In ROSA, J. L. *Psicologia da Educação: o significado do aprender* (3ª Edição). Porto Alegre: EDIPUCRS.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

11

Situação: Lengalenga

Data: 23 de abril de 2013

Hora: 10h

Local: manta

Intervenientes: Grupo da sala 2 de Jardim de Infância

Sexo: masculino e Feminino

Idade: 3,4 e 5 anos

Descrição	Inferência
Na sequência de “História da Carochinha” recontada por António Torrado, apesar desta versão não repetir a cumulação, eu fi-la com as crianças. As mais velhas ao fim da terceira vez já a repetiam comigo. As mais novas iam tentando.	Se estas crianças estivessem habituadas a lengalengas, teria sido mais fácil o acompanhamento das crianças à Rima proposta pela história contada?

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Uso de Lengalengas Cumulativas, as crianças sentiram alguma dificuldade em acompanhar a repetição, mas tentavam com entusiasmo.

“A música oferece oportunidades, para a socialização e cooperação através dos jogos cantados e danças. Oferece às crianças um meio de compreender outras culturas através de músicas tradicionais e estimula o pensamento” (Campbell & Scott-Kassner, 1995, p. 186).

Pode-se assim dizer que se a criança estivesse exposta a estes estímulos conseguia acompanhar a cumulação da Lengalenga com mais facilidade.

Referências Bibliográficas: Campbell, P. S., & Scott-Kassner, C. (1995). *Music in childhood from preschool to the elementary grades*. New York: Schimer Books.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

12

Situação: Adivinhas

Data: 29 de abril de 2013

Hora: 11h

Local: Pátio / recreio

Intervenientes: Mariana (nome fictício)

Sexo: feminino

Idade: 4 anos

Descrição	Inferência
<p>A Mariana estava num canto sozinha sem brincar. Chamei-a e perguntei-lhe se queria brincar comigo às Adivinhas.</p> <p>Lancei-lhe a Adivinha: “uma senhorinha muito assenhorada nunca sai à rua, anda sempre molhada.”</p> <p>A menina ficou pensativa, não conseguindo responder. Eu dei-lhe a resposta e expliquei-lhe que a língua dentro de sua casa, a boca, está sempre molhada. A criança achou graça e pediu-me que lhe fizesse “mais perguntas”.</p>	<p>Se a criança estivesse habituada e este tipo de estímulos tinha respondido com facilidade?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Tentei animar uma criança que estava sozinha no recreio fazendo uso às adivinhas. A criança gostou do estímulo cognitivo e quis repetir.

Moutinho (1986) no seu livro “o adivinhão” menciona que a “adivinha não é, afinal uma coisa à toa, mas um exercício de inteligência” (como citado em Barreto, 2002, p. 16). Com esta afirmação podemos concluir que uma criança habituada a estes estímulos tem mais fácil resposta e raciocínio do que uma criança não exposta aos mesmos estímulos.

Referências Bibliográficas: Barreto, A. (2002). *Dicionário de literatura infantil portuguesa*. Porto: Campo das letras.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

13

Situação: Trava-línguas

Data: 7 de maio de 2013

Hora: 11h

Local: Pátio / recreio

Intervenientes: Daniel (nome fictício)

Sexo: masculino

Idade: 5 anos

Descrição	Inferência
<p>O Daniel veio ter comigo e pediu-me água. Eu na brincadeira disse-lhe muito devagar:</p> <p>“Copo, copo, Jericopo Jericopo, copo cá Quem não disser três vezes Copo, copo, Jericopo, Jericopo, copo cá Desta água não beberá.”</p> <p>A criança riu-se e com a minha ajuda disse:</p> <p>“Copo, copo, Jericopo, Jericopo, copo cá.”</p>	<p>Se a criança estivesse habituada a este tipo de estímulos, conseguia dizer parte do trava-línguas com mais facilidade?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Uma criança pediu-me água e usei este momento para recorrer aos trava-línguas. A criança sentiu que era um jogo, achou piada e tentou corresponder às expectativas do “jogo”.

“Atribuímos a designação de trava línguas a todos os jogos de palavras, de proveniência popular, que têm por fim, contraditoriamente, destravar a língua, exercitar a dicção” (Torrado, 1982\1983, como citado em Barreto, 2002, p. 512). Torrado diz-nos que o propósito destas Rimas Infantis é destravar a Língua, assim sendo, leva-nos a crer que um maior exercício destas Rimas ajuda as crianças na articulação das palavras, até mesmo das não existentes, ou apenas sons pertencentes a outras palavras.

Por isso, a meu ver, podemos dizer que se a criança estivesse habituada a estes estímulos linguísticos lhe seria mais fácil dizer um Trava-línguas.

Referências Bibliográficas: Barreto, A. (2002). *Dicionário de literatura infantil portuguesa*. Porto: Campo das letras.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

14

Situação: Cabra-cega

Data: 22 de maio de 2013

Hora: 11h

Local: Pátio / recreio

Intervenientes: Grupo da sala 2 de Jardim de Infância

Sexo: masculino e feminino

Idade: 3, 4 e 5 anos

Descrição	Inferência
Numa brincadeira de recreio ensinei às crianças o jogo da Cabra-cega, com a rima do mesmo. As crianças aprenderam a rima à medida que iam jogando, e juntavam-se mais crianças a querer jogar.	Porque terão estes jogos tradicionais perdido a transmissão? Será porque preferem outras brincadeiras, ou porque os educadores deixaram de lhes achar importância?

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Numa brincadeira de recreio ensinei às crianças o Jogo da Cabra-cega, com a rima da mesma. As crianças aprenderam a rima à medida que iam jogando, e juntavam-se mais crianças a querer jogar.

“O jogo é um momento privilegiado de concretização do cancionero infantil, instância que reflecte e subverte o real, manifestando, através do processo de execução, a sua relação com níveis contextuais de natureza social, geográfica, situacional, etária, etc, responsáveis por múltiplas percepções da realidade. Decisiva para a realização do jogo, a voz poético-musical dimana de um corpo cujos movimentos a continuam, prolongam e reforçam” (Nogueira, 2007, p. 6).

Após ler esta afirmação de Nogueira e de observar como as crianças reagem aos Jogos Tradicionais, concluo que a transmissão destes Jogos está a ficar perdida porque os Educadores deixaram de as transmitir, ou de lhes dar a importância devida.

Referências Bibliográficas: Nogueira, C. (2007). *Aspectos do cancionero Infantil e Juvenil de transmissão Oral* (1ª Edição). Lisboa: Apenas – livros.

NOTA DE CAMPO – *Headnotes*

Nº da Nota de Campo:

15

Situação: Falua

Data: 27 de maio de 2013

Hora: 11h

Local: Pátio \ recreio

Intervenientes: Grupo da Sala 2 de Jardim de Infância

Sexo: masculino e feminino

Idade: 3, 4 e 5 anos

Descrição	Inferência
Numa brincadeira de recreio ensinei às crianças o jogo da Falua com a respetiva cantiga. As crianças adoraram, aprenderam a cantiga na perfeição e divertiram-se imenso.	Porque terão estes jogos tradicionais perdido a transmissão? Será porque preferem outras brincadeiras, ou porque os educadores deixaram de lhes achar importância?

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Numa brincadeira de recreio ensinei às crianças o Jogo da Falua com a respetiva cantiga. As crianças adoraram, aprenderam a cantiga na perfeição e divertiram-se imenso.

“O jogo é um momento privilegiado de concretização do cancionero infantil, instância que reflecte e subverte o real, manifestando, através do processo de execução, a sua relação com níveis contextuais de natureza social, geográfica, situacional, etária, etc, responsáveis por múltiplas percepções da realidade. Decisiva para a realização do jogo, a voz poético-musical dimana de um corpo cujos movimentos a continuam, prolongam e reforçam” (Nogueira, 2007, p. 6).

Após ler esta afirmação de Nogueira e de observar como as crianças reagem aos jogos tradicionais, concluo que a transmissão destes jogos está a ficar perdida porque os Educadores deixaram de as transmitir, ou de lhes dar a importância devida.

Referências Bibliográficas: Nogueira, C. (2007). *Aspectos do cancionero Infantil e Juvenil de transmissão Oral* (1ª Edição). Lisboa: Apenas – livros.

Modelo dos questionários

MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO ENSINO PRÉ-ESCOLAR

Relatório Final de Mestrado: *“Como são usufruídas as rimas e as cantigas tradicionais infantis em contexto de Jardim de Infância?”*

Orientador: Joana Duarte

Orientando: Vânia da Conceição Mendes

Profissional da Educação

Educador de infância ☐

Auxiliar de ação educativa ☐

Responda tendo sempre em mente a valência de Jardim de Infância. Obrigado.

1. O que ouvem as suas crianças em sala?

Música indiferenciada-rádio ☐

Rimas infantis ☐

Músicas infantis em voga (caricas; xana toc,toc) ☐

Cantigas tradicionais infantis ☐

Géneros específicos ☐

Especifique:

2. Justifique porque utiliza como recurso pedagógico as opções anteriores.

3. Na sua opinião, qual a melhor tipologia para o desenvolvimento da linguagem da criança em idade de Jardim de Infância? Justifique.

4. Acha possível trabalhar rimas e cantigas tradicionais infantis em Jardim de Infância? Justifique.

Sim ☐

Não ☐

5. Como trabalha\trabalharia as rimas e cantigas tradicionais infantis com as crianças?

6. Como vê o repertório dos profissionais da educação de infância?

Muito baixo ☐

Baixo ☐

Médio ☐

Alto ☐

Excelente ☐

7. Que sugestões faria para aumentar o repertório dos profissionais de educação de infância?

Respostas dos profissionais no ativo

Educadores de Infância

1.

O que se ouve em sala				
<i>Indiferenciada - rádio</i>	<i>Rimas infantis</i>	<i>Infantis em voga</i>	<i>Cantigas tradicionais infantis</i>	<i>Géneros específicos</i>
X		X	X	
				X
			X	
X	X		X	
X		X	X	X
		X		Clássica
X	X		X	Clássica
X	X	X		X
	X	X		
	X		X	
X		X		X
X			X	
X	X		X	
X	X		X	X
				X

2.

Justificação dos modelos utilizados
Gosto de variar o tipo de música que lhes dou a ouvir, não só algo que eles conheçam para que também se habituem a outros géneros.
As crianças necessitam de ouvir todos os géneros musicais para aumentar a sua sensibilidade musical, conhecimento e diversidade cultural.
Porque geralmente os pais e amigos não costumam ouvir este tipo de música.
A música desenvolve diferentes competências no desenvolvimento da criança. É importante que a criança se depare com diferentes modelos musicais, o que a vai ajudar também a nível de linguagem.
Porque são as músicas que as crianças mais gostam e para terem uma maior variedade musical.
Com o objetivo de desenvolver vocabulários, melhorar articulação, estimular a memória e o sentido rítmico. A música clássica como forma de relaxamento ao movimento corporal.
Porque é importante dar-lhes a conhecer todos os tipos de música, contribui para o seu desenvolvimento.
Porque na minha opinião as crianças devem ter conhecimento dos vários géneros musicais e conviver com isso no dia-a-dia.
Utilizo os modelos musicais escolhidos como instrumentos de sonoridade para terem a noção de ritmo, melodia, ouvir as palavras em rima ou em prosa.

Porque na minha opinião é mais relevante para as crianças entrarem em contacto com as tradições orais e rimas por impulsionarem o desenvolvimento da linguagem das crianças e por o seu conteúdo na minha perspectiva ser mais enriquecedor.
Considero que é importante que as crianças tenham acesso a vários géneros musicais, como indico em cima, uma vez que creio ser essencial, por um lado, estarem acostumadas a vários estilos, como também, terem conhecimento da variedade musical que vai existindo ao longo do tempo. Por estes motivos principais, tanto é possível ligar o radio e dar a escutar as músicas populares e atuais, como também colocar músicas infantis, cuja letra lhes faz sentido, e se identifica com as suas brincadeiras e imaginação.
Acho importante a existência de outros ritmos musicais na vida da criança, pois não são só as músicas infantis que lhes são importantes.
Penso que as crianças devem ouvir e conhecer vários géneros musicais para uma melhor aquisição dentro deste tema. Um bom ouvido pode ser uma grande aprendizagem da criança.
Penso que todos os modelos musicais são importantes para o desenvolvimento da criança. Por isso, como Educadora devo dar o conhecimento de todos os géneros musicais. A música é um instrumento bastante importante para o desenvolvimento pois trabalha a concentração, a relação, a autonomia e a boa disposição.
Pois considero ser importante dar a conhecer um leque variado de géneros musicais, desta forma as crianças podem escolher aquela que mais se identificam, sendo ainda esta uma forma de divulgação de diferentes culturas.

3.

Melhor tipologia para o desenvolvimento da linguagem			
<i>Indiferenciada - rádio</i>	<i>Cantigas tradicionais infantis</i>	<i>Infantis em voga</i>	<i>Géneros específicos</i>
	X – Tradicionais mimadas		
			X
	X – Que as crianças percebam \ pedagógicas \ possam dançar		
			X
			X
	X	X	
	X		
			X
	X – Com gestos		
	X		
	X		
	X – Músicas fáceis em termos de Linguagem		
			X
			X
	X		

Justificação
Ajudam as crianças a verbalizar ao mesmo tempo que faz os gestos das canções, começando mais cedo a verbalizar as ações do dia-a-dia através da repetição.
Desde que a letra seja perceptível.
Músicas que as crianças percebam, que sejam pedagógicas no sentido de melhorar a sua linguagem e que possam dançar para ficarem mais desinibidos. É importante para o seu crescimento que se sintam crianças mais autónomas e desinibidas, para poderem alcançar pequenas metas a seguir.
Todos são importantes não há nenhum específico.
Todas as músicas têm capacidade para desenvolver a linguagem da criança, desde que faladas na língua “Portuguesa”.
São músicas com conteúdos e rimas. Aumentam o vocabulário da criança, brinca-se com os sons e aprende-se (transmissão de conhecimentos, desenvolvimento da imaginação).
Lengalengas e rimas infantis podem ajudar na consciência fonológica.
Porque através de estarmos a cantar estamos também a desenvolver a linguagem.
Considero lúdico, são momentos descontraídos com componente pedagógica.
Por estes brincarem com as terminações das palavras, motivando o grupo a desenvolver a sua linguagem e a encontrar palavras com a mesma terminologia.
Dado que as letras das músicas, ao serem em português, e estarem de acordo com a mentalidade das crianças, as mesmas se apercebem e apropriam rapidamente da sua letra, cantando-a, ou seja, expressando-se oralmente.
Para o desenvolvimento da linguagem da criança em idade de Jardim de Infância acho importante a utilização de músicas fáceis em termos de linguagem pois nem todas as músicas são de qualidade.
Como disse anteriormente para um melhor conhecimento de diferentes músicas.
Penso que não existe um melhor género musical pois como atualmente vivemos numa sociedade multicultural, todos os estilos musicais servem para o desenvolvimento da linguagem da criança.
Penso que todos os géneros contribuem de alguma forma para o desenvolvimento serão rimas, lengalengas, jogos de palmas etc., pois têm uma linguagem mais acessível e familiar para as crianças. Não quero com isto afirmar que os outros géneros também não são importantes.

4.

É possível trabalhar rimas e cantigas tradicionais em Jardim de Infância?		
Sim	Não	Justificação
X		As crianças têm uma capacidade de aprendizagem fascinante, portanto tudo pode ser treinado e aprendido.
X		Principalmente nos bairros onde as marchas fazem parte das vivências mais felizes destas famílias e onde estas músicas são ouvidas e cantadas podendo desta forma envolver também as famílias no trabalho com o equipamento de Infância.

X		São crianças muito interessadas nestas idades, já conseguem cumprir regras e ouvir com atenção o que se pretende e gostam muito que sejam valorizados, tentando fazer o melhor que conseguirem.
X		As rimas sejam tradicionais ou não são um grande potencial de desenvolvimento Linguagem
X		As Rima tradicionais ajudam no desenvolvimento da Linguagem e na articulação das palavras
X		São como pequenas histórias ditas a rimar. Desenvolve-se a consciência fonológica.
X		É apelativo para as crianças.
X		Através das rimas tradicionais podemos com as crianças desenvolver muito da prática pedagógica, juntando também assim a parte lúdica.
X		A valência de Jardim de Infância é muito rica em versatilidade, podendo ser trabalhado tudo o que seja música.
X		Porque ao desenvolvermos atividades com as rimas tradicionais estamos a promover e a interligar outras áreas, nomeadamente o conhecimento do seu corpo com a motricidade grossa, a expressão plástica, etc. É também uma forma de dar a conhecer outras formas de texto como os contos e lendas.
X		Creio que é totalmente possível trabalhar rimas tradicionais e que muitas são propícios ao desenvolvimento da linguagem, pelo seu ritmo e repetições. Ao proporcionarem as rimas, as repetições, a comédia (algumas), estimula à sua oralidade. As crianças, por norma, se for comédia, ou se for conhecida, aderem bastante bem à sua expressão.
X		Acho importante e interessante trabalhar-se as rimas tradicionais pois hoje em dia, há poucos educadores que o fazem e isso faz com que a criança não se interesse por outros modelos de texto. As rimas não só são divertidos como transmitem ideias de sociedade.
X		Tratando este tema de maneira lúdica penso que é possível apresenta-lo às crianças.
X		Penso que é possível trabalhar qualquer tipo de Rimas Tradicionais pois é algo que faz parte da cultura e faz com que a criança se sinta mais conhecedora da mesma, desenvolvendo assim a linguagem e a relação.
X		Além de muitas delas terem uma linguagem bastante acessível para as crianças, têm ritmos diferentes que despertam o interesse delas.

5.

Como trabalhar rimas e cantigas infantis com as crianças
Através de marchas, jogos tradicionais e canções mimadas.
Talvez fazendo uma marcha com o grupo de crianças e as suas famílias com a participação num evento, mas tudo depende do grupo de crianças que estamos a trabalhar, gostos, interesses, vivências...
Talvez numa altura alusiva a estas músicas como os santos populares. Ouvia as músicas em grupo, escolhíamos a música que iríamos apresentar e a partir daqui combinávamos as metas a seguir.

Em contexto de manta, pequeno ou grande grupo.
Depende do grupo e da faixa etária do mesmo.
Envolvendo as crianças, recorrendo a vários tipos de expressão.
Jogos, danças, expressões, canções, dramatizações.
Diariamente são cantadas no momento da manta algumas cantigas, e também podemos pôr no rádio a fim de as conhecerem. Por vezes são também utilizados instrumentos musicais ou então fazemos diversos jogos.
Constituía pares de crianças, trabalharia a lateralidade a organização no espaço, a coordenação motora.
Promovo com este género musical, atividade lúdicas e dinâmicas, tendo em conta o desenvolvimento e faixa etária do grupo e os objetivos que pretendo que sejam atingidos. Ressalvo a importância de interligar os diferentes conteúdos com a expressão musical.
As quadras e lengalengas, por exemplo, abordaria após um trabalho, em que a sua temática se encontrasse numa das rimas tradicionais, ou uma palavra que se salientasse com esse mesmo trabalho. Porém, a poesia trabalharia para iniciar uma temática ou somente para contar uma história, por exemplo.
Para trabalhar as rimas tradicionais poderia fazer jogos de palavras, trabalhadas em grupo, criação de teatros.
Poderia fazer semanas temáticas para que vários géneros musicais fossem apresentados e faria um trabalho final onde exporia tudo o que as crianças aprenderam e gostaram do tema.
Criaria um projeto a desenvolver ao longo do ano letivo e através de jogos tradicionais.
Atualmente o que faço é em determinados momentos ao longo do dia (acolhimento, alimentação, etc.) digo, em conjunto com as crianças, algumas lengalengas e ou rimas, fazendo destas parte da rotina das crianças. Paralelamente a isto temos um projeto na sala, onde estamos a desenvolver uma pesquisa com a ajuda da família e comunidade escolar, sobre este género de música, com o objetivo último de fazermos uma seleção daquelas que mais gostamos para posteriormente fazermos uma apresentação.

6.

Repertório dos profissionais de Educação				
<i>Muito Baixo</i>	<i>Baixo</i>	<i>Médio</i>	<i>Alto</i>	<i>Excelente</i>
		X		
	X			
		X		
		X		
			X	
		X		
		X		
		X		
		X		
		X		

		X		
	X			
	X			
	X			
X				

7.

Sugestões para aumentar o repertório dos profissionais
Tendo mais atenção às tradições portuguesas, realizar marchas nas festas da escola, jogos tradicionais e pequenos jogos mimados com canções infantis, para não se perder os velhos costumes.
Mais formação na área da música e com mais qualidade (não infantilizadas).
Informarem-se melhor das músicas antigas e modernas, mais apropriadas para as crianças.
Na sua formação inicial haver da parte das escolas uma maior aposta neste sentido.
Acho que o repertório é adequado, não necessita de ser aumentado.
Publicações (áudio), formação
Pesquisas intencionais em cancionário.
Na minha opinião não é um assunto que na maioria das vezes se dá muito destaque no trabalho diário e na maioria as educadoras restringem-se às músicas infantis. Penso que se deveria abrir maior ângulo para os diversos géneros de música, investir mais na música através de jogos, trabalhinhas, etc.
Talvez com ações de formação realizadas por profissionais de música onde nos dessem canções e coreografias possíveis para as idades de Jardim de Infância.
As sugestões são: formações para educadores que auxiliem os mesmos, a realizarem as escolhas mais adequadas em relação a este tema. A possibilidade de se criar um site com músicas que sejam adequadas ao Jardim de Infância, sendo as mesmas categorizadas por temas.
Uma educadora, no rol de profissionais de uma instituição poderia estar responsável por estar atenta a novidades musicais, e frequentemente, dialogar a todas as colegas.
A principal atitude é o aprender com os outros e com eles próprios e não pensarem que a aprendizagem terminou.
Um maior conhecimento por parte do educador e um maior interesse por parte da instituição.
Penso que tanto os profissionais de Educação de Infância como as instituições deviam preocupar-se com a formação contínua e mesmo nas faculdades devia haver uma maior aposta tanto na área da música como nas restantes expressões.
Seria importante criar ações de formação sobre música para os profissionais de Educação.

Auxiliares de Ação Educativa

1.

O que se ouve em sala				
<i>Indiferenciada - rádio</i>	<i>Rimas infantis</i>	<i>Infantis em voga</i>	<i>Tradicionais infantis</i>	<i>Outros géneros específicos</i>
X	X	X		X
X	X	X		Clássica
X	X		X	X
X	X	X		
				X
	X	X	X	X
	X	X	X	X
X		X	X	Clássica
		X		Clássica
X			X	X
	X			X
X	X		X	
				X
X		X	X	
X	X		X	

2.

Justificação dos modelos utilizados
As crianças da minha sala adoram música tradicional e como veem bastante televisão também adoram o que lhes é “vendido”. Tento que elas oiçam todo o tipo de música.
Por serem as de mais fácil acesso e das quais tenho conhecimento.
Porque considero importante que as crianças tenham contato com os mais vários géneros de músicas, de forma a aumentar o seu repertório musical.
Porque são variados géneros musicais e alegra a criança tornando o ambiente mais divertido.
Promover e abranger o conhecimento da criança.
Alegria, movimento, preferências, sons...
Dançar, cantar, animação
Por gosto pessoal, porque estão em voga e eles gostam, porque auxiliam a descontrair à sesta, etc.
Como calmante, pois ajuda a relaxar e como forma de entretenimento e expressão corporal.
Porque gostam de ouvir música, ficam felizes e contentes.
A música que se escolhe no sono (sesta) é uma música calma para eles poderem relaxar. Músicas mais mexidas é para se aperceber a motricidade de cada criança e audição.
As crianças adoram ouvir músicas, e dançar.
Para as motivar a gostar de todo o tipo de música

Para ajudar o desenvolvimento da linguagem das crianças e por elas gostarem também muito de música.

As Rimas Infantis e músicas tradicionais transportam para a criança a sua língua mãe, são de rimas curtas e fáceis para as crianças as compreenderem e poderem cantar. A música de rádio porque, na rádio existem vários géneros musicais em várias línguas, podendo a criança indo apreendendo algumas palavras, mesmo que não saiba o seu significado, o que lhe aguçar a curiosidade.

3.

Melhor tipologia para o desenvolvimento da linguagem			
<i>Indiferenciada - rádio</i>	<i>Tradicionais infantis</i>	<i>Infantis em voga</i>	<i>Outros géneros específicos</i>
		X - musicais	
	X		
	X		
	X		
			X
			X
			X
			X
	X – Temas infantis		
	X		
	X – Canções de crianças		
	X		
			X
			X
	X		

Justificação

As peças musicais do foco musical são dos géneros musicais infantis com mais qualidade em Portugal, pois juntam à música, problemas do nosso planeta como reciclagem, ambiente, água, etc. pois nestes casos as crianças ao cantarem estão a captar mensagens importantíssimas.

Por darem para trabalhar múltiplos aspetos da linguagem.

Pois permitem que as crianças entrem em contacto com a musicalidade das palavras. As rimas\ lengalengas são por vezes extensas e com palavras complexas, porém as crianças têm a capacidade de as vir a decorar, sendo capazes de as reproduzir posteriormente.

Pois é o que mais se identifica com a criança, pois na maioria das vezes estimula a imaginação.

A criança aprende e desenvolve a linguagem ao ouvir os vários géneros, mas dentro de cada género deve ouvir as letras mais adequadas possíveis.
Porque todos os géneros musicais estimulam a linguagem da criança.
Porque todos os géneros musicais estimulam a linguagem da criança.
Ouvindo a música e as palavras eles repetem, imitam, aprendem e logo desenvolvem a linguagem.
Alguns temas infantis ajudam a desenvolver, assim como o falar e repetir frases e palavras-chave.
Leva-os a repetir e pensar em frases que rimem.
Todo o tipo de música de crianças, como “Atirei o pau ao gato”, “Balão sobe, sobe”, “senhor comandante” são músicas que eles vão aprendendo e cantando utilizando os ouvidos, mãos, pés, etc.
São músicas que todas as crianças sabem e gostam de cantar.
Porque todos os géneros musicais estimulam a linguagem da criança.
Todos os géneros de música ajudam o desenvolvimento da linguagem das crianças em todas as idades.
Porque estas são na língua mãe da criança, assim como de rimas curtas e fáceis para as crianças as compreenderem e poderem cantar.

4.

É possível trabalhar Rimas Tradicionais em Jardim de Infância?		
<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Justificação</i>
X		Sendo rimas simples consegue-se
X		É possível trabalharmos tudo e mais alguma coisa em Jardim de Infância, basta saber como fazê-lo de modo a proporcionar bons momentos de aprendizagem.
X		Pelas razões referidas nas questões anteriores. Facilita o contacto das crianças com a língua materna (ou não-materna) e a sua apreensão.
X		De modo a que se possa fazer uma rima relacionada com a escola.
X		Acho possível trabalhar qualquer género musical com alguma criatividade.
X		
X		
X		Através de jogos de palavras, batimentos de palmas, imitação de sons.
X		Através de jogos, palavras e até de linguagem gestual.
X		Porque é importante.
X		Já se vai trabalhando aqui muito a sua motricidade e esperteza de cada criança no seu desenvolvimento e muito que se enganem não há problema vai-se fazendo até se conseguir.
X		É importante para a motricidade geral.
X		Porque fazem parte da tradição do país e é importante que as crianças as conheçam, para esta não se perder de geração para geração.

X		
X		São rimas com bastante versatilidade, sendo fáceis de adaptar a cada grupo.

5.

Como trabalhar rimas infantis com as crianças
Não trabalho com este género musical e depende do grupo, ajustar-se-ia a metodologia ao trabalho a realizar.
Em momento de descontração, no tapete, tornando o momento lúdico, com o auxílio de movimentos.
Tal como se conta a história de um livro, também é possível partilhar uma rima\lengalenga\poesia. Por isso, numa primeira fase é necessário estabelecer o contato entre este género musical e as crianças, e posteriormente trabalhá-la a vários níveis, caso seja possível\ necessário.
De vários modos
Alterando as letras e adequa-las à criança, com coreografias animadas.
Da maneira antes especificada.
Da mesma utilizando jogos e linguagem gestual.
Na manta, no recreio (pátio)
Nós auxiliares não trabalhamos muito as músicas com cada criança é mais as educadoras que começam com o apoio da auxiliar da sala. Mas faz-se muito em sala diariamente desde que estejamos com eles.
Em sala.
Em grande e pequeno grupo.
No pátio ou na sala com todo o grupo, sentados na manta ou com a ajuda de jogos e danças. Seria uma tarefa divertida.
Jogos de roda e teatros

6.

Repertório dos profissionais de Educação				
<i>Muito Baixo</i>	<i>Baixo</i>	<i>Médio</i>	<i>Alto</i>	<i>Excelente</i>
		X		
		X		
		X		
				X
			X	
			X	
			X	
		X		
		X		

				X
				X
				X
			X	
				X
	X			

7.

Sugestões para aumentar o repertório dos profissionais
Mais uma vez recomendo foco musical.
Uma base de dados on-line, onde todos os educadores\ professores e, não só, quem assim entendesse, colocasse as músicas \rimas, etc., que conhecesse. E também na formação de educadores, deviam ser ensinadas mais músicas.
Maior divulgação de géneros, formações de como trabalhar os vários géneros em Jardim de Infância.
Formação contínua.
Formação contínua.
Formação contínua.
Sempre em cada vez mais através de várias formações na área.
Incentivando mais a utilização da música como ferramenta no desenvolvimento quer da linguagem quer corporal.
Não tenho sugestões nenhuma a dar.
Nada a dizer, cada um no seu lugar.
Penso que está num bom patamar, por isso não necessita de ser aumentado.
Realizando mais jogos e danças com as crianças com músicas que eles gostassem e não deixarem que as crianças percam o gosto da música e dos jogos tradicionais.
Maior investimento por parte das instituições formadoras de educadores infância e Auxiliares de ação educativa na passagem de músicas tradicionais e rimas infantis.

Canções de Berço

Textos recolhidos do livro *Canções de Embalar cultura e tradição: um estudo sobre (con)textos da maternidade na (e)terna lírica popular* de Anabela Canez

Ó ó ó
Teu pai foi ao eiró
Tua mãe à borboleta
Cala cala meu menino
Que ela te vem dar a teta.

Ó ó
O menino tem soninho
E o seu sono não quer vir
Venham os anjinhos do céu
Ajuda-lo a dormir.
Ó ó.

Ó ó ó
Teu pai foi ao eiró
Com a vara de agulhão
P'ra matar o perdigão
Ó ó

Cala cala meu menino
Que a mãezinha logo vem
Foi lavar os cueirinhos
À fontinha de Belém
Ó ó.

(II. 5)

Dorme, meu filho, no berço
Onde dormiu tua mãe,
Qu'ele inda sirva um dia
Para teus filhos também. (I.176)

O meu menino é um anjo,
O teu é um passarinho:
O meu voa para o céu,
E o teu voa par o ninho. (I. 26)

Passarinhos vinde em bando
A ver um anjinho tão lindo,
Que a mãe está embalando
Contente de o ver dormindo. (I. 222)

Embala, José, embalo,
Embala este menino:
Ele não chora de sono,
Chora porque é pequenino. (I. 67)

Ó José, embala o menino
Co`a mão, nanja co`o pé,
Qu`esse menino qu`embalas
É Jesus de Nazaré. (I. 66)

Embala, berço, embala,
Com pauzinho de oliveira,
Embala-me esta menina,
Que a quero meter freira. (I. 159)

Dorme, dorme, minha neta,
Se não, não sou tua amiga.
Dorme, que eu te embalo o berço,
E te canto uma cantiga. (I. 177)

Dorme, dorme, meu amor,
E cala-te meu chinchinho,
Para teu pai não te dar
Palmadinhas no cusinho. (I. 161)

Coitadinho do meu menino,
Coitadinho que assim chora,
Fizeram-lhe a cama curta
Tem os pezinhos de fora. (I. 117)

Quem tem meninos pequenos
Alivia a solidão;
De dia tem-nos nos braços,
De noite no coração. (I. 108)

Quem tem meninos pequenos
Sempre tem consolação;
De dia tem-nos nos braços,
De noite no coração. (I.132)

Ró, ró, meu menino,
Dorme e descansa:
Tu és o meu alívio
E a minha esperança. (I. 150)

Rouxinol do bico negro,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino,
Que está no sono primeiro. (I. 211)

Que está no sono primeiro,
Que está no primeiro sono:
Vai-te embora, passarinho
Deixa a flor do resmôno. (I. 207)

Quando eu era solteirinha,
Usava fitas e laços:
Agora, que sou casada,
Trago o meu filhinho nos braços.
(I. 164)

O meu menino é um anjo,
Deu-m`o Deus da natureza:
Por isso é que no meu coração
Nunca entra tristeza. (I. 23)

Dorme, dorme, meu filhinho
Meu anjinho inocente,
Dorme tu, meu queridinho,
Que a mamã está contente. (I. 26)

Dorme, dorme, meu menino,
Sem pressa de acordar;
O mundo é grande e tu tens
Muito tempo p`ra chorar. (I. 154)

Quando uma criança dorme
Vela a mãe o seu dormir;
Rodeando-a de cuidados,
P`ro filhinho não cair. (I. 107)

Ó meu menino pequeno,
Todos te chamam pequeno...
Só para mim tu és tão grande
Pelo amor que te tenho. (I. 125)

Faz ó-ó, ó meu menino,
Que te quero ir deitar,
Numa caminha bem fofa
Teu corpinho consolar. (I. 137)

Neste berço de descanso,
Descansa o corpo gentil,
Dorme, dorme, meu menino,
Bela flor do meu abril. (I. 151)

Tenho num berço de rosas
Um anjinho, filho meu,
Com as suas faces mimosas
Parece um anjo do céu. (I. 27)

Rola, rola, meu filhinho,
No teu berço de alecrim...
Lençóis de cambraia fina,
Cobertores de cetim. (I. 139)

Mais vale ser mulher casada,
De noite engalhar meninos,
Do que ser freira professora
E à noite tocar os sinos. (I. 131)

E a minha mãe me deitava
Na sombra daquele sardão
E aquela pobre velhinha
Me cantava aquela canção. (I. 167)

A cantiga do ró ró
Minha mãe (avó) m'a ensinou;
Quando eu estava no berço,
Logo m'a ela cantou. (I. 165)

Ai lé lela, ai lé lela,
Ai lé lela, ai lé ló,
E é la purmeira cantiga
Que m'ansinou la mi'abó. (I. 166)

Nana, nana, meu menino,
Qu'a tua mãi logo vem:
Foi lavá`los teus paninhos
À fontinha de belém. (I. 138)

Se o menino tem sono,
Vá para o seu bercinho;
Eu vou chamar a mamã
Para lhe dar um beijinho.

O meu menino é um anjo,
Deu-m`o Deus, não o mereço:
Todos dizem que o venda...
Anjos do céu não têm preço. (I. 22)

Ó meu menino bonito
Ó meu anjinho do Céu
Quem tem cabelinho d`oiro
Não precisa de chapéu. (I. 35)

Passarinhos, vinde todos,
Vinde já cantar em bando.
Para adormecer o anjo
Que a mãe está embalando. (I. 31)

Dorme, dorme, meu filhinho,
Meu anjinho inocente,
Dorme tu, meu queridinho,
Que a mamã está contente. (I. 27)

A mãe canta temendo pela sina do filho

Toda a mãe que tem filho,
Razão tem para chorar
Que não sabe ainda a sina
Que Deus tem para lhe dar. (I. 105)

Quem tem meninos pequeno,
Por força que há-de cantar:
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar! (I. 100)

Porque choras, meu menino,
Porque choras, meu amor?
As tuas lágrimas cortam
O meu coração com dor. (I. 111)

Cal`te meu anjinho
Cal`te meu amor
Que a faca que corta
Dá golpe sem dor. (I. 31)

Dorme meu anjinho
Dorme meu amor
Quantas vezes canto
A chorar de dor? (I. 32)

Dorme, dorme, meu anjinho,
Fecha os olhos meu bem,
Antes que maus olhos vejam
O filho que a gente tem. (I. 30)

Reza ou superstição

Quando uma criança dorme,
Vêm os anjos, a sorrir,
Abrir as portas do Céu,
Para Deus a ver dormir. (I. 16)

Dorme, dorme, minha neta
E tu fuso, fia, fia...
Eu fio à minha candeia
E rezo à Virgem Maria. (I. 177)

Ó meu menino ru-ru
Cantam os anjos
E dormes tu
Ó...ó...ó... Ó...ó...ó...
O ru-ru ó ru-ru-u-u
Ó ru-ru ó ru-ru ó ru-ru , meu bem.

Dorme, dorme meu menino,
Nesse bercinho dourado
Vai dormir com Jesus Cristo
Um soninho descansado

O meu menino tem sono
Mas não se quer dormir
Hei-de levá-lo aos anjos
Que logo o fazem dormi. (I. 7)

O meu menino te sono,
Mas o sono não lhe quer vir:
Venham os Anjos do Céu
Ajudá-lo a dormir. (I. 6)

Meu menino tem sono,
Tem sono, quer velar;
Venham os Anjos do Céu
Ajudá-lo a embalar. (I. 5)

Meu menino tem sono,
Tem sono e quer dormir:
Venham os Anjos do Céu
Com roupa para o cobrir. (I. 3)

Meu menino quer dormir;
Ninguém o venha acordar,
Só os anjinhos do céu
O venham acompanhar. (I. 20)

O meu menino é de oiro,
D'oiro é o meu menino:
Hei-de entregá-lo aos Anjinhos
Enquanto é pequenino. (I. 10)

O meu filho quando dorme
Sonha com um doce porvir,
Vêm os Anjos do Céu
Só para o verem sorrir. (I. 17)

O meu filhinho é mais bonito
Do que a rosa quando abre.
Toda a gente gosta dele,
Nossa senhora m'ò guarde. (I. 126)

Nossa senhora da lapa
Amparaí o meu menino,
Ele inda não pode andar
Ele inda é tão pequenino. (I. 58)

Queridinha Mãe da Ajuda
Ajudai-me a embalar
Este filhinho que chora
Para ele se calar. (I. 53)

Dorme, dorme meu chinchinho,
Dorme, dorme, meu amor
Sonha e ri, com teu anjinho.
Pede por nós ao criador. (I. 142)

Dorme, dorme meu menino
Um soninho, descansado
Que o Anjo da tua guarda
Vela por ti a teu lado. (I. 143)

Quando a mãe está cansada e/ ou com muitos afazeres

Só à meia-noite durmo
Um soninho descansado,
Quando os filhos 'stão dormindo
E o marido está deitado. (I. 133)

O meu menino tem sono;
Quem o há-de acalantar?
O pai foi para a fazenda
E a mãe não tem vagar. (I. 119)

Dorme, dorme meu menino,
Que o teu sono é inocente;
O paizinho foi-se embora,
E a mãezinha está doente. (I. 144)

Rola, rola, meu menino,
Quem te há-de dar a mama?
O teu pai foi pr'ó moinho,
Tua mãe caiu na cama. (I. 145)

Meu filhinho, adormece,
Não me faças mais cantar,
Quero ir fazer a ceia
Antes de teu pai chegar. (I. 152)

Dorme, dorme, meu filhinho,
Porque eu tenho que fazer;
Quero ir ganhar pão
Que precisamos comer. (I. 147)

De medo – papão

Vai-te daí, ó papão,
De cima desse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado. (I. 190)

Ó Papão, vai-te embora,
D´ai desse cantinho,
Deixa dormir o menino
Um soninho pequenino. (I. 188)

Ó meu filhinho, dorme, dorme...
Olha o papão que além está...
- ó papão vai-te embora,
que o menino dorme já! (I. 179)

Cala-te meu bem, não chores,
Pode chegar o papão
E ir-te deitar ao mar
Amarrado num cordão. (I. 198)

Vai-te ó papão,
No saco que é teu
Leva os outros todos
Mas deixa o meu. (I. 193)

Dorme, dorme, meu amor,
O teu sono descansado,
Que o papão já não te leva
No seu saco remendado. (I. 196)

Vai-te embora, ó Papão,
Que o menino não `stá cá:
Foi para casa da tia,
Deus sabe quando virá! (I. 180)

Vai-te embora Papão velho,
Vai-te embora Papão novo:
Não leves o meu menino
Para a boca do lobo. (I. 181)

Vai-te embora Papão feio,
Não queiras ser mau:
Se não deixas dormir o menino,
Vou bater-te com um pau. (I. 197)

Ó papão vai-te embora,
Tira-te d'aí:
Menino bonito
Não é para ti. (I. 182)

Vai-te embora, papão negro,
Não papes o meu menino,
Que ele não chora por sopas,
Chora porque é pequenino. (I. 185)

Vai-te embora, ó papão feio,
Não nos queiras atentar.
O meu menino é bonito,
Vai já dormir sem chorar. (I. 192)

Vai-te embora, Côca, Côca,
Por esses telhados fora,
Deixa dormir o menino
Que está co sono agora. (I. 200)

Menino está quedo,
Que vem a farronca
Que te mete medo. (I. 202)

Vai-te embora, ó Farronca,
Vai-te embora, vai-te embora,
Vai-te embora, ó Farronca,
Que o menino já não chora. (201)

Nas quadras seguintes é dito o nome da criança

- ó José, ó Josézito,
Que é da fita do chapéu?
- Dei-a a Nossa Senhora
Para levar para o Céu. (I. 47)

Aquele pombinho branco
Com o pescoço amar`lado...
Deixa dormir o Zezinho
Um soninho descansado. (I. 210)

Lengalengas

As Lengalengas aqui expostas foram recolhidas do livro *De volta ao continente poético esquecido: as Rimas Infantis*, de Maria José Costa (2012).

Era uma velha que tinha um cão
E debaixo da cama o tinha.
E o cão ladrava
E a velha toda se admirava,
Metade do tempo co'isso se ocupava.
Era uma velha que tinha um porco
E debaixo da cama o tinha.
E o cão ladrava,
E o porco roncava
E a velha toda se admirava,
Metade do tempo co'isso se ocupava,
Era um passo que muito se contava.
Era uma velha que tinha um gato
E debaixo da cama o tinha
E o cão ladrava,
E o porco roncava,
E o gato miava
E a velha toda se admirava,
Metade do tempo co'isso se ocupava,
Era um passo que muito se contava,
Muita parte do povo com isso se ocupava.

“Nasceram dez meninas
Metidas dentro de um fole;
Deu o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão nove.

Essas nove que ficaram
Foram ver passear lo broito,
Deu-lhe o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão oito.

Essas oito que ficaram
Foram ver passear lo valete,
Deu-lhe o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão sete.

Essas sete que ficaram
Foram ver passear lo reis;
Deu-lhe o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão seis.

Essas seis que ficaram
Foram ver passear lo brinco,
Deu-lhe o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão cinco.

Essas cinco que ficaram
Foram ver passear lo rato;
Deu-lhe o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão quatro.

Essas quatro que ficaram
Foram ver passear a rê;
Deu-lhe o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão três.

Essas três que ficaram
Foram ver passear os bois;
Deu-lhe o tangro-mangro nelas,
Não ficaram senão dois.

Esses dois que ficaram
Foram ver passear a procissom;
Deu-lhe o tangro-mangro nelas,
Não ficára senão um.

Essa um que ficou,
Foi ver amassar o pão;
Deu-lhe o tangro-mangro nela,
Acabou-se a geração”

(Braga, 1911, como citado em Costa, 2012,
p. 260)

Disse o galo para a galinha:
 - Casamos a nossa filhinha?
 - Não é nada a gente casá-la,
 Se não tem quem seja noivo!
 Disse o pinto dentro do ovo:
 - Aqui estou eu, serei o noivo!
 - O noivo já nós cá temos,
 A madrinha de onde a haveremos⁽¹⁾?
 Salta a cobra da sua lapadinha:
 - Aqui`stou eu p`ra ser madrinha!
 - Madrinha já nós cá temos,
 O padrinho de onde o haveremos?
 Salta o rato do seu buraquinho:
 - Aqui`stou eu p`ra ser o padrinho!
 - O padrinho já nós temos,
 Dançarinas de onde as haveremos?
 As moscas que andavam no ar:
 - Aqui`stou eu, que é pr`a dançar!
 - Dançarinas já nós cá temos;
 As amassadeiras de onde é que
 haveremos?
 As porcas que andavam no lamaçal:

- Aqui estou eu para amassar!
 - Amassadeiras já nós cá temos,
 Fernejeiras⁽²⁾ de onde é que haveremos?
 As cegonhas que andavam no ar:
 - Aqui estou eu p`ra fernejar!
 - Fernejeiras já nós cá temos,
 Cozinheiras de onde as haveremos?
 Os gatos do seu cinzal⁽³⁾:
 - Aqui estou eu para cozinhar!
 - Cozinheiros já nós cá temos,
 O gaitero de onde é que haveremos?
 Diz o burro do seu outeiro:
 - Aqui estou eu, serei eu o gaitero!
 - Gaitero, já nós cá temos,
 A comida de onde é que haveremos?
 As formigas do seu formigueiro:
 - Aqui estou co`o meu celeiro!
 - A comida já nós temos:
 Agora a lenha de onde haveremos?
 Vem o lagarto de rabo alçado:
 - Aqui`stou eu co`o meu braçado⁽⁴⁾!

(1) A dadora dizia: veremos

(2) Forneiras

(3) Os gatos são muito amigos da cinza do lar. Diz-se de qualquer monte de cinza: «Que cinzal!»

(4) Os lagartos levam pasto sobre o ombro, com o rabo alçado para o segurar; também podiam levar lenha.

Romances

Os Romances que irão ser apresentados de seguida foram recolhidos do Romanceiro Português que aparecerá na bibliografia recomendada.

A NAU CATRINETA

Lá vem a Nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvi, agora, Senhores,
Uma história de pasmar.
Passava mais de um ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar⁽¹⁾.

Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Que a não puderam tragar.
Deitaram sorte à ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cair a sorte
No capitão-general.

- Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real,
Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal.
- Não vejo terras de Espanha,
Nem praias de Portugal.
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.
- Acima, acima gajeiro ⁽²⁾,
Acima ao tope real!
Olha se enxergas Espanha,

Areias de Portugal.
- Alvissaras ⁽³⁾, capitão.
Meu capitão-general!
Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo três meninas
Debaixo dum laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.
- Todas três são minhas filhinhas,
Oh! Quem mas dera abraçar!
A mais formosa de todas
Contigo a hei-de casar.
- A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.
- Dar-te-ei tanto dinheiro,
Que o não possas contar.
- Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.
- Dou-te o meu cavalo branco,
Que nunca houve outro igual.
- Guardai o vosso cavalo,
Que vos custou a ensinar.
- Dar-te-ei a Nau Catrineta,
Para nela navegar.⁽⁴⁾
- Não quero a Nau Catrineta

Que a não sei governar.
- Que queres tu, meu gajeiro,
Que alvissaras te hei-de dar?
- Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar.
- Renego de ti demónio,
Que me estavas a tentar!
A minha alma é só de Deus;

O corpo dou eu ao mar.

Tomou-o um anjo nos braços,
Não o deixou afogar.
Deu um estouro o demónio,
Acalmaram vento e mar;
E à noite a Nau Catrineta
Estava em terra a varar.⁽⁵⁾

-
- (4) Sinónimo de comer, empregado por causa da rima. O sentido deste verso é igual ao do verso anterior. A variedade está apenas no som.
- (5) Gajeiro é o marinheiro que vigia o mastro e que da gávea (plataforma atravessada no mastro, a certa altura) observa as embarcações ou a terra.
- (6) Significa *recompensa* que se dá a quem nos traz objeto perdidos ou boas novas.
- (7) Hoje dir-se-ia *navegares*.
- (8) Chegar a terra, ancorar.

A BELA INFANTA

Dona Clara, Dona Infanta
Estava no seu jardim,
Penteando tranças de oiro
Com seu pente de marfim,
Sentada numa almofada
De veludo e carmesim. ⁽¹⁾
Botou os olhos ao mar
E avistou formosa armada:
Capitão que a governava
Que bem a traz preparada!
Saltou em terra ele só
Com a viseira calada. ⁽²⁾
Vem saudar a Dona Infanta
Que assim triste lhe falou:

-Viste tu o meu marido
Que há tempo que me deixou?
- Teu marido não conheço,
Diz-me que sinais levou.
- Levou seu cavalo branco
Com sua sela dourada,
Na ponta da sua lança

Uma fita encarnada;
Um cordão do meu cabelo
Que lhe prendia a espada.
Se porém tu não o viste,
Cavaleiro da cruzada,
Ó triste de mim viúva,
Ó triste de mim coitada!
De três filhinhas que eu tenho
E nenhuma é casada.
- Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi;
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera⁽³⁾ aqui?
- Dera-te⁽⁴⁾ tanto dinheiro
Que não tem conto nem fim;
E as telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.
- Não quero oiro ou dinheiro,
Que me não pertence a mim:
Sou soldado, ando na guerra,

(1) Encarnado vivo.

(2) A viseira era a parte do capacete, ou elmo, destinada a proteger o rosto do guerreiro, Viseira calada significa viseira descida.

(3) Hoje diz-se trouxesse.

(4) Corresponde ao condicional dar-te-ia.

Nunca teu marido vi.
Quanto deras mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?
- Dera-te as minhas jóias
Que não têm peso e medida;
Dera-te o meu tear de oiro,
Roca de prata polida.
- Não quero oiro nem prata:
Com o ferro a minha mão lida.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi;
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?
- De três filhas que eu tenho,
Eu tas dera a escolher;
São formosas como a Lua,
Como o sol a amanhecer.
- Eu não quero tuas filhas,
Não me podem pertencer.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi;
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?
- Não tenho mais que te dar
Nem tu mais que me pedir.
- Ainda tens mais que me dar,
Não estejas a mentir;

Tens teu leito de oiro fino
Onde eu quisera dormir.
- Cavaleiro que tal diz
Merece ser arrastado
Em roda do meu jardim,
Aos pés de um cavalo atado.
Vinde cá, criados meus,
Castigai este soldado.
- Não chames teus criados
Que criados são de mim. ⁽⁵⁾
- Se tu és o meu marido
Porque me falas assim?
- Por ver se me eras leal
É que disfarçado vim.
Lembras-te, ó Dona Infanta,
Quando eu daqui saí,
O anel de sete pedras
Que contigo reparti?
Se as tuas não perdeste,
As minhas ei-las aqui.
-Vinde cá, ó minhas filhas,
Vosso pai é já chegado. ⁽⁶⁾
Abri-vos, portão de jaspe, ⁽⁷⁾
Há tanto tempo fechado!
Folgai, folgai, meus vassalos,
Que é Dom Infante a meu lado.

(5) Hoje diz-se: porque são meus criados. A construção aqui em pregada é exigida pela rima.

(6) A construção é já chegado não se usa hoje em dia. Prefere-se a forma já chegou.

(7) Pedra fina de cor branca.

Adivinhas

Recolhidas no livro de Carlos Nogueira (2007) - *Aspectos do Cancioneiro Infantil e juvenil de transmissão oral*, e no livro de Maria José Costa (2012)– *De volta ao continente poético esquecido: as Rimas Infantis*.

Águas claras,

Fontes amarelas,

Casa caiadas,

Ninguém vive nelas,

O que é?

« Ovo

Capelinha branca sem porta nem tranca.

« Ovo

Branco é, galinha o põe.

«Ovo

Branco foi meu nascimento,

Mas sou preta de geração,

Delicada que sou de cinta

E vivo na escuridão.

« Formiga

Qual é coisa, qual é ela,

Mal entra em casa

Põe-se logo à janela?

« Botão

Qual é coisa qual é ela

Que tem um palmo de pescoço,

Tem barriga e não tem osso?

« Garrafa

Sou verde de nação,

Coroaram-me em pequenina;

Do coração me tiraram

Quantas pedras finas eu tinha.

« Romã

Um pai tem doze filhos,

Cada filho tem trinta netos,

Meios brancos e meios pretos.

« Ano, meses, dias (dia, noite)

Qual é coisa qual é ela,

Pequenina como uma abelha,

Enche a casa até à telha?

« Luz

Qual é coisa que quanto maior é,

Menos se vê?

« Escuro

Alto está e alto mora, todos o veem,

Ninguém o adora.

« Sino

Tem dente e não come, dá de comer a quem tem fome.

« Garfo

Tem dentes e não come, tem barba e não é home.

« Alho

Tem pernas e não anda,

Tem asas e não voa,

Tem boca e não fala,

Tem cu e não caga.

« Pote

No monte me criei,

nascida entre verdes laços,

o que mais chora por mim

é que me desfaz em pedaços.

« Cebola

Trava-línguas

Os Trava-línguas aqui expostos foram recolhidos do livro *De volta ao continente poético esquecido: as Rimas Infantis*, de Maria José Costa (2012).

Fui a belas para ver velas,
Mas em belas velas não vi;
Porque as velas qua iam para belas
Eram as velas que iam daqui.

Por cima daquela serra
Vinte e cinco cegos`stão.
Cada cego tem seu moço,
Cada moço tem seu cão,
Cada cão tem seu gato,
Cada gato tem seu rato,
Cada espiga tem seu grão.

Compadre, compre pouca capa:
Quem pouca capa compra,
Pouca capa paga.
Eu comprei pouca capa
E pouca capa paguei.

- Oh menina deste casal,
Diga-me se mora aqui
O padre Pedro Pires Pisco Pascoal?
- Não sei qual é esse Pedro Pires Pisco Pascoal,
Porque aqui nestes casais
Há três padres Pedros Pires Piscos Pascoais.

Era uma velha relha, bufelha, saracotelha e cotrimbelha
Casada c`um velho relho, bufelho, saracotelho, cotrimbelho
Diz a velha relha, bufelha, saracotelha, cotrimbelha
Ò velho relho, bufelho, saracotelho, cotrimbelho:
- Vamos à caça raça, bufaça – cotrimbaça
Dum coelho relho, bufelho, saracotelho, cotrimbelho?

Tenho um ninho nafagafa,
Com trinta nafagafinhos,
Quando o nafagafa vai fora,
Ficam os nafagafinhos
Fazendo uma nafagafarra,
Uma nafagafarra, uma nafagafarra, etc.

O rato roeu a rolha do garrafão do rei da Rússia.

O rato roeu o roupão à Rita e a Rita com raiva arrancou-lhe o rabo.

Quando ele lhe fala da falha, falha-lhe a fala.

Quem pouco pano pardo tem, escassa capa parda faz.

Cantigas infantis

As cantigas infantis são de carácter lúdico, algumas acompanham jogos, outras são acompanhadas por gestos e algumas somente são cantadas pelo simples fator da relação humana.

De roda

Ah, ah, ah minha machadinha
Ah, ah, ah minha machadinha
Quem te pôs a mão
Sabendo que és minha

Sabendo que és minha
Também eu sou tua
Salta a machadinha
Lá p`ro meio da rua

No meio da rua
Não hei-de eu ficar
Hei-de ir à roda
Escolher o meu par

O meu par já eu sei quem é
O meu par já eu sei quem é
É um rapazinho chamado José
É um rapazinho chamado José

Chamado José, chamado João
Chamado José, chamado João
É o rapazinho do meu coração
É o rapazinho do meu coração

Sem contexto aparente – fator humano

Havia um pastorinho
Que andava a pastorar
Saiu de sua casa
E pôs-se a cantar

Dó, ré, mi, fã, fã, fã,
Dó, ré, dó, ré, ré, ré,
Dó, sol, fã, mi, mi, mi,
Dó, ré, mi, fã, fã, fã.

Chegando ao palácio
Rainha lhe falou
“Alegre pastorinho
Teu canto me alegrou”

Dó, ré, mi, fã, fã, fã,
Dó, ré, dó, ré, ré, ré,
Dó, sol, fã, mi, mi, mi,
Dó, ré, mi, fã, fã, fã.

Bibliografia recomendada com textos da tradição oral para uso em Jardim de Infância

- Ataíde de Oliveira, A. (1989). *Contos tradicionais do Algarve*. Lisboa: Veja.
- Braga, T. (1992). *Contos tradicionais do povo português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Canez, A. (2008). *Canções de embalar cultura e tradição: um estudo sobre (con) textos da maternidade na (e) terna lírica popular*. Lisboa: Edições Colibri.
- Coelho, A. (1993). *Contos populares*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Costa, M. (1992). *Um continente poético esquecido: As Rimas Infantis*. Porto: Porto editora.
- Costa, M. (2012). *De volta ao continente poético esquecido: As Rimas Infantis*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cunha, J. (2004). *Raízes musicais de terras e gentes de vinhais*. Vila-Verde: Tradisom.
- Ferrão, A., & Rodrigues, P. (2008). *Sementes de Músicas: musicas para bebés e crianças* (2ª Edição). Alfragide: Editorial Caminho.
- Lopes Graça, F. (1974). *A canção popular portuguesa*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Giacometti, M. (1981). *Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: círculo de Leitores.
- Gil, A., & Gonçalves, A. (2008). *Do canto materno à canção infantil: Novos universos de representação em Matilde Rosa Araujo e José Jorge Letria*. Lisboa: apenas.
- Machado, J. (1996). *O grande livro dos provérbios*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Marvão, A. (1955). *Cancioneiro Alentejano. Corais majestosos, coreográficos e religiosos do baixo Alentejo*. Braga: Tipografia da Editorial Franciscana.
- Ministério da Educação. (1973). *Romanceiro Português* (2ª Edição). Lisboa: Ministério da Educação.
- Moutinho, V. (1996). *Adivinhas populares portuguesas*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Nogueira, C. (2007). *Aspectos do cancioneiro infantil e juvenil de transmissão*. Lisboa: apenas.
- Nunes, M. (1978). *O cancioneiro popular em Portugal*. Amadora: Biblioteca Livre. - Instituto da Cultura Portuguesa.

- Parafita, A. (1999). *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Pedroso, C. (1992). *Contos populares portugueses* (5ª Edição). Lisboa: Veja.
- Pereira, V. (1950). *Cancioneiro de Cinfães*. Porto: Junta de província do Douro-Litoral.
- Pinto, M., Oliveira, J., & Oliveira, C. (2000). *Cancioneiro regional de Lafões*. S. pedro do sul: ALAFUM – Grupo de cantares de Lafões.
- Pocinho, M. (2007). *A música na relação mãe-bebé* (2ª Edição). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sampaio, G. (1944). *Cancioneiro Minhoto*. Porto: Livraria Educação Nacional.
- Serrano, F. (1921). *Romances e canções populares da minha terra*. Braga: TIP. A electricidade de A. Costa & Matos.
- Soromenho, A., & Soromenho, P. (1986). *Contos populares portugueses*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Sousa, J. (2004). *Cancioneiro Entre Mar e Serra da Alta Estremadura*. Leiria: Câmara de Leiria.
- Vasconcellos, L. (1988). *Contos populares e lendas*. Coimbra: Acta Universais Conimbrigensis.
- Weffort, A. (2006). *A canção popular portuguesa em Fernando Lopes – Graça*. Lisboa: Caminho.